

SÉRGIO PORTO & STANISLAW

TRAÇO E LETRA



Textos extraídos de obras de Sérgio Porto
e de Stanislaw Ponte Preta

Ilustrações de Aline Zouvi | Allan Sieber | Aroeira

Andrício de Souza | Bruno Maron | Claudius

Fabiane Langona | João Lin | João Montanaro

Leonardo Lopes | Paulo Cavalca | Velha Cosmo

Participação especial de Jaguar

Realização

pápricadesign


Le Toon Filmes

Patrocínio

 **Rio**
PREFEITURA

Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO
TURISMO

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL



Pábrica Design, Le Toon Studio e Secretaria Municipal de Cultura apresentam

SÉRGIO PORTO & STANISLAW

TRAÇO E LETRA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

B814 Braia, Ilana, Org.
Sérgio Porto & Stanislaw: traço e letra / Organização de Ilana Braia. Textos de Cláudia Mesquita, Duda Porto de Souza, Nathaniel Braia e Álvaro Costa e Silva. Ilustrações de Aline Zouvi, Allan Sieber, Aroeira, Andricio de Souza, Bruno Maron, Claudius, Fabiane Langona, João Lin, João Montanaro, Leonardo Lopes, Paulo Cavalca, Velha Cosmo. Participação especial de Jaguar. Apresentação de Duda Porto de Souza.
Prefácio de Cláudia Mesquita. – Rio de Janeiro: Le Toon Studio, 2021.
177 p.; Il. Disponível na Internet:
<https://sergiostanislawtracoeletra.com.br>
Prêmio a Projetos de Fomento à Todas as Artes. 2020

ISBN

1. Literatura Brasileira. 2. História Social. 3. História Política. 4. Humor. 6. História do Brasil.
7. Ditadura. 8. Porto, Sérgio (1923-1968). 9. Stanislaw Ponte Preta (1923-1968).
10. Humor Gráfico. 11. Humor Crítico. 12. Análise do Discurso. 13. História de Vida.
14. Febeapá. 15. Representação Social. I. Título. II. Braia, Ilana, Organizadora. III. Mesquita, Cláudia.
IV. Souza, Duda Porto de. V. Braia, Nathaniel. VI. Silva, Álvaro Costa. VII. Zouvi, Aline. VIII. Sieber, Allan.
IX. Aroeira, Renato. X. Souza, Andricio de. XI. Maron, Bruno. XII. Claudius. XIII. Langona, Fabiane. XIV. Lin, João. XV. Montanaro, João. XVI. Lopes, Leonardo. XVII. Cavalca, Paulo. XVIII. Velha Cosmo. XIX. Jaguar.
XX. Páprica Design. XXI. Le Toon Studio. XXII. Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro.

CDU 821.134.7(81)

CDD B869.7

SÉRGIO PORTO & STANISLAW

TRAÇO E LETRA

Textos extraídos de obras de Sérgio Porto
e de Stanislaw Ponte Preta

Ilustrações de Aline Zouvi | Allan Sieber | Aroeira
Andrício de Souza | Bruno Maron | Claudius
Fabiane Langona | João Lin | João Montanaro
Leonardo Lopes | Paulo Cavalca | Velha Cosmo
Participação especial de Jaguar

Organização • Ilana Braia

Textos • Cláudia Mesquita, Duda Porto de Souza,
Álvaro Costa e Silva e Nathaniel Braia

Rio de Janeiro, 2021

SÉRGIO PORTO & STANISLAW

APRESENTAÇÃO



O Febeapá vive, mas será que ainda dá pra fazer denúncia com humor? Uma notícia recente na internet diz que o Ministério Público Federal arquivou um inquérito aberto pela Polícia Federal em 2020 contra um jornalista e um chargista por causa de uma crítica ao presidente. No dia anterior, a Defensoria Pública da União entrou com um *habeas corpus* coletivo no Supremo Tribunal Federal para pedir o fim de ações penais e inquéritos baseados na Lei de Segurança Nacional contra uma "autoridade". Estreitar os vínculos do humor textual com o humor visual, proposta desta publicação, é algo a ser estimulado.

Descobri neste livro a frase usada por companheiros de jornal de Sérgio Porto para comunicar uns aos outros a sua morte. "O maior trabalhador do Brasil acaba de bater o pino". A produção de textos em massa teve mesmo uma relação direta com o cansaço do seu coração. Nossos corações também estão cansados, exaustos. O Brasil saiu do mapa da fome e voltou para o mapa da fome. A única certeza é que "o Brasil tem um enorme passado pela frente", palavras de seu grande amigo Millôr Fernandes.

Mas algo extraordinário se fortalece ainda mais na concepção de cidade e cidadania. Na mesma "cidade partida" entre zona sul e zona norte, onde viveram Sérgio e Stanislaw, vozes diversas lideraram as discussões sobre o direito à cidade, tornando a experiência mais coletiva, mesmo frente a adversidades e traumas sem precedentes. A solidariedade voltou a ser prática do cotidiano de muitos, um olhar possível para sua sonhada cidade heterogênea.

A maior crise sanitária do século XXI retomou a importância do jornalismo, e os principais veículos da imprensa lançaram um consórcio inédito como resposta para os absurdos que colecionamos. Precisamos ter a sagacidade de Tia Zulmira, o jogo de cintura do primo Altamirando e o grande coração de Rosamundo. Daqui, desejo e sei que as novas gerações terão o mesmo olhar crítico para a obra de Sérgio Porto que ele teve para o mundo.

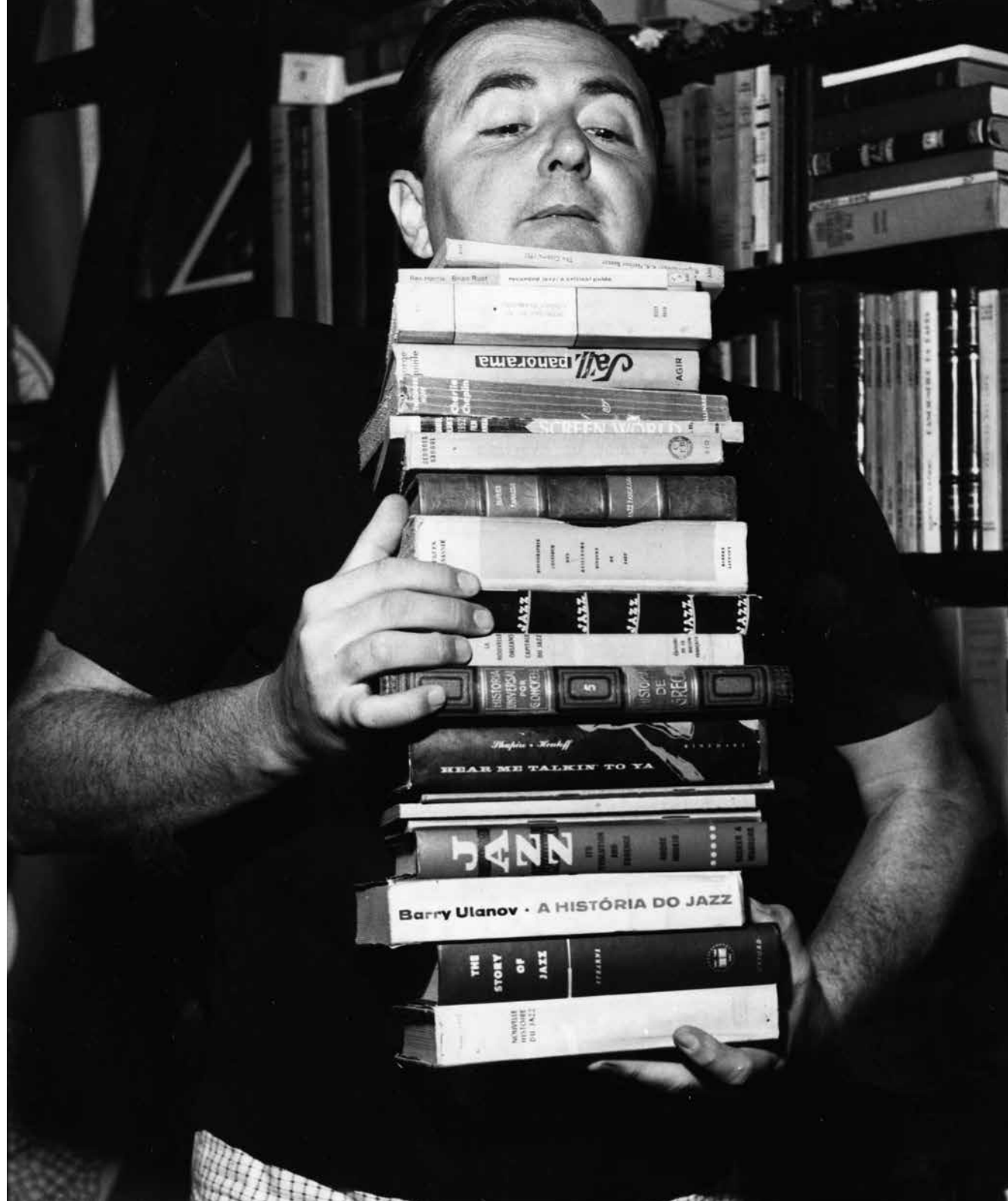
Duda Porto de Souza

Escritora, ativista de direitos humanos e neta de Sérgio Porto.





SÉRGIO PORTO...



Sérgio Marcos Rangel Porto nasceu no bairro carioca de Copacabana, em 11 de janeiro de 1923, filho de Dulce Julieta Rangel Porto e de Américo Pereira da Silva Porto. Já Stanislaw Ponte Preta, heterônimo de Sérgio Porto, passou a existir no *Diário Carioca* — jornal onde o cronista trabalhava — em 1951, “pesando duas laudas datilografadas”. Apadrinhado por Tomás Santa Rosa e Lúcio Rangel, Stan, como também era chamado, teve o seu nome inspirado no personagem Serafim Ponte Grande, de Oswald de Andrade, por sugestão do próprio escritor modernista.

A trajetória de Sérgio Porto coincidiu com a consolidação de um modelo de sociedade urbano-industrial, com o surgimento de modernas tecnologias, uma cultura de massa e novos meios de comunicação. Com atuação em jornal, shows, teatro de revista, rádio, televisão, Sérgio foi artífice desse novo tempo, contribuindo para a renovação da imprensa, da linguagem e do humor.

A fronteira é bem definida entre criador e criatura, no conjunto da obra do escritor. Sérgio, num estilo lírico e nostálgico, discorre sobre a cidade desaparecida da sua infância e mocidade, e indignado, polêmico e apaixonado, escreve sobre o samba e o *jazz*. Já o irreverente e satírico Stanislaw narra, com humor e ironia, os fatos do cotidiano, do país e do mundo, incluindo, política, futebol, a própria imprensa e seus pares, as mazelas da cidade, e as besteiras que assolaram o país, reunidas nos famosos *Febeapás*. Sérgio é de Copacabana, já Stanislaw escolheu a localidade suburbana da Boca do Mato — entre os bairros do Méier e do Engenho de Dentro — para instalar a sua mitológica família Ponte Preta. Abusando da oralidade, do coloquialismo e do riso, Stanislaw estabeleceu uma empatia com os seus leitores, jamais vista por um jornalista em sua época, tornando-se um dos profissionais mais populares e disputados.

Sérgio e Stanislaw pertencem a universos literários e territórios culturais distintos, porém, em nada antagônicos. Ao contrário, unem a zona norte à zona sul da cidade, o morro ao asfalto, o samba aos clássicos do *jazz*, as boates de Copacabana às da velha noite da Lapa. Representam a síntese de uma cultura carioca dos anos de 1950 e 60, feita de lirismo, cordialidade, crítica, irreverência e grande dose de humor.

¹ BONFIM, Beatriz. Um ‘show’ irreverente pelos 15 anos de ausência do irreverente Lalau. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 out. 1983. Caderno B.

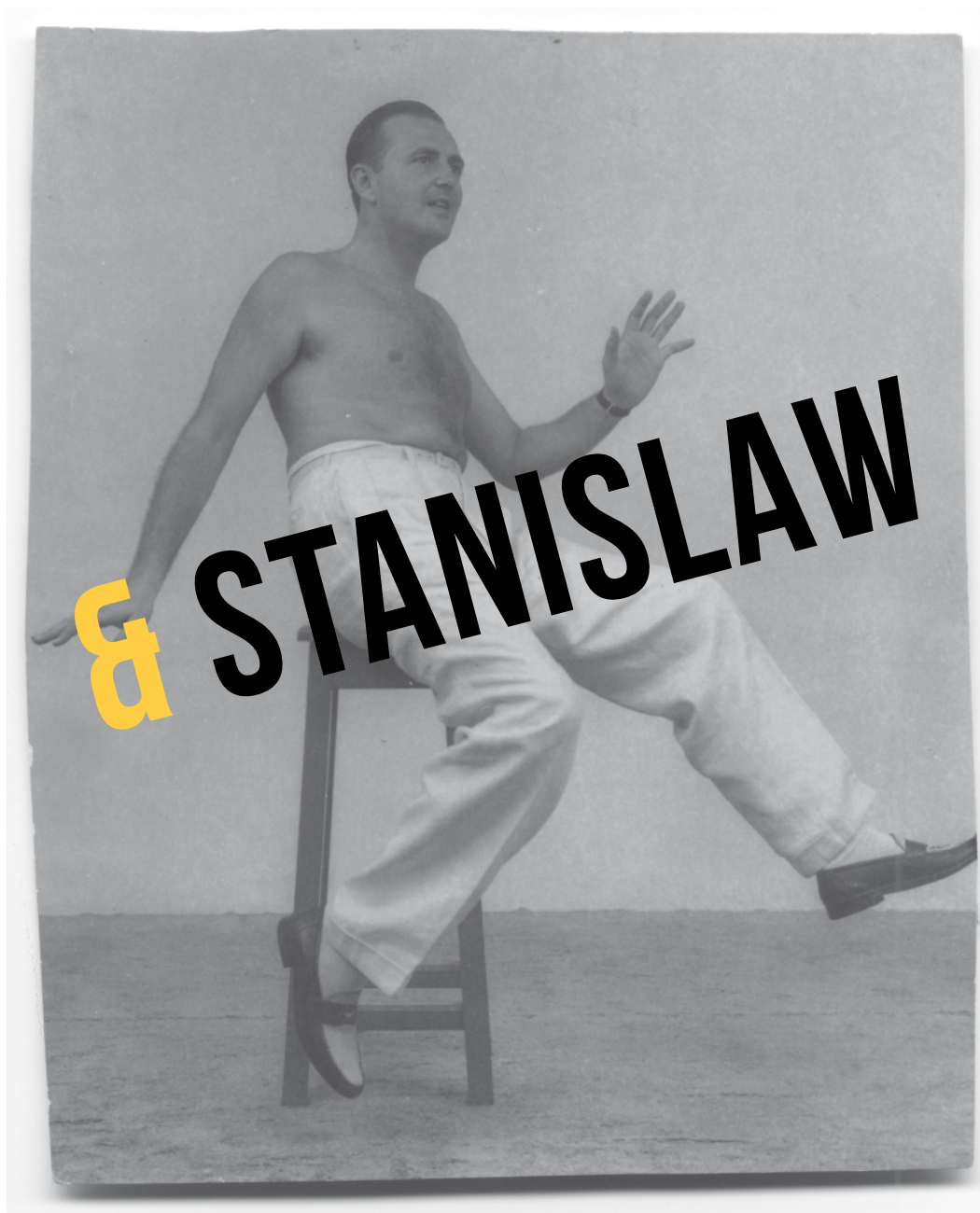


foto Augusto Valentim

"SÉRGIO, NUM ESTILO LÍRICO E NOSTÁLGICO, DISCORRE SOBRE A CIDADE DESAPARECIDA DA SUA INFÂNCIA E MOCIDADE, E INDIGNADO, POLÊMICO E APAIXONADO, ESCREVE SOBRE O SAMBA E O JAZZ."

Foto Douglas Ferreira da Silva / O Cruzeiro / EM / D.A Press

SÉRGIO, O CRONISTA DO RIO



HUMOR, A CRÔNICA E O CARTUM

PREFÁCIO



Sérgio Porto & Stanislaw, Traço & Letra surgiu de um projeto de Ilana Braia em revisitar a obra de Sérgio Porto (1923-1968) e do seu heterônimo Stanislaw Ponte Preta, na perspectiva de novas interpretações de sua narrativa humorística, por meio de ilustrações, caricaturas, e cartuns. A charge, como o traço do humor visual por excelência, tem na crônica de Sérgio Porto a sua melhor tradução literária. A intenção deste trabalho é estreitar os vínculos do humor textual do cronista carioca com o humor visual — estas duas formas de representação já possuem muitas afinidades: origem na imprensa escrita, predileção por fatos e personagens do cotidiano, narrativa coloquial, satírica, risível e, por vezes, trágica da realidade.

Esta edição quer, também, lembrar um dos intelectuais do humor mais presentes no imaginário cultural brasileiro. Quem já não ouviu falar do *Febeapá* (Festival de Besteira que Assola o País) e nas *Certinhas do Lalau*, a antológica seleção de vedetes de “corpo violão” e poses sensuais?

É comum identificar Sérgio Porto com a sua mais famosa criatura, Stanislaw Ponte Preta, tomando o primeiro pelo segundo, ou vice-versa. A confusão se explica pelo estrondoso sucesso alcançado pelo personagem, criado em 1952 no *Diário Carioca*, e popularizado na coluna diária de Stanislaw no *Última Hora* por treze anos ininterruptos. Além da imprensa escrita, Sérgio Porto, ora como Stanislaw, ora como ele mesmo, trabalhou intensamente no rádio e na televisão, escrevendo roteiros e *scripts* para programas de humor, e participando, em alguns casos, como apresentador. O trabalho exaustivo, num momento de muito improviso no início da televisão brasileira, levou o cronista a apelidá-la de a “máquina de fazer doido”. Tanto em Stanislaw Ponte Preta, quanto em Sérgio Porto, a vida das ruas, dos bairros do Rio, é recriada na obra do escritor.

Sérgio registrou em suas crônicas personagens dos anos de 1950 e 1960, compondo uma paisagem heterogênea, feita de contínuos, secretárias, políticos, engraxates, empregadas domésticas, grã-finas, bicheiros, donas de casa, prostitutas, estudantes, padres, vedetes, operários e malandros. Além das figuras reais, o cronista carioca criou arquétipos, como os membros da família Ponte Preta, formada por Tia Zulmira, a sábia macróbia — matriarca do clã —; Primo Altamirando, o calhorda; Rosamundo, o distraído; entre outros agregados. Todos habitantes de um onírico casarão da suburbana Boca do Mato. Sérgio revigora a crítica de Lima Barreto sobre a cidade excludente de princípios do século XX, representada na concepção de progresso do “bota-abaixo” do prefeito Pereira Passos (1902-1906). O autor, saindo de Copacabana em direção à Boca do Mato, vai buscar nos subúrbios um pouco do bairro à beira-mar da sua infância, bem como elementos de uma cultura popular. Stanislaw instala Tia Zulmira e a fictícia família Ponte Preta no coração da zona norte, junto ao Morro dos Pretos Forros, coladinho na Vila Isabel de Noel Rosa, e no caminho do Morro da Mangueira, não fosse Sérgio Porto o responsável pelo retorno de Cartola ao mundo artístico, e sua admiração confessa pelos bambas do samba carioca.

Como jornalista, Sérgio Porto ganhou fama e ajudou a revolucionar as técnicas de comunicação de massa, conquistando um público fiel em todo o país. Com enredos hilariantes tirados do cotidiano e da leitura diária de vários jornais, Sérgio criava personagens caricaturais. O seu estilo de humor “politicamente incorreto” foi seguido pelas gerações de humoristas, desde a criação do Pasquim — do qual é patrono — aos dias atuais.

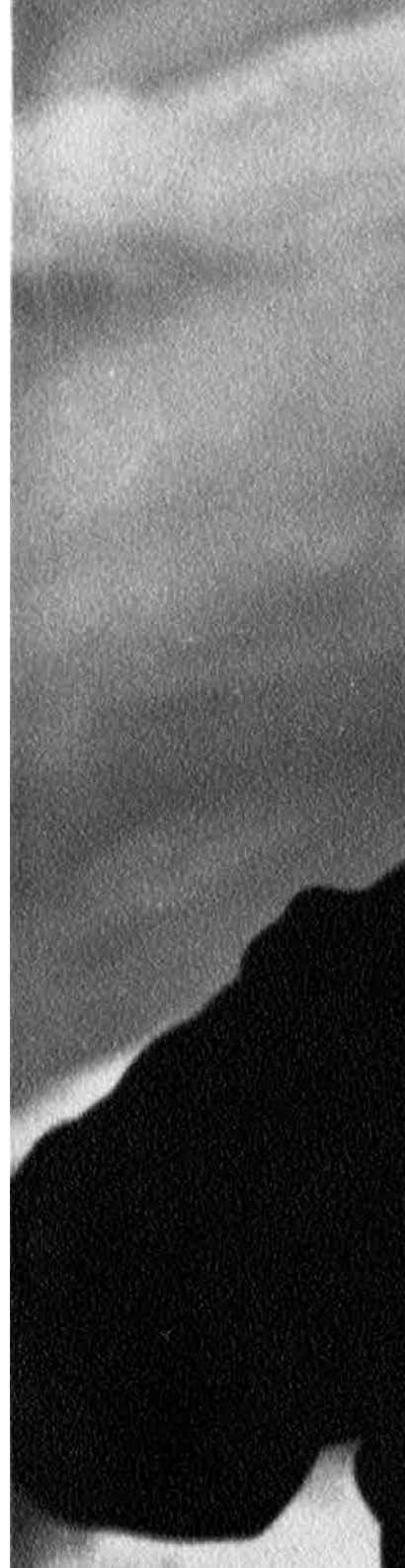
Com o golpe de 1964 e a promulgação dos atos institucionais, a política toma conta do humor de Stanislaw Ponte Preta, em suas crônicas e colunas diárias, sendo um divisor de águas na trajetória do escritor. Os Febeapás, voltados para a sátira da mentalidade dos novos mandatários da nação — prática do “dedurismo”, censura, e fobia ao subversivo —, foram os mais ferinos testemunhos dos abusos e absurdos cometidos no país sob inspiração da ideologia governamental. Os *Febeapás* tornaram-se campeões de venda nas mãos da juventude brasileira da época.

Em 30 de setembro de 1968, três meses antes da promulgação do AI-5 — a face mais arbitrária da ditadura militar —, o Brasil perdia Sérgio Porto, mas o seu humor político e a sua coragem em tempos tão sombrios evidenciam a importância e a vitalidade da sua obra.

A colaboração dos artistas que toparam o desafio de traduzir e atualizar para as novas gerações o universo humorístico de Stanislaw Ponte Preta — e a realidade social e política daqueles tempos —, foi essencial para dar vida a este projeto. Além dos cartunistas Aline Zouvi, Allan Sieber, Aroeira, André de Souza, Bruno Maron, Claudius, Fabiane Langona, João Lin, João Montanaro, Leonardo Lopes, Paulo Cavalcá e Velha Cosmo, participaram desta edição: Duda Porto de Souza, neta do escritor; Jaguar, primeiro e único ilustrador das crônicas de Stanislaw; Nathaniel Braia, jornalista, escritor e historiador; Álvaro Costa e Silva, jornalista, responsável por atualizar a máxima de Stanislaw, “o Febeapá persiste...”.

Cláudia Mesquita

"ALÉM DA IMPRENSA ESCRITA,
SÉRGIO PORTO, ORA COMO
STANISLAW, ORA COMO
ELE MESMO, TRABALHOU
INTENSAMENTE NO RÁDIO E
NA TELEVISÃO, ESCRREVENDO
ROTEIROS E *SCRIPTS* PARA
PROGRAMAS DE HUMOR..."









"COMO JORNALISTA DO HUMOR,
SÉRGIO PORTO GANHOU FAMA
E AJUDOU A REVOLUCIONAR
AS TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO
DE MASSA"

JAGUAR, O MESTRE

O TRAÇO DA CRÔNICA
DE STANISLAW PONTE PRETA

TEXTO CLÁUDIA MESQUITA E NATHANIEL BRAIA • ILUSTRAÇÃO JAGUAR







Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, filho de pais paulistanos, nasceu no Rio de Janeiro em 29 de fevereiro, no ano bissexto de 1932, mas viveu a infância fora do Rio, regressando à cidade adolescente. Por isso, não se considera, exatamente, um carioca típico, embora para ser carioca baste o estado de espírito, como definiu Vinicius de Moraes, característica que Jaguar tem de sobra, a começar por não levar o seu humor a sério e saber rir de si mesmo. A sedução pelo desenho surgiu ainda criança, com a leitura da *Paris Match*, *The New Yorker*, sendo influenciado pelos franceses, ingleses, como Chaval, Punch, e por Max Yantok, do Leste Europeu.¹

Jaguar e Sérgio Porto fizeram parte da época de ouro do jornalismo brasileiro da década de 1950, marcado pelo despontar de empresas de modelo essencialmente comercial, detentoras de maior poder econômico, e beneficiadas por técnicas modernas, gráficas e editoriais. Nesse período, jornais e revistas foram criados, outros buscaram modificações na forma de apresentar e diagramar suas matérias, e a tradicional imprensa brasileira, de forte influência francesa, voltou-se cada vez mais para o estilo de jornalismo norte-americano.²

¹ Link acessado em 15/03/2021: <http://www.abi.org.br/entrevista-jaguar/>

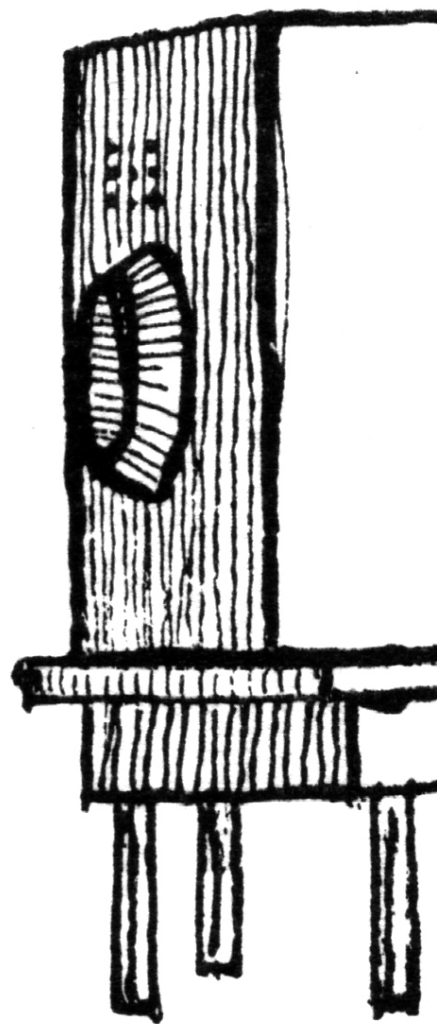
² ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (Org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.15.

Apesar do surgimento de cursos de jornalismo, a grande escola continuava a ser o cotidiano das redações, para as quais o passaporte era, além do talento para a escrita e o desenho, pertencer à restrita rede dos intelectuais que comandavam o setor. Dessa convivência surgiram as primeiras oportunidades para o jovem cartunista pertencer ao círculo fechado da imprensa carioca. O nome artístico, Jaguar, nasceu em 1957, por sugestão de outro mestre do traço, Borjalo, e logo adotado por Sérgio Jaguaribe, no começo da carreira, na revista *Manchete*, onde publicava desenhos na penúltima página. A convite do pintor e gravador Carlos Scliar, migrou para a revista *Senhor*, dirigida pelo jornalista Nahum Sirotsky, e que chegou às bancas em março de 1959. Jaguar tornou-se o seu principal cartunista, passando a integrar um time de excelência. A direção de arte era comandada por Scliar, e seu braço direito, o também gravador gaúcho Glauco Rodrigues, e pela talentosa Bea Feitler.

A *Senhor* era o que havia de mais vanguarda em termos editoriais e gráficos e, “uma espécie de realeza da imprensa brasileira”, como observou Ruy Castro³, expressão de uma estética original, que “incluía Brasília, o Concretismo, a Bossa Nova, a revolução gráfica do *Jornal do Brasil* (...) uma estética de formas claras, enxutas, essenciais”⁴. Jaguar foi responsável por fixar o desenho de humor, principalmente o cartum, como uma das características mais fortes dessa publicação, abrindo espaço para a estreia de outros desenhistas, como Claudius, Zélio Alves Pinto, Ziraldo e Fortuna.

³ CASTRO, Ruy, MELLO, Maria Amélia. O melhor da Senhor. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012, p.19.

⁴ Ibidem, p.19.





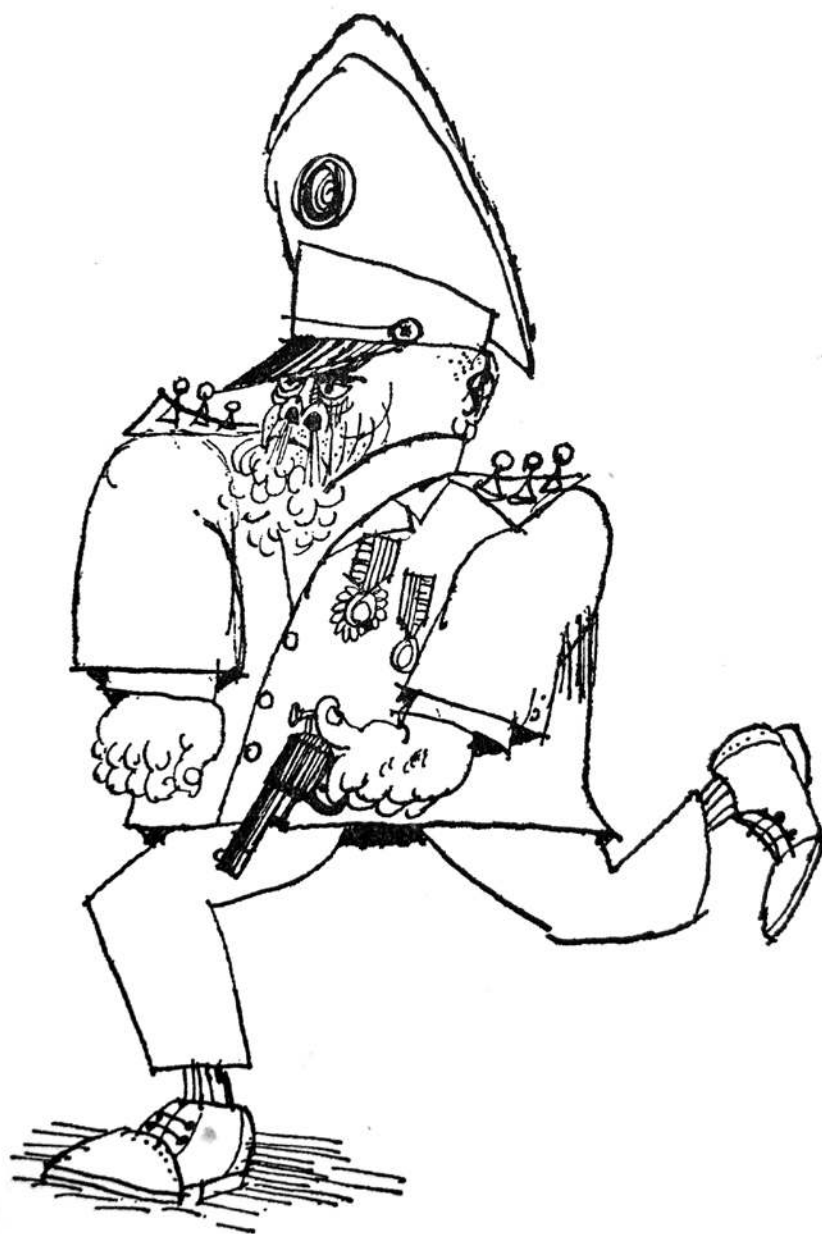
Depois da experiência criativa da *Senhor*, Jaguar colaborou na *Revista Civilização Brasileira*, na *Revista da Semana*, no *Pif-Paf* e nos jornais *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa*, *A Notícia*, entre outros. No *Última Hora*, permaneceu por oito anos, até fundar o *Pasquim*, em 1969, com Paulo de Tarso, Sérgio Cabral, Claudius e Carlos Prósperi, à frente do projeto gráfico. No *Pasquim*, além de desenhar, escreveu textos de humor e dicas, e participou das antológicas entrevistas. Ali inventaria o ratinho Sig, mestre de cerimônias do semanário, um personagem “sonhador, valentão, irônico, deslumbrado”⁵. Em 1968 lança o seu livro mais famoso, *Átila, você é bárbaro*, demolindo os grandes mitos da civilização ocidental.

Inspirado no humor satírico de Stanislaw Ponte Preta, o *Pasquim* foi assim definido por Jaguar: “Eu já tinha tido experiências trágicas como o *Pif-Paf* do Millôr Fernandes que teve só oito números publicados e depois fechou por tramas da repressão. Já o *Pasquim*, como projeto, era uma das maiores merdas que eu vi até hoje: em pleno AI-5 um bando de jornalistas se reúne para falar mal do governo...”⁶. O fato é que o tabloide, em plena repressão política, teve um sucesso estrondoso, chegando em um ano à surpreendente tiragem de 200 mil exemplares por semana. De toda a equipe do *Pasquim*, Jaguar foi o seu integrante mais longo, permanecendo por 21 anos, até o último número, em 1991, contabilizando 1.072 edições.

A seção *Abre-Alas*, idealizada pelo cartunista Fortuna, foi um concurso que abriu espaço para muitos talentos. Jaguar recorda que “todo mundo mandava cartum, aí apareceu um monte de gente, Alcy, Laerte, Glauco, Angeli, todo mundo. Aí os caras eram bons e a gente publicava”. O *Pasquim* fez escola e incentivou uma geração que se destaca até hoje: Angeli, Reinaldo, Hubert, Leonardo, Nani, Cláudio Paiva, os Caruso, Chico e Paulo, entre tantos outros.

⁵ REGO, Norma Pereira. *Pasquim: gargalhadas pelejas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996, p.108.

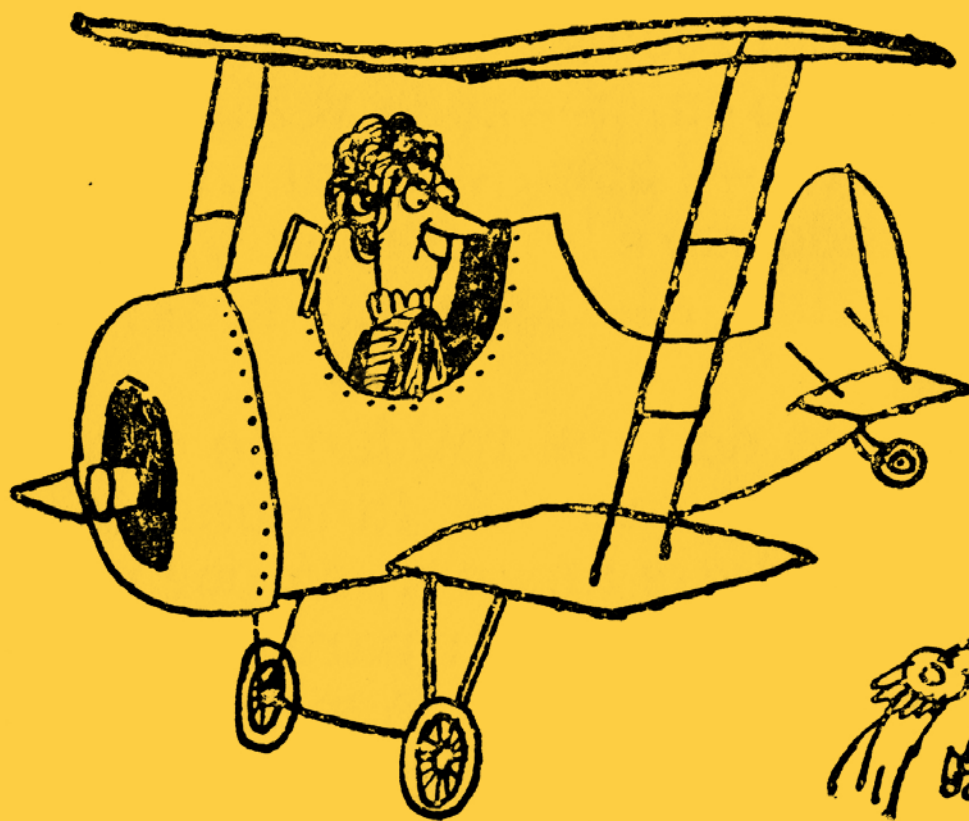
⁶ Ibidem, p. 16.







A FAMÍLIA PONTE PRETA

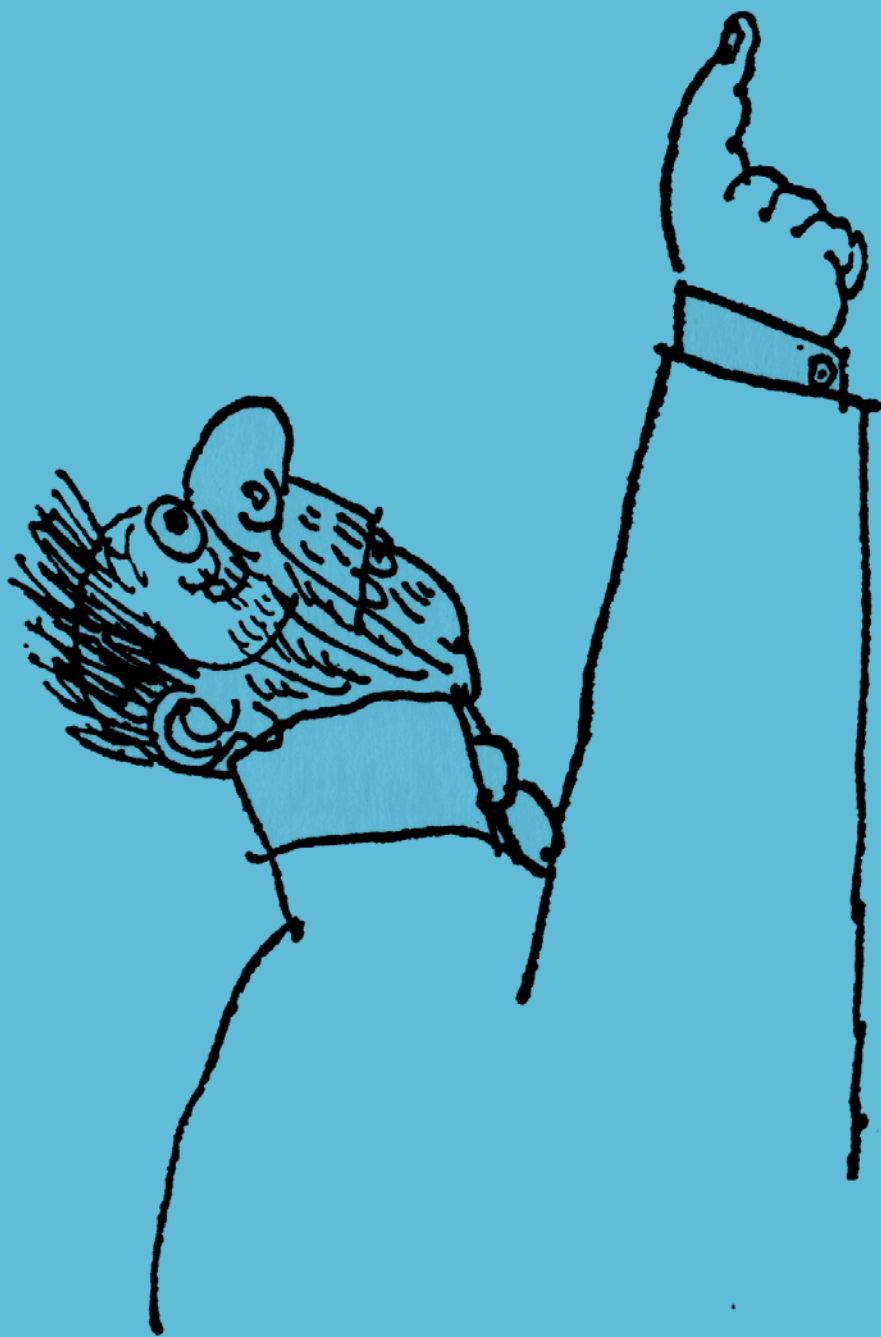




A relação entre letra e traço na crônica de Sérgio Porto é retratada pela afinidade com seu xará. Uma amizade que gerou muitos frutos. Jaguar foi o principal ilustrador dos *Febeapás* e dos livros da família Ponte Preta — todos assinados por Stanislaw —, e um dos mais entusiastas na homenagem ao cronista carioca, como patrono do *Pasquim*. Aliás, foi Jaguar quem melhor definiu a relação do jornal com a irreverência carioca: “o *Pasquim* começou a tirar a gravata do jornalismo brasileiro”⁸. Como exemplo de momentos, a um só tempo trágicos e engraçados, vividos pelos que fizeram o semanário, foi o episódio envolvendo uma réplica do clássico quadro de Pedro Américo, no qual, Jaguar, ao invés de colocar D. Pedro I a bradar, “Independência ou Morte!”, substituiu pela frase hilariante: “Eu quero é mocotó!”. Inspirada na canção interpretada pelo maestro Erlon Chaves, sucesso das paradas musicais daquela época. Tal ato provocou a prisão de grande parte da diretoria do jornal, em 1970.

A filiação do *Pasquim* ao humor de Stanislaw foi apenas um dos muitos pontos em comum entre as trajetórias destes dois Sérgio, o Porto e o Jaguaribe. Ambos ingressaram, por concurso, no Banco do Brasil, seguindo a carreira dos pais, profissão almejada para filhos da classe média, seduzidos pela estabilidade financeira. Sérgio Porto e Jaguar foram colegas e compartilhavam do mesmo perfil *sui generis* de humorista, boêmio e bancário.

⁸ AUGUSTO, Sérgio. O marginal que deu certo. *Pasquim*. Através do link acessado em 08/04/2021: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-pasquim/historia-o-pasquim/1969-1979-por-sergio-augusto/#:~:text=%E2%80%9CFoi%20assim%2C%20por%20mero%20acaso,falar%20em%20copidesque%20na%20reda%C3%A7%C3%A3o>





AGORA
TRANSMITIREMOS
A SESSÃO
SECRETA DA
CÂMARA
MUNICIPAL
DE ARCOVERDE



Sérgio Porto muitas vezes era visto circulando de *smoking* no prédio na rua Primeiro de Março — hoje Centro Cultural Banco do Brasil —, chegando ou saindo para algum compromisso profissional. Jaguar recorda-se dos tempos em que eles batiam ponto no bar em frente ao banco, onde guardavam uma garrafa de whisky no balcão⁹.

Quando a gente saía do banco, mais ou menos sete e meia da noite, ia para um bar chamado Simpatia. E ficava esperando diminuir a hora do rush. Ficávamos tomando chope e fazíamos concurso da Miss Fila. A moça mais bonita da fila para entrar no bar. Por incrível que pareça, o Stanislaw era mais tímido do que eu. Então eu é que ia falar para a moça: 'Olha, você foi eleita a Miss Fila de hoje e tal'. Aí ela tinha direito de beber um refresco de coco, que era uma delícia. Algumas aceitavam, outras não topavam, levei uma bofetada uma vez...(risos)¹⁰.

⁹ JAGUAR. *Depoimento concedido à autora*. Rio de Janeiro, 6 de ago. 2004. In: MESQUITA, Cláudia. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 187

¹⁰ JAGUAR. Entrevista. *O Povo*, Fortaleza, 25 set. 2004.

¹¹ PORTO, Sérgio. O doido. *Manchete*. Rio de Janeiro, 8 abr. 1956. Acervo do AMLB, da Fundação Casa de Rui Barbosa. [s.d.].

Em uma de suas crônicas, *O doido*, Stanislaw narra a surrealista história de um bancário que, não aguentando mais o massacrante e burocrático serviço, se fez passar por doido para conseguir licença médica, cometendo uma série de absurdos no seu local de trabalho. Ao retornar ao batente não conseguiu mais provar que era normal, apesar de inúmeras tentativas: “Provar que está maluco qualquer um prova, mas provar que ficou bom é a coisa mais difícil do mundo”¹¹, concluiu o autor. Sérgio Porto e Sérgio Jaguaribe, os funcionários, decidem pedir demissão, e arriscam viver da própria arte.

Sérgio Porto não dava pistas aos ilustradores dos aspectos físicos de seus personagens. Jaguar, seu desenhista oficial, conta que jamais o cronista lhe deu qualquer ideia de como fazer uma ilustração, ao contrário, deixava-o o mais solto possível, com total liberdade para imaginar. Por essa razão, seus personagens — arquétipos — receberam feições diferentes de Carlos Estevão, Ziraldo, Henfil, Hilde, Lan, entre outros, encontrados na imprensa pelo Brasil afora.

Todavia, o parceiro mais constante e revelador do humor de Stanislaw Ponte Preta foi Jaguar. O interessante é que, ao dar corpo à Família Ponte Preta, o ilustrador oficial dos seus livros passou a ser inspiração para esse exercício de livre interpretação da obra de Sérgio Porto por cartunistas de diferentes gerações.



AS CARIOCAS

PASSEIAM PELOS BAIRROS DO RIO

TEXTO NATHANIEL BRAIA E CLÁUDIA MESQUITA



As Cariocas, lançado em 1966, é um dos raros livros assinados por Sérgio Porto, como tal, revelando mais uma face do universo literário ainda pouco conhecido do escritor, uma vez que Stanislaw Ponte Preta foi o maior protagonista dessa carreira autoral. Já tendo escrito o volume de crônicas *A casa demolida*, em *As Cariocas* Sérgio estreia como novelista, sendo aplaudido por Jorge Amado como um “recriador da vida carioca” do seu tempo, na linhagem de Machado de Assis, Lima Barreto, Marques Rebelo¹. Quando publicou essas novelas, Sérgio Porto já pertencia ao panteão dos grandes cronistas do Rio — ao lado de Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Carlinhos Oliveira e Vinícius de Moraes —, e era um nome consagrado como colunista, crítico e apresentador de TV. Também estava no auge do sucesso dos *Febeapás*, especialmente entre jovens ávidos por um respiro diante da liberdade cerceada.

Em *As Cariocas*, ao traçar o painel de uma cidade, híbrido de amor e de crítica, Sérgio Porto manifesta os mesmos traços de coragem e de irreverência do seu duplo Stanislaw, ousando expor, em um momento político de repressão, perfis femininos sem o filtro da censura e do conservadorismo. Para contar as histórias de Sarita, Luci, Zelinda, Lucimar, Marta e Marlene, Sérgio faz um passeio pelos bairros do Rio, da zona sul à zona norte, percorrendo Copacabana, Ipanema e Leblon, seguindo pelo Catete, Grajaú e Tijuca, até embrenhar-se no coração da zona norte: Madureira, delineando “um quadro dramático e poderoso”, marcado por “uma solidariedade humana com uma ternura funda”².

Em *A Grã-Fina de Copacabana*, Sérgio tem como cenário o bairro de sua preferência geográfica, de nascimento, formação e residência permanente. Como exemplo dessa paixão atávica, certa vez convidado por Jânio Quadros, que acabara de chegar à Presidência, a assumir a embaixada do Brasil na Iugoslávia, o cronista não titubeou e respondeu: “Muito grato, Presidente, mas daqui não saio nem para Ipanema”³.

Nessa novela ambientada na “princesinha do mar”, o autor retoma a sua crítica às futilidades que imperavam nessas rodas da chamada “alta sociedade”, retratando a ciranda de encontros e desencontros entre “amigos” frívolos e amantes traiçoeiros em seu *dulce far niente*. Como disse certa vez o amigo Paulo Mendes Campos, essa “champanhota do café-society fazia um contraste grotesco” com “os desabamentos das encostas do Rio”⁴. Freguês de caderninho de Sérgio Porto, ou melhor, de Stanislaw Ponte Preta, era Ibrahim Sued, colunista da grã-finagem, a quem o cronista dedicou o irreverente bordão: “Ibrahim, Ibrahim, se não fosse você o que seria de mim”⁵.

A Donzela da TV desvenda a relação alimentada por inconfessáveis interesses que reúnem uma aspirante a atriz, sua mãe manipuladora e um diretor de TV. A personagem anseia por uma ponta numa novela, enquanto a mãe arma pequenos estratagemas para atrair ao casório o diretor. Já este fica dividido entre a atração pela graciosa moça e o medo de ser chantageado.

¹ PORTO, Sérgio. *As cariocas*. Prefácio de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 9.

² *Ibidem*, p. 9.

Em *A Desquitada da Tijuca*, Sérgio aponta para o falso moralismo, e a hipocrisia da classe média da época. Ambientada no tradicional bairro da zona norte, o autor denuncia os preconceitos sofridos pela chamada “mulher desquitada” que, submetida ao assédio, inventa um poderoso pretendente para inibir desde o chefe da repartição, até o contínuo.

Quanto à *Desinibida do Grajaú*, a novela escolhida para esta coletânea e que aqui recebe desenhos de Paulo Cavalcá, o impasse surge do choque entre uma mulher de mentalidade liberada e um moralismo falso e decadente. Basta um short curtinho com o qual Marlene vem aportar no antiquado Grajaú, para colocar em cheque a frágil estrutura a sustentar a farsa moralista. É a “revolução dos costumes” chegando...

Em *A Currada de Madureira*, o autor apresenta sua crítica mais contundente à violência contra a mulher, e a vulnerabilidade feminina em face da sedução e brutalidade masculinas. Nesse mosaico desenhado por Sérgio Porto, do Rio e da sua gente, flagrada entre o seu anseio por ir em frente e a dura realidade, em meio ao caos e a beleza da cidade dita maravilhosa, com seus contrastes sociais, e o moralismo tacanho de uma classe média, aí estão seis mulheres à busca de caminhos. Nos inesperados desfechos dessas seis novelas, Sérgio Porto trabalha mais claramente sua irreverência frente às fragilidades de seus personagens, sublinhando a importância do humor — próprio de charges e cartuns —, para a percepção daquela época.

Vamos então ao Grajaú, conhecer as aventuras de uma carioca desinibida que por lá aportou.

³ AUGUSTO, Sérgio. “Apresentação”. In: PORTO, Sérgio O Homem ao Lado, Companhia das Letras, 2014, p. 10.

⁴ CAMPOS, Paulo Mendes. Meu Amigo Sérgio Porto., Blog do IMS.

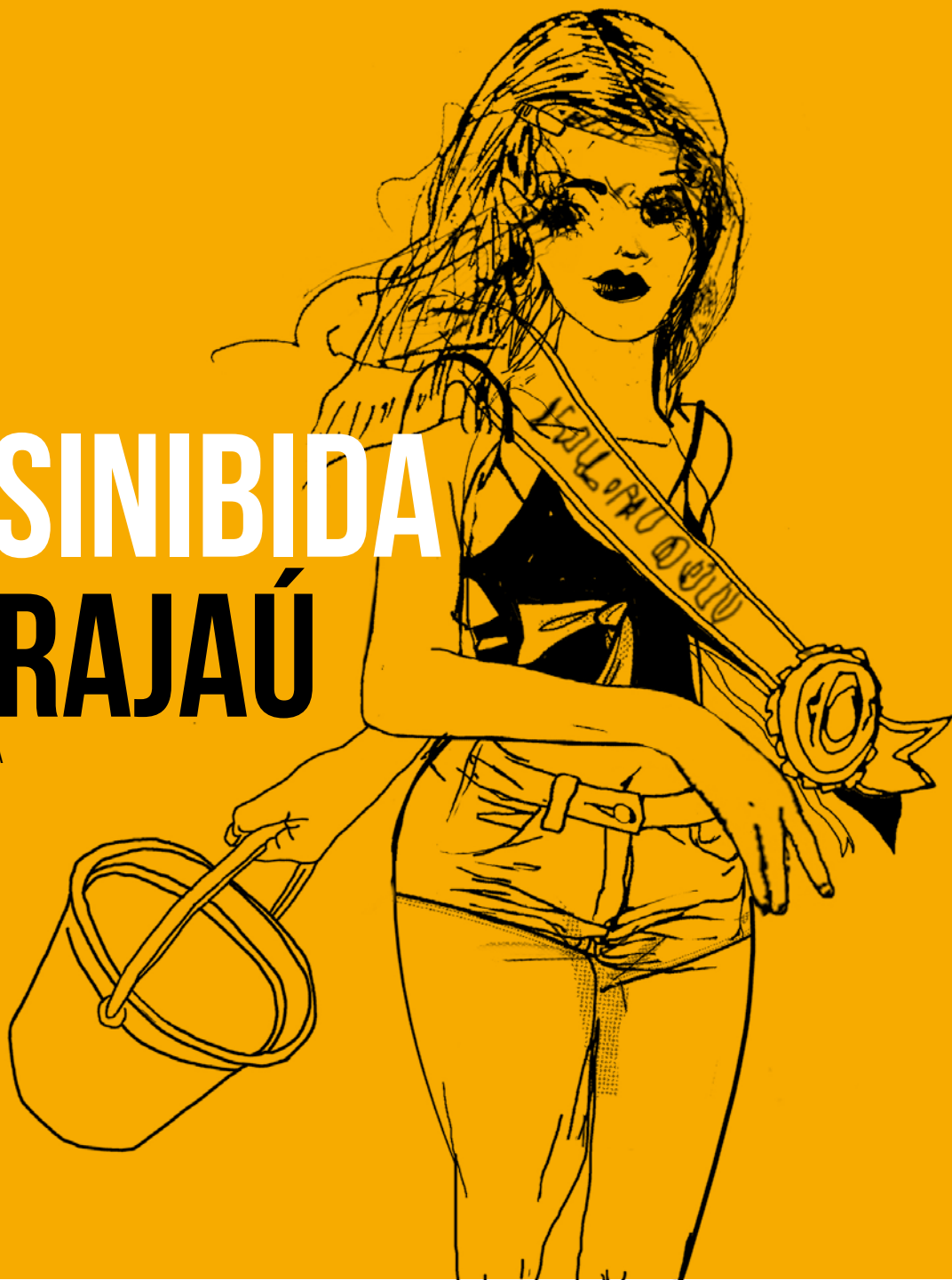
Link acessado em 06/04/2021: <https://blogdoims.com.br/meu-amigo-sergio-porto-por-paulo-mendes-campos/>

⁵ BENEDITO, Mouzar. Teoria e Debate, edição 207, abril / 2021, , Fundação Perseu Abramo.

Link acessado em 06/04/2021: <https://teoriaedebate.org.br/estante/febeapa-1-1-o-festival-de-besteira-que-assola-o-pais/>

A DESINIBIDA DO GRAJAÚ

ILUSTRAÇÃO PAULO CAVALCA





1

Quando Marlene foi morar na Avenida Júlio Furtado (Grajaú — Guanabara — Brasil) não houve homem das redondezas que não botasse os olhos nela. Até mesmo o Pe. Ponciano, que não morava no bairro, mas ia às quartas e sextas dar aulas de latim ao filho do síndico do prédio em frente, pois o rapaz tinha pendores para o seminário mas era fracote nos segredos da chamada língua mater; até mesmo o Pe. Ponciano — repito — ficava meio perturbado ao ver Marlene, tão apetitosa ela era.

Marlene, aliás Marlene Cardoso, 26 anos, loura, saudável e bela, era moça moderna, talvez moderna demais para o bairro do Grajaú, conforme mais tarde se verá. Era carioca e sempre morara na Zona Sul. Primeiro Botafogo e depois o Leme, eram os bairros onde residiu por longos anos. No Leme passara os últimos dez anos num apartamento muito confortável, que dividia com uma amiga. Essa casou, o aluguel aumentou e Marlene, sem poder fazer frente às despesas, resolveu ir para o Grajaú, lugar pelo qual tinha simpatias: sua mãe nascera e passara a infância ali e morrera suspirando pela volta à quietude e ao bucolismo do bairro de origem.

A resolução para a mudança, Marlene a tomou num instante. Ela era assim mesmo: decidida, exuberante e desinibida. Não se metia com a vida de ninguém, mas também não admitia palpites na sua. Era pessoa muito sociável, mas quando vinham lhe dar conselhos supérfluos ou criticar suas atitudes, ela se transformava numa ferinha. (E se vai no diminutivo é porque Marlene, mesmo zangada, continuava bela.) Isto se provará mais tarde.

Por enquanto fiquemos nisto: Marlene resolveu mudar-se para o Grajaú levando o que era seu e, se não era muito, também não era pouco. Ela tinha alguns móveis, um guarda-roupa razoável e, no mais, o curso ginásial, um físico muito bonito e certo talento para representar, tanto assim que seu ideal era

tornar-se uma estrela de cinema. Já tinha feito algumas pontinhas em alguns filmes e conhecia todo o pessoal que mexia com cinema. Daí o não incomodar-se muito com a troca de bairro. Realmente, morando no Leme, estava ali pertinho do restaurante La Fiorentina, onde os artistas e técnicos, diretores e produtores de cinema nacional costumam cear. As mocinhas com pretensões às lides cinematográficas também costumam frequentar o lugar, para serem vistas e não ficarem esquecidas. Marlene não precisava mais disso. Já era amiga de todos e — decidida como era — em menos de um mês conseguiu a transferência de seu telefone. Se algum diretor precisasse dos seus serviços, na certa a chamaria no Grajaú.

Ah, sim ... entre os pertences de Marlene não se deve esquecer o carro. Um Volkswagen azul que ela ganhou no concurso A Garota da Praia, promovido por uma fábrica de maiôs. Pois justamente tudo começou aí. Marlene era muito conhecida na praia do Leme, que frequentava muito e era pertinho de seu antigo apartamento. Nesse tempo, todas as manhãs, ela ia tomar banho de mar, levando uma barraca de gomos coloridos, uma esteira em que se deitava untada de óleo para queimar seu cobiçado corpo. Já nessa época os homens olhavam muito para ela, ali estendida e semi-adormecida, com rádio transistor ligado, ouvindo um programa chamado Você pede e nós atendemos.

Marlene não pedia nada, mas todos a atendiam. Os rapazes da praia vinham conversar, ofereciam sorvetes, refrigerantes e convites para cinemas e jantares. Até que apareceu um moreninho meio afeminado, que trabalhava em publicidade e estava catando candidatas para o concurso.

Ele conversou um pouco com ela e depois perguntou:

— Por que você não se inscreve no concurso?

— Que concurso?

— A Garota da Praia — disse ele. E explicou que o primeiro prêmio era um carro, o segundo uma viagem a Buenos Aires com acompanhante, etc., etc. Daí para a frente ele não parou de falar mais. Disse onde se fazia a inscrição, falou na possibilidade dela vencer o concurso e tanto a animou que Marlene concordou em se inscrever.

Marlene ganhou o primeiro prêmio e, conseqüentemente, o carro. O desfile final foi no Maracanãzinho e a rapaziada do Leme compareceu com uma torcida organizada que deve ter influenciado no ânimo do júri, tal os berreiros que promovia cada vez que Marlene passeava com seu andar elegante pela passarela, nas provas de seleção. No Rio há duas espécies de espetáculos que arrastam multidões para as arquibancadas dos estádios: futebol e desfile de mulher bonita. Em nenhum lugar do mundo um concurso de beleza consegue uma plateia tão grande e tão entusiasmada. O público saúda com ensurdecadora alegria cada gol de seu clube no Maracanã e cada escolha de miss no Maracanãzinho. Na noite em que Marlene foi eleita A Garota da Praia, a plateia delirou e estremeceu todo o estádio, pois os rapazes do Leme, com a sua torcida, acabaram por captar as simpatias gerais para a sua candidata.

Ela ganhou o carro e um convite para fazer cinema. No seu primeiro filme fez um papel muito insignificante, mas no segundo até falava um bocadinho, coisa que não chegou a marcar a sua presença no elenco, mas que serviu para a sua decisão de se dedicar à carreira. Por tudo isso: porque já era conhecida no meio artístico, porque tinha carro e podia estar em qualquer ponto da cidade quando bem entendesse, porque tinha um telefone onde seria facilmente encontrada e porque era um pouco sentimental em relação ao bairro, foi que Marlene mudou-se para o Grajaú. E quando Marlene foi morar ali na Avenida Júlio Furtado, num apartamento térreo de um edifício onde o aluguel não era caro, não houve homem das redondezas que não botasse os olhos nela.

2

Seu Eugênio tinha uma teoria muito interessante sobre essa coisa de espiar mulher e era essa teoria que ele expunha ao seu amigo e vizinho Arnaldo, poucos dias depois de Marlene ter ido morar no apartamento 101 do prédio em frente. Seu Eugênio morava no segundo andar e Arnaldo no térreo, ficando — por isso — estes dois condôminos muito mais a par do que se passava na rua e na vizinhança do que os outros moradores do prédio. Daí terem sido eles — seu Eugênio e Arnaldo — os dois primeiros a darem pela presença daquela moça realmente muito bonita, que tinha ido morar no prédio em frente.

Isto, pelo menos, era o que eles imaginavam, enquanto conversavam na sala do apartamento de seu Eugênio, que Arnaldo frequentava com certa assiduidade, pois mantinha um namoro mais ou menos platônico com a cunhada de seu Eugênio — Mariana. Seu Eugênio vivia no apartamento de frente do segundo andar (eram dois apartamentos por andar, no prédio em que eles moravam) com sua mulher e a cunhada. Mariana era solteirona e mais para magra, mas a mulher de seu Eugênio — D. Esperança — era gordíssima. Gordíssima, tinha buco e era ciumenta. Muito mais ciumenta do que gorda.

No entanto, numa rápida pesquisa, poderíamos verificar que Mariana teria muito mais razões para ser ciumenta do que D. Esperança, pois seu Eugênio era um homem discreto e com fama de sossegado, enquanto Arnaldo, que era viúvo e sem filhos, costumava, na calada da noite, arrastar mulatas para o seu convívio, coisa que fazia com muito cuidado, mas que já fora motivo de muito mexerico na vizinhança. E a tal ponto que deixara de ser novidade e já era assunto morto na boca dos outros. Talvez aqueles dois senhores que estavam ali na sala, conversando, tivessem famas opostas por ser o dono da casa vigiado pela poderosa D. Esperança, enquanto que o visitante era livre e desimpedido, em que pese o seu caso com Mariana. Mas esta, coitada, seria a última a saber.

O fato é que, estavam os dois conversando, quando Arnaldo perguntou:

— Já viste que espetáculo de garota está morando aí em frente?

— Não — mentiu seu Eugênio, que já estivera examinando a beleza de Marlene através da persiana

do quarto, na tarde da véspera, quando D. Esperança saíra para entrar na fila da carne e Mariana fora à reunião semanal das Filhas de Maria.

— Pois vale a pena ver — acrescentou Arnaldo, dando um suspiro marotíssimo: — Ela mora no apartamento de baixo e tem um carrinho azul. Costuma sair pouco depois do almoço. Usa cada decote bárbaro. E que pernas, seu Eugênio, que pernas!

Seu Eugênio concordava interiormente. Eram, realmente, pernas magníficas, mas achou mais prudente não ratificar essa verdade diante do entusiasmo do amigo. Pelo contrário, foi aí que seu Eugênio começou a expor sua teoria sobre olhar mulher. Acendeu um cigarro e ponderou:

— Pelo que vejo, você não faz outra coisa senão espiar a moça.

— Bem... você sabe, eu tenho pouco o que fazer. Estou aposentado.

— Aposentado? — estranhou seu Eugênio.

— Aposentado no serviço público, bem entendido — e Arnaldo deu uma piscadinha como a dizer que, para mulher, ainda estava em plena atividade.

— Pois, meu velho... — começou a doutrinar seu Eugênio, falando pausadamente: — ... eu sou da opinião que mulher que a gente não pode apanhar, o melhor é fingir que não vê. Desde rapazote que eu tenho esta opinião e me dou muito bem com ela. Me lembro que quando éramos garotos e minha família morava num casarão ali na Rua Borda do Mato... onde hoje tem aquele mercadinho... meu irmão Eurico e outros garotos da vizinhança descobriram que a filha do general Souza tomava banho de janela aberta. O general morava ao lado, na casa da esquina. Do terraço dos fundos, protegidos pela folhagem das árvores do nosso quintal, eles todos os dias iam espiar a moça no banho. Pois seu Arnaldo, eu nunca fui. E sabe por quê? Porque eu sabia que aquilo não era fubá pro meu bico. Pra que é que eu ia espiar a moça pelada e depois ficar imaginando coisas que não iam acontecer e que só iam me atormentar? Não, Arnaldo... mulher a gente só deve olhar quando tem possibilidades de apanhar.

Seu Eugênio calou-se e ficou recordando a beleza da filha do general, hoje casada com um coronel. Arnaldo, ao contrário, pareceu não dar maior importância aos conselhos do outro. Manteve-se alguns minutos sentado na poltrona, fumando o seu cigarro barato e depois levantou-se para amassá-lo no cinzeiro. Aproveitou que estava em pé e foi até a janela, olhar o prédio em frente, a ver se via Marlene. Nesse justo momento a nova vizinha encostava o carro no meio-fio e abria a porta para saltar:

— Lá está ela — berrou Arnaldo, com a voz embargada pela emoção.

Seu Eugênio obedeceu ao instinto e deu um pulo da cadeira para debruçar-se ao lado de Arnaldo, na janela. Marlene colocou as pernas para fora do carro e esfregou as coxas no assento, no esforço de levantar-se para sair. O vestido encolheu-se contra o forro do assento e sua saia subiu um palmo acima dos joelhos, o bastante para Arnaldo murmurar de olhos vidrados lá pra baixo:

— Nossa Senhora! Como é boa!

O santo nome da Virgem Maria, invocado na exclamação do viúvo, não deve ser levado à conta de heresia. Apenas Arnaldo era mineiro e ainda conservava um pouco do sotaque e dos maneirismos coloquiais empregados no Estado de Minas.

Quanto a seu Eugênio, que era carioca e nascera ali mesmo no Grajaú, no tal casarão da Rua Borda do Mato, anteriormente citado, disse apenas:

— Se é!

E Marlene já dera a volta no carro e dirigia-se para a portaria do edifício, um pouco chateada com a espionagem daqueles dois homens na janela em frente, que percebera ao sair do carro, quando — dentro do apartamento — ouviu-se o barulho de chave abrindo a fechadura. Eram D. Esperança e Mariana que voltavam das compras.

Seu Eugênio deu um pulo e caiu sentado na cadeira de balanço; Arnaldo, como um raio, voltou para a poltrona, e Marlene — ao cruzar a portaria — olhou para trás, certa de que aqueles dois bobocas continuavam a espioná-la. A janela, porém, estava vazia.

3

Marlene, olhando para a janela do segundo andar do prédio em frente, verificou que já estava vazia, mas se levantasse os olhos mais um pouco, até a janela do quinto andar, por exemplo, na certa teria percebido a brilhar contra a luz do sol as lentes de um binóculo. Quem estava por trás do binóculo talvez ela não conseguisse ver, pois as pesadas cortinas da sala obrigavam o cômodo a conservar-se sempre numa penumbra muito condizente com o gosto da sombria D. Leovigilda, a mulher do síndico.

Mas, por favor, não vos precipiteis. O Sr. Leocádio, marido de D. Leovigilda — e o casal era tão leonino que ambos prestavam, no início de seus nomes de batismo, uma singela homenagem ao rei dos animais — era um homem íntegro e de uma honestidade tamanha que — temos certeza — se fosse o tesoureiro da Liga dos Cegos, haveria de apresentar o balanço anual da instituição em alfabeto Braille.

Não era, portanto, o Sr. Leocádio que estava por trás do binóculo. Quem tinha acabado de observar a entrada de Marlene e quase deixara o binóculo se espatifar janela abaixo, quando metade de suas coxas ficaram de fora, ao descer do carro, era Ismaelzinho, filho do casal, o mesmo que tinha pendores para seminarista e tomava aulas de latim com o Pe. Ponciano.

Aquela não era a primeira vez que o demônio tentara Ismaelzinho para o pecado da luxúria. Não. Para falar a verdade, Ismaelzinho foi o primeiro morador da redondeza a reparar nos encantos de Marlene e a se deixar fascinar por eles, coisa que nunca lhe ocorrera antes. Até ali Ismaelzinho tinha sido um filho enfadonhamente correto e que só dera alegrias aos pais.

Era magrinho e pálido, de nariz adunco e pele ebúrnea, que contrastava com o rosado doentio das





faces, um rosado provocado pela abundante plantação de espinhas que a puberdade cultivava no seu rosto. Fora sempre um garoto tímido e bom aluno, completando o curso primário e o ginásial como primeiro da turma, coisa que muito orgulhava os dois Leo a ponto do Sr. Leocádio — de natural tão seguro em questões de dinheiro — ter-lhe comprado, quando ele terminou sua vida colegial, a coleção completa do Tesouro da Juventude. Pagamento à vista.

Agora, a presença de Marlene perturbava sensivelmente Ismaelzinho. Embora fizesse disso um segredo que o apavorava, D. Leovigilda já havia percebido a mudança do filho e, por mais de uma vez, pegara-o em flagrante, olhando de binóculo através da janela. Aquilo intrigou-a bastante e, da última vez em que o entrevira pela porta do corredor entretido com o binóculo, fora disfarçadamente para a janela do quarto e descobrira o motivo lá embaixo, na calçada, discutindo com um vassoureiro a compra de um espanador.

D. Leovigilda apertara os olhos rancorosamente e sua descoberta deixou-a com tanto ódio, que sua reação foi uma palavra apenas, que pronunciou baixinho, entredentes:

— Vaca!

Este episódio ocorrera já fazia uma semana e a correta senhora ficara tão preocupada com ele que aquilo não lhe saía do pensamento. Conversara até com suas amigas do segundo andar — Esperança e Mariana — sobre a moça metida a moderna que estava morando no edifício fronteiro:

— Vocês já viram a sirigaita que está morando aí em frente?

— Sirigaitíssima! — ajuntou D. Esperança, que também já tinha reparado em Marlene e não se agradara absolutamente nada da presença daquela mulher tão bonita morando bem em frente à sua janela.

— Deve ser uma dessas prostitutas sustentadas por um "coronel" aventurou-se D. Leovigilda.

— Ora. Pois se tem até automóvel! — observou D. Esperança.

— Não — interveio Mariana, que na sua timidez, o máximo que conseguia era invejar a beleza de Marlene: — O carro ela ganhou num concurso de beleza.

— Como é que você sabe? — estranhou D. Esperança, coadjuvada pelas rugas na testa de D. Leovigilda.

— Foi o porteiro do prédio que me contou, seu João.

(Seu João — anote-se — além de porteiro do prédio de Marlene, fazia a faxina semanal em vários apartamentos daquele quarteirão da Avenida Júlio Furtado).

— Ela é de fato muito bonita. Trabalha no cinema, mas o carro ela ganhou num concurso de maiôs. As outras duas se entreolharam e D. Esperança falou primeiro:

— Esses concursos de beleza! É tudo pornografia, é o que é.

A conversa terminou aí, porque D. Leovigilda tinha de subir para determinar o jantar e agora estava justamente nesta providência, como fazia todas as tardes, quando o Pe. Ponciano, que acabara de dar aula a Ismaelzinho, chamou-a na porta da cozinha:

— Senhora, eu gostaria de falar-lhe um instante.

— Pois não, padre — e veio para a sala sentar-se numa das cadeiras que rodeavam a mesa onde a família fazia as refeições e onde o padre dava as aulas a Ismaelzinho. Este já recolhera os livros e se retirara para o seu quarto, onde antes passava grande parte do dia, estudando, lendo, e onde agora permanecia tão pouco tempo, tendo D. Leovigilda já descoberto por quê: o quarto de Ismaelzinho tinha janela para a área interna e dali ele não podia ver aquela desencaminhadora de menores.

Padre Ponciano tomou um ar grave, pigarreou discretamente e abordou o assunto:

— Tenho notado que o nosso Ismael anda muito nervoso, minha senhora.

— Eu também, padre. Isto vem me preocupando há dias.

— Não esperava outra coisa de mãe tão zelosa. Mas acontece que precisamos descobrir...

O padre interrompeu a frase a meio, vendo o Sr. Leocádio que entrava e se dirigia a uma gaveta onde guardava as contas do condomínio. Trazia os papéis de algumas despesas e queria registrar no livro-caixa. Ele também se surpreendeu com a presença da mulher e do padre, conversando com ar tão formal. D. Leovigilda quebrou o rápido silêncio que se fez:

— Foi bom você chegar, Leo. Estamos conversando sobre um assunto muito sério.

— Mas, Pe. Ponciano - ponderou imediatamente Leocádio: — O senhor aumentou o preço das aulas não faz nem um mês.

— Não se trata disso — cortou D. Leovigilda contrariada. — Trata-se de Ismaelzinho.

— Mesada?

— Que mesada, homem. O Pe. Ponciano estava aqui a me dizer que Ismaelzinho anda esquisito. Faça o favor de repetir suas palavras, padre.

— Bem — tornou a falar Pe. Ponciano: — Eu estava aqui a dizer para sua senhora que o rapaz deve ter algum problema. Ultimamente ele anda muito nervoso, muito desatento às aulas. Deve haver um motivo para isto.

— Eu sei o motivo — declarou solenemente a inquebrantável senhora.

E nem diminuiu o tom de voz para dizer: — Mulher!

— Mulher??? — o padre arregalou os olhos.

— Mulher??? — repetiu seu Leocádio, boquiaberto.

— Mas, minha senhora... um futuro seminarista. O rapaz tem dotes sacerdotais e...

— Tenho certeza de que nem sequer falou com ela — voltou a interromper: — Ismaelzinho sempre foi um rapaz corretíssimo e nunca se meteu com mulheres. Ele está obcecado por uma visão.

— Mas que diabo de visão é esta — bradou Leocádio, esquecendo-se da presença do padre e citando o capeta com a maior intimidade.

Enquanto o piedoso sacerdote se benzia, D. Leovigilda se levantou e comandou as ações:

— Venham e vejam.

Caminhou até a janela e, puxando a cortina, mostrou o binóculo que Ismaelzinho, para não ter que responder perguntas embaraçosas ao atravessar a sala portando aquele objeto de nenhuma finalidade doméstica ou didática, escondera ali.

— Meu binóculo - disse o Sr. Leocádio.

— Sim, o seu binóculo — concordou a mulher, abaixando-se e apanhando o binóculo: — Ele botou esta porcaria aqui para ver aquela pecadora mais de perto — e dizendo isto olhou pela janela e apontou lá para baixo.

Coincidência ou não, o fato é que Marlene estava debruçada na varandinha de seu apartamento, tomando a fresca.

— Veja — disse a senhora: — lá está ela — e entregou o binóculo ao padre que, imediatamente, assestou-o na direção da varanda de Marlene e começou a graduar as lentes. Ela estava com um decote muito condescendente.

— Mas quem é aquela mulher? — perguntou o síndico, com toda a sinceridade, por ser talvez o único homem das proximidades que ainda não notara a presença de Marlene naquele apartamento.

— Uma vagabunda qualquer, é isto — soltou a mulher, iniciando uma torrente de palavras acusatórias à vizinha que mal conhecia: — uma dessas sem-vergonhas que trabalham no cinema, uma despuddorada que sai para a praia de Copacabana quase nua, que sai daqui, do Grajaú, com as pernas de fora e atravessa a cidade assim, para ir se exibir nua pr'aquelas bandas. Onde já se viu uma coisa dessas aqui, numa zona residencial...

— Mas o que é que o Ismaelzinho tem com ela? — queria saber o Sr. Leocádio.

— Nada. Graças a Deus... mas está babado por ela... está sendo tentado pela pecadora. Esta mulher precisa ser expulsa daí — e, com esta sentença, D. Leovigilda encerrou o laudo acusatório.

Durante todo esse tempo, o padre continuara firme, olhando pelo binóculo. Ela notou a demora e falou, com voz de censura:

— Pe. Ponciano!!!

O sacerdote baixou rapidamente o binóculo, embaraçado. E foi aí que Ismaelzinho, atraído pelas palavras duras que sua mãe dizia a ele, lá do banheiro e não conseguia entender, entrou na sala. Vendo os três próximos à janela e o padre com o binóculo na mão, sentiu uma tonteira irresistível e caiu duro no chão. Desmaiou.

4

— Meu Deus, ele quebrou a cabeça — berrou D. Leovigilda, quando viu Ismaelzinho cair no tapete e dar com a cabeça na beira da mesa, abrindo um talho na testa.

A confusão que se formou foi geral, com todos correndo ao mesmo tempo para socorrer o rapaz,

inclusive a empregada, que veio lá de dentro atraída pelos gritos da patroa. A tudo isto Marlene, lá embaixo, do outro lado da rua, estava alheia. Calmamente ela se retirava da janela, porque três sujeitos metidos a engraçadinhos tinham parado na calçada, perto da sua varanda, e lhe dirigiam piadinhas sem a menor graça; pelo menos do ponto de vista dela, já que o trio se divertia bastante vendo a contrariedade da moça diante do seu humor grosseiro.

Positivamente ela não estava gostando da vizinhança. Não por causa de galanteios bobocas, que a isto ela estava acostumada e em qualquer bairro é a mesma coisa, mas por causa do olhar hostil das mulheres, do olhar pidão dos homens. A isto Marlene não estava acostumada.

A princípio divertira-se com aqueles homens que, das suas respectivas janelas, olhavam-na insistentemente. Uns eram tão insistentes e permanentes nos seus postos de observação que lhe vinha um impulso moleque de lhes dar um adeusinho. Pensou que, se assim fizesse, a surpresa seria tão grande que a maioria se despencaria pela janela. Este pensamento também a divertiu, mas depois — quando as mulheres passaram a observá-la com ar de censura — começou a achar chato.

Agora ela estava mais do que precavida contra os vizinhos, com os reiterados episódios que involuntariamente provocou. Houve o caso do senhor que morava no andar térreo de um dos prédios do outro lado da rua, que lhe mandara uma cesta de flores e ela entregara ao porteiro João para devolver. O homem assinara-se Arnaldo e soube depois, pelo mesmo João, que era um viúvo assanhado. Houve o caso do cavalheiro que morava no edifício ao lado, no segundo andar, onde uma janela devassava o seu quarto. Uma tarde estava tranquilamente mudando de roupa quando dera com ele na janela citada, sorrindo-lhe prazerosamente. Ficara contrariada e batera com as venezianas de sua janela no focinho do indiscreto. Dias depois deu-se o caso inverso: estava inadvertidamente de baby-doll, deitada em sua cama a falar no telefone, quando deu de cara com uma senhora a espiá-la do mesmo lugar onde estivera o cavalheiro.



Mas aí foi a senhora que lhe dirigira um muxoxo desdenhoso e batera a janela. Havia também o gorduchinho do 102. Rara era a vez em que Marlene saía ao corredor que ele não arranjasse também um pretexto para sair e lançar-lhe olhares cobiçosos. E havia a cena desagradável que se repetia sempre que Marlene saía para ir à praia. Quando ela aparecia na portaria de maiô, coberta pela sua saída-de-praia, abraçada à barraca e à esteirinha, imediatamente havia um silêncio constrangedor na rua. Grupos se cutucavam, homens se viravam ostensivamente e parecia haver um aviso secreto que fazia surgir cabeças em dezenas de janelas. Ela fingia não tomar conhecimento de nada. Seguiu seu caminho, entrava no carro estacionado no meio-fio, ligava o motor e ia embora. Mas tudo se repetiria, quando ela voltasse.

E tudo continuava mais ou menos nesse pé, até que veio aquele domingo. Chovera a semana inteira, Marlene não fora à praia e não deixara o carro como fazia sempre, em frente ao posto de gasolina onde trabalhava um rapaz que o lavava para ela. O domingo era um dia cacete e monótono, nuvens escondiam o sol e contribuíam para o mormaço reinante. Marlene, chateada por ter de passar o dia inteiro sem nada que fazer, foi até a varandinha do apartamento e olhou para o carro.

"Como está sujo", pensou.

Súbito, teve uma ideia:

"Vou lavar o coitadinho".

Voltou para o interior do apartamento e tirou o vestido. Pegou uma blusa e vestiu, enrolando as pontas e dando um nó abaixo dos seios. Meteu um short amarelo, já muito batido, e foi à área interna onde apanhou um balde, o pano de pó e o pano de chão.

Pouco depois, sem se importar com um grupo de homens que lhe dirigiram os galanteios habituais, começou a lavar o carro. E logo várias cabeças surgiram nas janelas da vizinhança, para apreciar o espetáculo.

Não se passara nem um minuto do momento em que Marlene se aproximou do carro e já Arnaldo tocava a campainha no apartamento de seu Eugênio. Quem abriu a porta foi Mariana e, ao dar de frente com a sua última esperança para trocar de estado civil, baixou os olhos pudicamente e murmurou:

— Olá, Arnaldo.

Arnaldo devolveu o olá e, não escondendo seu nervosismo, quis saber:

— Eugênio está?

Não foi preciso resposta, o carão de seu Eugênio assomou à porta e Arnaldo pediu, disfarçando o mais que pôde a sua ânsia:

— Eu queria te falar uma coisa.

Seu Eugênio saiu e fechou a porta atrás de si, pouco se incomodando em deixar Mariana plantada pelo lado de dentro. Os dois deram alguns passos pelo corredor e Arnaldo, depois de medir a distância e ter a certeza de que não seria ouvido por mais ninguém, segredou ao amigo:

— Depressa. A boa ali de frente está nua na rua — e encaminhou-se para a escada, seguido de seu Eugênio que, incrédulo, perguntou:

— Toda pelada?

— Quase — ia informando Arnaldo, enquanto desciam a escada com inusitada rapidez:

— Está com um short infernal, lavando o carro.

Esquecido de sua teoria sobre mulheres inacessíveis, seu Eugênio seguiu o companheiro, tendo murmurado apenas:

— Oba!

Noutras alturas ou, mais precisamente, cinco andares mais acima, Ismaelzinho procurava nervosamente o binóculo que D. Leovigilda escondera. Revirou o guarda-roupa da mãe sem o menor cuidado em manter a ordem dos guardados. Levantava caixas, atirava peças de vestuário para o ar e acabou encontrando o desejado binóculo numa gaveta, por baixo das camisolas de D. Leovigilda. Apanhou-o sôfrego e saiu correndo para a sala, escorregando no tapete e levando novo tombo, no mesmo lugar em que desmaiara dias antes. Desta vez, no entanto, nem sentiu o baque. Levantou-se depressa e meteu a cara na janela, com o binóculo nos olhos e um esparadrapo na testa.

Também o homem do prédio ao lado do de Marlene e que costumava vigiar seu quarto, aproveitou que sua zelosa esposa estava na missa, e ficou de lá grelando.

Marlene, inocente, tinha ido lá dentro encher novamente o balde e estava de volta, quando D. Esperança, lá do seu quarto, gritou para Mariana, na sala:

— Mariana, quem tocou a campainha?

— Foi Arnaldo. Queria falar em particular com Eugeninho.

Não foi preciso mais nada. Logo D. Esperança surgiu na sala e trovejou:

— Como?

Sim, era isto mesmo. O Arnaldo chegara e dissera que queria dizer uma coisa ao Eugeninho. Os dois saíram e deviam ter ido lá pra baixo, para o apartamento do Arnaldo.

D. Esperança correu à janela e viu Marlene do outro lado, lavando o carro.

— Nós também vamos lá pra baixo — anunciou resoluta, abrindo a porta e saindo, seguida pela tímida irmã.

5

Arnaldo, no seu incontido desejo de espiar Marlene, nem se lembrou de fechar a porta do apartamento, por onde passou D. Esperança impávida e forte, sem ao menos ponderar que estava entrando no apartamento de um viúvo, o que — na ordem das coisas — deve ser mais ou menos pecado igual ao de frequentar apartamento de solteiro. Isto deve ter pensado Mariana, que hesitou à entrada, mas acabou seguindo Esperança, prevendo as complicações prestes a se desencadear.

Lá em cima, no quinto andar, D. Leovigilda saía do banheiro enrolada numa toalha e entrava em seu quarto para se surpreender com a bagunça reinante. Havia calcinhas íntimas no assoalho, suéteres em cima da cama, caixas abertas sobre a sua penteadeira e todas as portas e gavetas dos móveis estavam escancaradas. De saída ela ia pensando que era ladrão, mas ao ver suas camisolas revolvidas, correu para a gaveta e deu pela falta do binóculo. Num átimo percebeu o que acontecera e correu assim mesmo, enrolada na toalha para a sala de jantar.

Também D. Esperança corria, mas lá no térreo, em direção ao mesmo cômodo, encontrando logo as respectivas bundas de Arnaldo e seu Eugênio voltadas para a parte de dentro, enquanto suas cabeças (ela não viu mas calculou) estavam debruçadas para fora, admirando aquele espetáculo de deboche, aquele exibicionismo despudorado.

— EUGÊNIO!!! - estrondou a gordíssima senhora, surpreendendo a cachorrinha de Arnaldo, que dormia numa poltrona. A pobrezinha meteu o rabo entre as pernas e fugiu como um raio para a cozinha, enquanto seu Eugênio, surpreendido em flagrante, pulava para trás e dava com a nuca na guilhotina da janela.

— Bonito papel, seu deletério. Então o senhor também é um debochado, como esse sátiro — e D. Esperança apontou para Arnaldo.

— Perdão, mas... — ia dizendo Arnaldo.

— Perdão é o raio que o parta. Um não deve nada ao outro...

— Você está enganada, querida, eu estava justamente convencendo o Arnaldo de não espionar os vizinhos — tentou explicar seu Eugênio.

— E você pensa que eu vou acreditar nesta baboseira? Você pensa que eu sou uma imbecil qualquer?

— Ninguém chamou a senhora de imbecil — ponderou Arnaldo.

— Cale-se — retrucou ela. - O senhor é o principal culpado... Trazendo meu marido que estava quieto em casa, para ver aquela prostituta...

— Lá isso é verdade — concordou seu Eugênio, fugindo à responsabilidade.

— A senhora não sabe o que está dizendo — disse Arnaldo,

— O quê? Não seja pérfido, seu Arnaldo. O senhor acha então que todo mundo não conhece a sua ficha? Não me obrigue a falar, ouviu? Não me obrigue a falar.

— Eu não sei o que se pode falar a meu respeito. Eu sou um homem que não tenho de dar satisfação a ninguém. Além disso, eu sou viúvo.

— Viúvo e debochado. Todos, compreendeu... todos sabem as farras que o senhor faz aqui dentro com suas crioulas.

— Crioulas não. Caboclas — traiu-se Arnaldo, prejudicado pela raiva: — Eu nunca andei com crioulas.

Foi aí que Mariana, até então calada, a olhar de um lado para o outro, como se assistisse a uma partida de pingue-pongue, entrou na roda. Deu um gritinho e colocou as mãos sobre os olhos, não querendo acreditar no que ouvira.

Arnaldo segurou-a: — Perdão, Mariana, eu...

Mariana abaixou os braços resoluta e lascou-lhe na cara:

— Racista! — e saiu correndo rumo ao corredor, em demanda do quarto onde choraria com mais conforto o seu desgosto.

No quinto andar, D. Leovigilda também apanhara Ismaelzinho com a boca na botija:

— Largue esse binóculo, pecador — tentou ela dizer com ares de ofendida pela heresia filial.

Mas Ismaelzinho limitou-se a virar o rosto e dizer:

— Não chateia, mamãe — e tornou ao binóculo.

— Oh... — exclamou sufocada.

Ismaelzinho nunca lhe falara assim. Era o poder diabólico daquela mulher enviada pelo demônio que estava influenciando seu filho. Se ao menos Pe. Ponciano estivesse ali, mas era domingo e aos domingos o padre sumia. Voltou-se nos calcanhares para botar um vestido e sair em busca do marido. De maneira nenhuma permitiria que Ismaelzinho continuasse a conspurcar os olhos na visão do pecado.

No andar térreo, seu Eugênio e Arnaldo tinham se afastado da janela e quem ali se aboletara agora era a possante D. Esperança. Seu corpanzil mal dava para debruçar no parapeito, mas ela se espremia na medida do possível e berrava lá pra fora:

— Indecente! Sem-vergonha!

Marlene, distraída a passar o pano molhado pela capota do carro, não percebeu de imediato que aqueles gritos eram para ela, mas quando D. Esperança gritou:

— Lugar de vagabunda mostrar o umbigo é no teatro.

... Marlene sentiu o drama.

Mas ela não era de engolir desaforo calada. Quando começaram os mexericos dos passantes, na hora em que ela principiou a lavar o carro, bem que ela ponderou sobre as vantagens e desvantagens de estar sendo o ponto convergente de tantos olhares, mas chegou à conclusão de que não estava fazendo nada demais e os outros que se ralassem. Esta conclusão deixou-a predisposta a defender-se de qualquer ataque. Daí o ter revidado de estalo:

Meta-se com a sua vida, bruxa gorda! — gritou Marlene.

Os rapazes das arquibancadas (e pareciam mesmo estar nas arquibancadas de um estádio, pois eram muitos, sentados nos degraus das portarias dos edifícios, no gradil das casas e alguns até no meio-fio) caíram na gargalhada, o que apenas serviu para aumentar a raiva de D. Esperança.

— É porque esta terra não tem polícia, por isso é que as vagabundas vêm morar no lugar de gente decente — ela conseguira enfiar um braço pela janela e balançava as banhas ameaçadoramente para Marlene:

— Saia daí, vagabunda. Senão eu vou te tirar — prosseguiu a mulher do apavorado seu Eugênio.





— Pois vem tirar que eu quero ver — respondeu Marlene, parando de esfregar e colocando as mãos nos bem torneados quadris.

D. Esperança saiu da janela e virou-se para ir brigar na rua. Seu Eugênio tentou ficar na frente, para impedir a propagação do escândalo, mas levou tamanha umbigada que foi obrigado a recuar.

Quem não recuou foi o Sr. Leocádio. Chamado por Leovigilda no apartamento 802, onde fora atender a reclamação do morador contra uma infiltração na parede, o pai de Ismaelzinho desceu para o quinto andar disposto a exemplar o filho. O casal entrou na sala e lá estava ele, no mesmo lugar, com o mesmo binóculo, na mesma contemplação.

— Veja — mostrou D. Leovigilda, colocando dramaticidade no gesto de apontar — lá está o nosso filho hipnotizado pela pecadora.

Ismaelzinho tão entretido estava que nem ouviu o libelo. De binóculo estava e de binóculo ficou. Indignado, o Sr. Leocádio partiu para ele e só então o filho virou-se. O safanão que o pai lhe deu para tomar o binóculo desequilibrou o rapaz, que perdeu o binóculo e o pé de apoio, caindo pela janela afora.

— Meu Deus! — gritou Leovigilda.

— Meu Deus! — ecoou Leocádio.

E foi por Deus mesmo que Ismaelzinho conseguiu se agarrar nos ferros que sustentavam os trilhos da persiana e lá ficou pendurado, mais pálido do que nunca.

6

Sem sombra de dúvida, os acontecimentos ali naquele trecho da Avenida Júlio Furtado estavam se desencadeando com uma certa coordenação. Por exemplo: as chamadas da radiopatrulha e do Corpo de Bombeiros foram feitas quase ao mesmo tempo. Os policiais tiveram intenso trabalho, os bombeiros praticamente nenhum, conforme se verá no decorrer desta narrativa.

Mariana, depois de chamar Arnaldo de racista e subir para o seu quarto (onde poderia chorar com mais conforto), usou realmente o seu cômodo particular para verter algumas lágrimas. Sua curiosidade pelas ocorrências que se desencadeavam, causadas pela crise provocada pelo short de Marlene, era, porém, bem mais forte do que a sua capacidade para sentir-se infeliz. Por causa desse detalhe, Mariana abandonou seu quarto e suas lágrimas, indo para a janela, ao ouvir os gritos de sua irmã Esperança, vindos da rua. Correu para a janela e logo notou a possibilidade daquilo se transformar em conflito. Em pânico, ligou para a radiopatrulha e pediu socorro.

Num dos edifícios em frente, não naquele em que residia Marlene, mas num outro ao lado, onde os moradores em grande maioria também postavam-se nas janelas para apreciar as cenas que se desenrolavam no asfalto, uma velhinha notou quando Ismaelzinho perdera o equilíbrio e caíra pelo

parapeito, ficando pendurado pelo lado de fora. Essa velhinha ligou em seguida para o Corpo de Bombeiros, avisando que havia um homem pendurado no prédio em frente, prestes a se despencar, caso uma escada magirus não fosse enviada com a maior rapidez possível.

O carro vermelho dos bombeiros estava ainda se preparando para partir quando Ismaelzinho foi salvo pelos esforços do pai e da empregada, uma robusta mulata. D. Leovigilda não ajudou nada, materialmente. Sua colaboração foi de âmbito espiritual. Vendo o filho a debater-se na lisura da parede, como se fosse uma desajeitada lagartixa, correu para a sala de jantar e ajoelhou-se em frente a um quadro da Ceia do Senhor e pôs-se a rezar com pungente fervor.

O Sr. Leocádio, mais prático, segurou Ismaelzinho por um braço e berrou o quanto pôde para que o filho se mantivesse calmo, que ele o puxaria de volta para dentro. Na verdade, não cumpriu a promessa, a não ser quando a empregada deu a sua mãozinha. Ela agarrou o outro braço de Ismaelzinho e comandou as ações:

— Patrão, quando eu gritar “já”, a gente puxa juntos — e gritou: — Já!

Puxaram de parceria e Ismaelzinho subiu o bastante para se agarrar como um náufrago que sente a possibilidade de salvar-se, no peitoril da janela. O resto foi fácil: o Sr. Leocádio agarrou-lhe os fundilhos das calças e alçou-o sala adentro, para alívio geral.

Na rua, a imensa D. Esperança encontrava o primeiro obstáculo. Ela saíra para a rua e, no caminho, apanhara uma vassoura que Arnaldo esquecera num canto da sala. Apesar dos reiterados gritos de seu Eugênio:

— Volte, mulher! O que é isso? Volte! Esperança, você enlouqueceu? ... apesar — reafirmo — ela seguiu no caminho da rua, onde chegou bufando de ódio:

— Você vai ver com quem se meteu, sua vagabunda! — gritou ela, para Marlene.

A adversária, vendo o volume do inimigo, a vassoura e seu ar decidido, empalideceu e recuou um pouco. Foi quando surgiu o primeiro obstáculo.

Os rapazes que se haviam juntado ao redor para ver Marlene lavar o carro de short, como se atendessem a um líder invisível, correram todos para proteger a moça e um, mais afoito, foi avisando:

— A senhora não vai bater na moça não.

— Saia daí, seu moleque — berrou D. Esperança.

— Não vai bater não! Volte para sua casa, megera, fera da Penha - foram algumas das expressões dirigidas a ela.

Por um momento D. Esperança mediu as hostes inimigas. Impotente ante os inesperados aliados da sem-vergonha, resolveu ir à forra no carro. Levantou a vassoura e deu tremenda vassourada num dos pára-lamas.

— Meu carro — gemeu Marlene, que tinha um carinho todo especial para com o Volkswagen ganho no concurso.

A raiva levou-a à reação. Apanhou o balde que estava a seu alcance e atirou toda a água na cara da outra. D. Esperança pôs-se a tossir de sufocação e ódio.

Quando seu Eugênio atravessou a rua, D. Esperança e Marlene já estavam engalfinhadas com a rapaziada em volta, querendo separar. Seu Eugênio não era um cagão total. Longe disso; tinha um certo medo de D. Esperança, um misto de respeito e vontade de não se chatear, mas para brigar com homem, até ali — e já ia para os 50 anos — nunca dera pra trás. Enfiou o braço no rapaz mais próximo e agarrou-se com ele. Arnaldo, que vinha atrás e não tinha decidido ainda se fora em demanda da área de atrito como simples espectador ou se fora solidário com o amigo e vizinho, aderiu à segunda hipótese e pôs-se a dar pontapés no rapaz que embolara com seu Eugênio. Os outros acharam que era covardia e um deles acertou um admirável bofetão em Arnaldo. O viúvo caiu à distância, como um sapo, todo esparramado na calçada. Sua fúria foi tamanha que perdeu o instinto de conservação. Viu a seu lado a vassoura abandonada por D. Esperança e, de sapo, passou a helicóptero. Segurou o cabo da vassoura com as duas mãos e levantando aquela perigosa “hélice” acima da cabeça, retornou à área de atrito rodando-a furiosamente, espalhando gente pra todo lado.

Foi quando chegou a radiopatrulha. Ou antes, não chegou a chegar. Pelo menos naquele instante. O carro do Corpo de Bombeiros corria pela Avenida Júlio Furtado em razoável velocidade, quando o carro da radiopatrulha, dirigido com aquela prepotência tão peculiar aos policiais, entrou na mesma avenida. O motorista dos bombeiros tentou travar, mas era tarde demais: as duas viaturas se chocaram de lado e, ambos os motoristas, para evitar um choque maior, deram um golpe de direção, subindo os carros a calçada e derrubando o muro de um terreno baldio, de onde saiu a correr, espavorido e segurando as calças, um mendigo barbado. O que ele estava fazendo ali não é da nossa conta. Afinal, nós todos, ainda que não seja em terreno baldio, fazemos a mesma coisa.

Policiais e bombeiros desceram das respectivas viaturas para examinar os danos causados e os possíveis feridos. Felizmente os danos eram poucos e não havia feridos, mas a velhinha que chamara o Corpo de Bombeiros para salvar Ismaelzinho estava num posto de observação que não permitia atentar para detalhes. Por isso, vendo o choque, ela foi ao telefone e ligou para o Touring Club pedindo um carro-reboque.

No quarteirão, a coisa estava feia. Arnaldo, de tanto rodar, sentiu enjoo e vontade de vomitar. Largou a vassoura e encostou-se no carro, a suar frio, de mão na frente.

Seu Eugênio era contido por uns dez, D. Esperança por uns cinco e Marlene era agora senhora absoluta da vassoura, que segurava com as duas mãos, aguardando novas escaramuças. Os empurrões e o vozerio continuavam e o Sr. Leocádio, que, depois de salvar Ismaelzinho, descera com toda a família e mais o seu revólver, achou de bom alvitre dar um tiro para cima, com intenção de espantar o povaréu. Espantou alguns circunstantes e enfureceu outros:

— Tiro não! - berrou o mesmo rapaz corpulento que proibira D. Esperança de bater em Marlene com a vassoura: - Tiro não! - repetiu, encaminhando-se de dedo em riste para o Sr. Leocádio.

Os homens da radiopatrulha, passado o susto, comentavam o acidente, quando ouviram o tiro. Deixaram o carro onde estava e saíram correndo em direção ao outro quartirão.

Quem também se impressionou com o tiro foi a velhinha que chamara os bombeiros e o carro-reboque. Ela saiu mais uma vez de sua janela e — prevendo feridos — ligou para o Pronto-Socorro, pedindo uma ambulância, para logo retificar:

— É melhor mandar duas. Tem muita gente machucada — dito o quê, desligou e voltou calmamente para a janela.

Mas, voltando a Ismaelzinho, quem não estava entendendo mais nada era Marlene. Segurando a vassoura, ela olhava para ele e cismava:

“Por que será que este rapazinho está aqui, me olhando com este olhar de hipnotizador de circo?”

7

Como não podia deixar de ser, foram todos parar na delegacia. Isto é, todos não: os principais envolvidos na baderna. Marlene, na qualidade de pivô do crime, D. Esperança, na qualidade de provocadora do conflito, e mais seu Eugênio, Arnaldo, o Sr. Leocádio, sua esposa Leovigilda, o rapaz fortão que tentara proteger Marlene e mais uns dez outros, entre culpados e testemunhas. Ismaelzinho não foi arrolado nem como uma coisa nem como outra, mas Marlene lembra-se bem de que, na delegacia, em dado momento, deu com aquele mesmo rapaz de antes, novamente ao seu lado, olhando-a embevecido.

Foi um custo para os policiais conterem os ânimos e só conseguiram pôr fim ao entrevero quando um deles voltou ao carro — já retirado de cima da calçada pelos bombeiros — e pediu reforço. Esse reforço, inclusive, chegou na forma de um tintureiro (uma dessas camionetas fechadas da polícia, especiais para o transporte de presos). Houve certa confusão à sua chegada, pois o tintureiro parou no local no mesmo momento em que as duas ambulâncias também chegavam ali.

Na Delegacia, o comissário de dia simpatizou sensivelmente com Marlene e foi muito gentil com ela, o mesmo não acontecendo em relação à D. Esperança, a quem chamou de culpada pela ocorrência. Outro que levou um sabão em regra foi o Sr. Leocádio, por ter dado o tiro para cima. Mas, de uma forma geral, a autoridade foi bastante benevolente, se levarmos em consideração as proporções que o caso poderia ter tomado. Limitou-se o comissário a dar conselhos, a dizer que, entre vizinhos civilizados, aquilo era um absurdo.

Quando D. Esperança, secundada por D. Leovigilda, insistiu que os trajes de Marlene atentavam contra o pudor, o zeloso policial defendeu uma tese muito interessante, segundo a qual o sentimento de pudor é muito relativo e se madama sentia o seu pudor ferido ao olhar para o short de Marlene, não devia mais fazê-lo, uma vez que, assim procedendo, era madama que estava ofendendo o seu próprio pudor e não a moça que vestia o short, e o vestia sem imaginar que pudesse estar provocando nos outros tal sentimento. Dito o quê, sorriu para Marlene.

Terminada a explanação, o comissário considerou que o melhor seria não registrar a queixa para evitar novas desavenças, ainda mais porque — ele tinha certeza — o incidente seria esquecido, para que todos pudessem viver naquele quarteirão de sua jurisdição em perfeita coexistência pacífica. Era bem falante o comissário, e conseguiu impor o seu ponto de vista sem provocar ressentimentos em qualquer das partes litigantes, nem mesmo em D. Esperança, já amaciada pelos desvelos de seu Eugênio, que desde o término da luta não fazia outra coisa senão abraçá-la e chamá-la carinhosamente de “minha Pepê”, apelido perdido no tempo, desde os primeiros anos de união do casal. Parece que o fogo da luta reacendera em ambos um amor ainda vivo, mas que teimava em se fazer de omisso, talvez porque os dois tivessem se habituado ao ramerrão do cotidiano. Quanto à outra parte — Marlene —, esta não tinha mesmo do que se queixar. A decisão do comissário era tão-somente um desejo de cativá-la, conforme ela logo percebeu.

Marlene era muito viva e percebia tudo. Só não percebia por que diabos estava aquele rapazote magrela ali quase encostado a ela, como se quisesse cheirá-la, olhando-a com olhos vidrados.

No dia seguinte a paz voltou a reinar naquele trecho da Avenida Júlio Furtado (Grajaú - Guanabara - Brasil), salvo um ou outro comentário entre vizinhos, pois a bagunça fora muito grande e era natural que provocasse ainda comentários; afora isso, a paz era total e já não havia aquele clima de tensão que aumentara gradativamente, desde que Marlene fora morar ali.

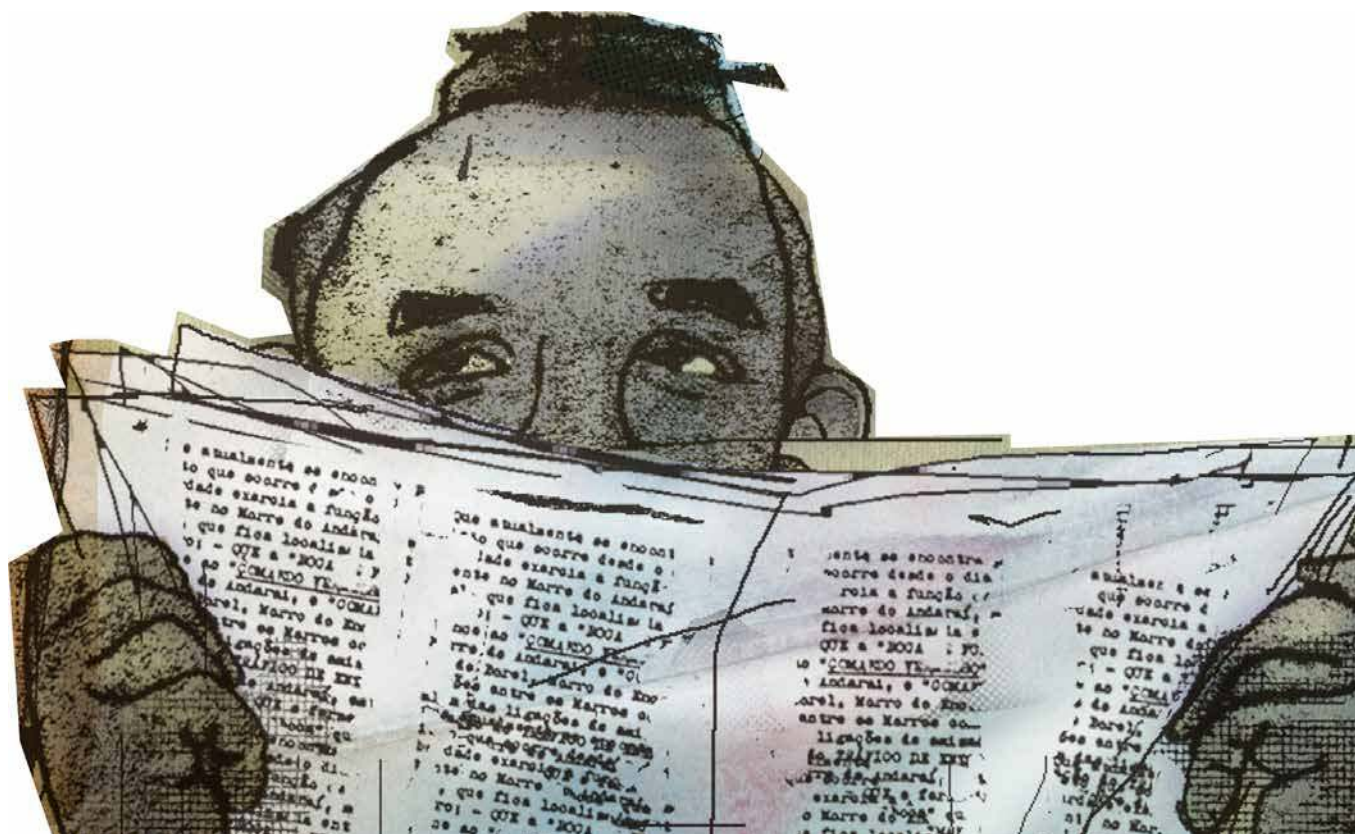
Mesmo assim, Marlene resolveu se mudar. Os acontecimentos deixaram-na muito desgostosa, saíra seu retrato nos jornais; isto lhe parecia uma propaganda negativa para sua carreira no cinema. Não, ela não ficaria mais ali. Já tinha combinado com uma amiga de ficar no seu apartamento no Catete, até que arranjasse outro para si. Um amigo seu, jornalista, aconselhara a mudança o mais breve possível e naquela mesma segunda-feira ela tinha tudo assentado. Os móveis ficariam num guarda-móveis, o telefone seria retirado, ela nem voltaria para providenciar nada disso. Fez mala grande com as coisas que precisaria de momento e, discretamente, deixou o apartamento. O porteiro colocou a mala no carro e ela saiu sem ser notada por ninguém, salvo pelo rapazinho magrela. Quando Marlene dobrou a esquina, deixando o bairro do Grajaú para sempre, lá estava Ismaelzinho parado a contemplá-la de olhar fixo e boca aberta.

Até mesmo Mariana voltara às boas com Arnaldo. Depois de ver a irmã entrar tão resolutamente no apartamento do viúvo, achou que ela também podia frequentar a casa dele e então desceu com um bife cru para botar no olho roxo de Arnaldo. Ele ficou tão agradecido, ela ficou tão encantada com os agradecimentos dele, que esqueceram o bife, do que se aproveitou a cachorrinha de Arnaldo para almoçar.

Mas quem mais se beneficiou com tudo aquilo foi o casal Eugênio-Esperança. Suas últimas horas foram vividas num mar de rosas e — quando chegou a hora do jantar e seu Eugênio chegara com fome — trocaram um beijo longo e ela falou:

— Meu bem, vista o pijaminha e venha jantar, que eu preparei a sopa de camarão que você adora.

Igual em feitiço, porque em tamanho era umas dez vezes maior.



A FAMÍLIA PONTE PRETA

TIA ZULMIRA, MIRINHO,
ROSAMUNDO E AGREGADOS

TEXTO CLÁUDIA MESQUITA



Se Stanislaw Ponte Preta nasceu no *Diário Carioca*, pesando duas folhas datilografadas, a Família Ponte Preta é filha legítima do *Última Hora*. No jornal de Samuel Wainer, no qual atuou por mais de uma década, Sérgio Porto criou a mitológica família Ponte Preta, comandada pela sábia e irreverente macróbia Tia Zulmira, matriarca do clã, pelo “abominável” primo Altamirando, um mau-caráter contumaz — sujeito oportunista, desocupado, mulherengo, explorador, o distraído Rosamundo das Mercês. Todos habitantes de um idílico casarão suburbano na escondida Boca do Mato, onde também circulavam Bonifácio, o patriota, Dr. Data Vênia, o burocrata, além de outros agregados.

Sérgio Porto afirmara, certa vez, que de todos os seus personagens, apenas Tia Zulmira e Primo Altamirando foram criados por ele, os outros existiriam mesmo, eram capturados circulando pelas ruas, coletivos, repartições públicas, boates, inferninhos, e morros cariocas. Tia Zulmira era a personagem mais querida de Stanislaw, uma espécie de porta-voz do autor, seu principal canal de crítica bem-humorada, sempre com uma máxima na ponta da língua inspirada nos ditos populares, do tipo: “Por causa de um caranguejo o brejo não põe luto”. Diferente do contorno caricatural dos demais personagens, a macróbia senhora era um tipo surpreendente e, até, contraditório, completamente fora dos estereótipos nos moldes da caricatura, tanto pela originalidade de suas opiniões, quanto pelo inusitado de suas atitudes. Como admitiu seu criador, Tia Zulmira foi evoluindo com o tempo, aprimorando sua personalidade, tornando-se uma senhora culta “preocupada com a situação do país, de uma visão larga e língua afiada”¹.

Ao contrário de Primo Altamirando, cujos feitos narrados só vinham endossar sua já bem definida caricatura de mulherengo, jogador, trambiqueiro, e mau caráter, Tia Zulmira é repleta de contradições.

A mais evidente consiste no fato de, apresentada como a “ermitã da Boca do Mato”, ser constantemente surpreendida nas crônicas de Stanislaw circulando pela cidade, e nos lugares mais inusitados. Como liquidações de calcinhas de *nylon* na Rua da Carioca, exposições vanguardistas no Museu de Arte Moderna no Aterro do Flamengo e, principalmente, nas galerias da Câmara dos Vereadores na Cinelândia — seu programa predileto — onde, de crochê em punho, manifestava-se ruidosamente em polêmicas sessões².

¹ PORTO, Sérgio. Arquivo Biográfico Sérgio Porto. Recortes. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira /Fundação Casa de Rui Barbosa, [s.d.].

²PONTE PRETA, Stanislaw. De hora em hora. Última Hora, Rio de Janeiro, 26 out. 1959. Tabloide.

Tia Zulmira também representa a natureza solidária das mulheres das camadas populares, sempre às voltas com uma legião de afilhados e com a adoção de crianças carentes ou abandonadas pelos pais. Graças à sua generosidade, que o nefando Mirinho, apelido do abominável Altamirando, foi incorporado ao clã, acolhido recém-nascido no casarão da Boca do Mato, quando deixado por seu pai Gumerindo Tenório Ponte Preta embrulhado numa folha do jornal O Dia³.

No sentido oposto dos valores comunitários e humanistas defendidos pela sábia Tia Zulmira, a “vergonha dos Ponte Preta” representa o aburguesamento da figura do malandro carioca, visto como preguiçoso, imprevidente, com inclinação para o desvio da lei em geral, com desmedida importância para a sexualidade, à retórica, à aparência e às exterioridades e, principalmente, enorme talento para ‘passar a perna’ no outro em proveito próprio”⁴.

De importância secundária, bem de acordo com a sua passiva personalidade, Rosamundo da Mercês é o personagem menos crítico dos Ponte Preta, é o que melhor representa o papel de caricatura, pois tudo que faz é em função de sua característica básica, a distração. Nascido no bairro do Encantado, no ano do Centenário da Independência, em 1922, e da vitória do América F.C, ao contrário de Primo Altamirando, Rosamundo não tinha laços consanguíneos com os Ponte Preta e, diferente do nefando parente, sempre fora um bom rapaz. Seu defeito era ser distraído, “à mercê de tudo” como sugere o próprio nome. Segundo Stanislaw, “em tempo algum haverá um sujeito de presença tão ausente como

³PONTE PRETA, Stanislaw. Primo Altamirando e Elas. *O melhor de Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. p. 43.

⁴ Ibidem, p. 43

Rosamundo”⁵, e com tanta capacidade para entrar em frias por conta da sua abstração. De origem humilde, filho da lavadeira de Tia Zulmira com um bicheiro, Rosa, como era também chamado, acabou sendo “adotado” pela bondosa ermitã, quando em um determinado dia, ao levar a trouxa de roupa à cabeça, como de costume, ocorreu um eclipse do sol e tudo escureceu, e “distraído às pampas... Rosamundo tratou de tirar a roupa e deitar-se, e dormiu logo como sói acontecer com os inocentes”⁶. Nunca mais voltou ao Encantado, sendo criado pela sábia macróbia e incorporado ao clã dos Ponte Preta como mais um dos seus tipos masculinos.

Embora os tipos masculinos fossem maioria no casarão da Boca do Mato, o universo literário de Stanislaw Ponte Preta se constrói em torno da imagem da mulher, ficando os homens em posição secundária, sendo “fascinados pela figura feminina, objeto do desejo, de prestígio, de identidade”⁷. Levando-nos a concluir, portanto que, na composição de um carioca típico empreendida pelo autor, as características associadas à Tia Zulmira como: humor, malícia, sabedoria, senso crítico, generosidade e irreverência ocupariam um lugar central.

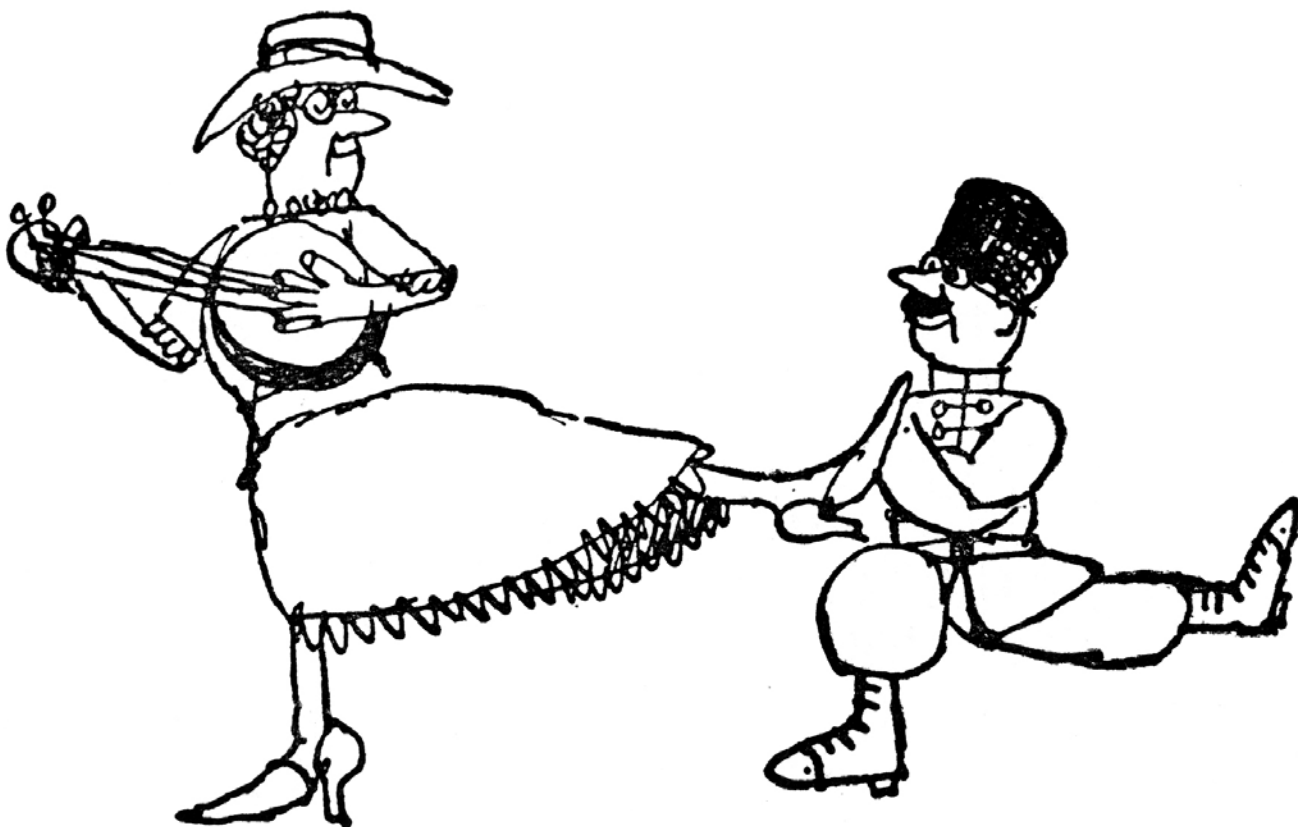
Stanislaw Ponte Preta não oferece ao leitor detalhes da fisionomia de seus personagens, como também Sérgio Porto não oferecia aos ilustradores de suas crônicas. Jaguar, desenhista oficial dos livros editados por Sérgio Porto pela Editora Sabiá, diz que jamais o cronista lhe deu qualquer pista ou indicou como fazer, ao contrário, lhe deixava o mais solto possível, restando ler as crônicas e se recorrer às próprias lembranças, afinal: “Quem não tem uma Tia Zulmira na família?”, pergunta o criador do Pasquim⁸.

⁵Rosamundo e os outros. In: PONTE PRETA, Stanislaw. O melhor de Stanislaw Ponte Preta. op. cit., p. 75.

⁶Ibidem, p. 75.

⁷Ibid. p.75.

⁸Depoimento de Jaguar concedido à autora. Rio de Janeiro, 6 de agosto de 2004.





PERFIL DA TIA ZULMIRA

ILUSTRAÇÃO CLAUDIUS

Claudio 3/21



Quem se dá ao trabalho de ler o que escreve Stanislaw Ponte Preta — e quem me lê é apenas o lado alfabetizado da humanidade — por certo conhece Tia Zulmira, sábia senhora que o cronista cita abundantemente em seus escritos. E a preocupação dos leitores é saber se essa Tia Zulmira existe mesmo.

Pouco se sabe a respeito dessa ex-condessa prussiana, ex-vedete do Folies Bergère (coleguinha de Collete), cozinheira da Coluna Prestes, mulher que deslumbrou a Europa com sua beleza, encantou os sábios com sua ciência e desde menina mostrou-se personalidade de impressionante inteligência, tendo fugido de casa aos sete anos para aprender as primeiras letras, pois na época as mocinhas — embora menos insipientes do que hoje — só começavam a estudar aos 10 anos. Tia Zulmira não resistiu ao nervosismo da espera e, como se a genialidade borbulhasse em seu cérebro, deu no pé.

*Quando a revista **SR** recomendou uma entrevista exclusiva com titia, conhecida em certas rodas como a “ermitã da Boca do Mato”, cobriu as propostas de **Paris Match**, de **Life** e da **Revista do Rádio**.*

Esta é a entrevista.

Sentada em sua velha cadeira de balanço — presente do primeiro marido — Tia Zulmira tricotava casaquinhos para os órfãos de uma instituição nudista mantida por D. Luz Del Fuego. E foi assim que a encontramos (isto é, encontramos titia), na tarde em que a visitamos, no seu velho casarão da Boca do Mato.

Antiga correspondente do Times¹ na Jamaica, a simpática macróbia é dessas pessoas fáceis de entrevistar porque, pertencendo ao métier, facilita o nosso trabalho, respondendo com clareza e desdobrando por conta própria as perguntas, para dar mais colorido à entrevista.

— Sou natural do Rio mesmo — explicou — e isto eu digo sem a intenção malévola de ofender os naturais da província. Fui eu, aliás, que fiz aquela verso no samba de Noel Rosa, verso que diz: “Modéstia à parte, meus senhores, eu sou da Vila.”

¹ Não confundir Times — jornal inglês — no plural, com Time — revista americana — das menos singulares.



E é. Tia Zulmira mostra seu registro de nascimento, feito na Paróquia de Vila Isabel. Documento importante e valioso, pois uma das testemunhas é a própria Princesa Isabel (antigamente a “Redentora” e hoje nota de 50 cruzeiros). Ela explica que sua mãe foi muito amiga da princesa, tendo mesmo aconselhado à dita que assinasse a Lei Áurea (dizem que o interesse dos moradores da Vila em libertar os escravos era puramente musical. Queriam fundar a primeira escola de samba).

— Porque se mudou de Vila Isabel para a Boca do Mato? — indagamos.

— Por dois motivos. O primeiro de ordem econômica, uma vez que esta casa é a única coisa que me sobrou da herança de papai e que Alcebiades² não perdeu no jogo. O outro é de ordem estética. Sai de Vila Isabel por causa daquele busto de Noel Rosa que colocaram na Praça. É de lascar.

— O que é que tem o busto?

— O que é que tem? É um busto horrível. E se não fosse uma falta de respeito ao capital colonizador, eu diria que é um busto mais disforme do que o de Jayne Mansfield.

Tentamos mudar de assunto, procurando novas facetas para a entrevista, e é ainda a entrevistada que vai em frente, mostrando um impressionante ecletismo. Fala de sua infância, depois conta casos da Europa, quando saiu daqui em 89, após a impressionante espinafração no Marechal Deodoro³, que proclamara a República sem ao menos consultá-la.

Não que Tia Zulmira fosse uma ferrenha monarquista. Pelo contrário, sempre implicou um pouco com a Imperatriz (achava o Imperador um bom papo) e teria colaborado para o movimento de 89, não fossem os militares da época, quase tão militares como os de hoje.

— Hoje estou afastada da política, meu amigo, embora, devido mais a razões sentimentais, eu pertença ao PLC⁴.

Fizemos um rápido retrospecto dos apontamentos até ali fornecidos. A venerada senhora sorri, diz que assim não vamos conseguir contar sua vida em ordem cronológica e vai explicando outra vez, com muita paciência: nasci no dia 29 de fevereiro⁵ de 1872. Aprendi as primeiras letras numa escola pública de São Cristóvão, na época São Christovam e com muitas vagas para quem quisesse aprender...

O resto nós fomos anotando:

Mostrou desde logo um pendor para as artes, encantando os mestres com as anotações inteligentes que fazia à margem da cartilha. Completou seus estudos num convento carmelita, onde aprendeu de graça,

² Oitavo marido de Tia Zulmira.

³ Hoje bairro que explode.

⁴ Partido Lambretista Conservador.

⁵ Tia Zulmira é bissexto.

numa interessante troca de ensinamentos com as freiras locais: enquanto estas lhe ministravam lições de matérias constantes do curso ginasial, Tia Zulmira lhes ministrava lições de liturgia. Mocinha, partiu para a Europa para aproveitar uma bolsa de estudos, ganha num concurso de pernas: então foi morar em Paris, dividindo o seu tempo entre o “Folies Bergère” e a “Sorbonne”. Nesta Universidade, concedeu em ser mestra de Literatura Francesa, proporcionando a um de seus mais diletos discípulos, o qual ela chamava carinhosamente de Andrèzinho. Tia Zulmira suspende por momentos o relato de sua vida para lembrar a figura de Andrèzinho, que vocês conhecem melhor pelo nome completo: André Gide.

Tia Zulmira prossegue explicando que, aos vinte e poucos anos, casou-se pela primeira vez, unindo-se pelos laços matrimoniais a François Aumert — o Cruel. O casamento terminou tragicamente, tendo Aumert morrido vítima de uma explosão, quando auxiliava a esposa numa demonstração de radioatividade aplicada, que a mesma fazia para Mme. Currie.

A hoje encanecida senhora lamentou profundamente a inépcia do marido para lidar com tubos de ensaio e, desgostosa, mudou-se para Londres, aproveitando a deixa para disputar a primeira travessia a nado do Canal da Mancha. Houve quem desaprovasse essa decisão, dizendo que não ficava bem a uma jovem de boa família se meter com o Canal da Mancha. A resposta de Tia Zulmira é até hoje lembrada.

— O Canal da Mancha não pode manchar minha reputação. Na minha terra, sim, tem um canal que mancha muito mais⁶.

E ela acabou atravessando a Mancha mesmo, chegando em terceiro devido à forte câimbra que a atacou nos últimos 2 mil metros. Fez um jacaré na arrebentação da última onda e chegou a Londres para morar numa pensão em Lambeth, onde viveu quase pobre, apenas com os sustentos de uma canção que fez em homenagem ao bairro⁷.

Na pensão, onde morava nossa entrevistada, vivia no quarto ao lado o então obscuro cientista Darwin, e com ela manteve um rápido flerte. Proust⁸, cronista mundano francês que esteve em Londres na época, chegou a anunciar um casamento provável entre Tia Zulmira e Darwin, mas os dois acabaram brigando por causa de um macaco.

— Em 1913, onde estava eu? — pergunta Tia Zulmira a si mesma, olhando os longes com olhar vago.

⁶ Manguê.

⁷ The Lambeth Walk. (Existe uma versão de Haroldo Barbosa.)

⁸ Certa vez um cronista mundano, para valorizar suas próprias besteiras, disse que Proust, antes de ser Proust, foi cronista mundano. Tia Zulmira gozou a coisa, dizendo que Lincoln também foi lenhador e, depois dele, nenhum outro lenhador conseguiu se eleger Presidente da República.



Chadwick 1/21

Lembra-se que houve qualquer coisa importante em 1913 e, de repente, se recorda. Em 13, atendendo a um convite de Paderewski, passou uma temporada em Varsóvia, dando concertos de piano a quatro mãos com o futuro músico, que deve a ela os ensinamentos de teoria musical.

Quando o primeiro conflito mundial estourou, ela estava em Berlim e teria ficado retida na capital alemã, não fosse a dedicação de um coleguinha, que lhe arranhou um passaporte falso para atravessar a fronteira suíça. Durante a I Grande Guerra, a irrequieta senhora serviu aos aliados no Serviço de Contra-Espionagem, tornando-se a grande rival de Mata-Hari, mulher que não suportava Zulmira e — muito fofoqueira — tentou indispor a distinta com diversos governos europeus. Zulmira foi obrigada a casar-se com um diplomata neozelandês de nome Marah Andolas — para deixar o Velho Mundo.

É interessante assinalar que este casamento, motivado por interesse, acabou por se transformar numa união feliz. O casal viveu dias esplendorosos em São Petersburgo, infelizmente interrompidos por questões políticas. A revolução russa de 17 acabou por envolver o bom Andolas. O marido de tia Zulmira foi fuzilado pelos comunistas de Lenine, somente porque conservava o hábito fidalgo de usar monóculo, sendo confundido com a burguesia reacionária que a revolução combatia. Morto Andolas, Tia Zulmira deixou a Rússia completamente viúva, após uma cena histórica com Stalin e Trotsky, quando, dirigindo-se aos dois, exclamou patética:

— Vocês dois são tão calhordas que vão acabar inimigos.

Dito isto, Zulmira virou as costas e partiu, levando consigo apenas a roupa do corpo e o monóculo do falecido. Chegou ao Brasil pobre, mas digna, e a primeira coisa que fez foi empenhar o monóculo na Caixa Econômica, sendo o objeto, mais tarde, arrematado em leilão pelo pai do hoje Embaixador Décio de Moura, que o ofertou ao filho, no dia que este passou no concurso para o Itamarati.

Zulmira estaria na miséria se uma herança não viesse ter às suas mãos. O falecimento de seu bondoso pai — Aristarco Ponte Preta (o Audaz) — ocorrido em 1920, proporcionou-lhe a posse do casarão da Boca do Mato, onde vive até hoje. Ali estabeleceu ela seu habitat, disposta a não mais voltar ao Velho Mundo, plano que fracassaria dez anos depois.

Tendo arreventado um cano da Capela Sistina, houve infiltração de água numa das paredes e — em nome da Arte — Zulmira embarcou novamente para a Europa, a fim de retocar a pintura da dita. Como é do conhecimento geral, ali não é permitida a entrada de mulheres, mas a sábia senhora, disfarçada em monge e com um pincel por debaixo da batina, conseguiu penetrar no templo e refazer a obra de Miguel Ângelo, aproveitando o ensejo de aperfeiçoar o mestre. Este episódio, tão importante para a história das Artes, não chegou a ser mencionado por Van Loon, no seu substancioso volume, porque, inclusive, só está sendo revelado agora, nesta entrevista.

⁹ Einstein

Nessa sua segunda passagem pela Europa, Tia Zulmira ainda era uma coroa bem razoável e conheceu um sobrinho do Tzar Nicolau, nobre que a revolução russa obrigou a emigrar para Paris e que, para viver, tocava balalaika num botequim de má fama. Os dois se apaixonaram e foram viver no Caribe, onde casaram pelo facilitário. O sobrinho do Tzar, porém, não era dado ao trabalho e Tia Zulmira foi obrigada a deixá-lo, não sem antes explicar que não nascera para botar gato no foguete de ninguém.

Voltou para o Rio, fez algumas reformas no casarão da Boca do Mato e vive ali tranquilamente, com seus quase 90 anos, prenhe de experiência e transbordante de saber. Vive modestamente, com o lucro dos pastéis que ela mesma faz e manda por um de seus afilhados vender na estação do Méier. No seu exílio voluntário, está tranquila, recebendo suas visitinhas, ora cientistas nucleares da Rússia, ora Ibrahim Sued, que ela considera um dos maiores escritores da época¹⁰.

A velha dama para um instante de tecer seu croché, oferece-nos um “Fidel Castro”¹¹ com gelo. É uma excelente senhora esta, que tem a cabeça branca e o olhar vivo e penetrante das pessoas geniais.

¹⁰ Aqui não ficamos bem certos se Tia Zulmira estava querendo gozar Ibrahim, ou se estava querendo gozar a época.

¹¹ Cuba Libre sem Coca-Cola.



NOTÍCIA DE JORNAL

ILUSTRAÇÃO JOÃO LIN

Quem descobriu, perdida no noticiário policial de um matutino, a intensa poesia contida no bilhete do suicida? Creio que foi Manuel Bandeira. Sim, se a memória não falha (e, meu Deus, ela está começando a falhar), foi o poeta Bandeira. Ele é que tem o dom da poesia mais forte. Claro, todos nós somos poetas em potencial, amando a poesia no

voo de um pássaro, na comovente curva de um joelho feminino, no pôr do sol, na chuva que cai no mar. Mas nós somos os pequenos poetas, os que sentimos a poesia, sua mensagem de encantamento, sem capacidade bastante para transmitir ao amigo, à amada, ao companheiro aquilo que nos encantou.

Então Deus fez o poeta maior, aquele que tem o dom de transmitir por meio de palavras toda e qualquer poesia seja ela plástica, audível, rítmica; sentimento ou dor.

"A poesia é espontânea" — disse um dia Pedro Cavalinho, o tímido esteta, enquanto descíamos de madrugada uma rua molhada de orvalho e um galo branco cantou num muro próximo. Um muro que o limo pintara de verde.

E é mesmo. Tão espontânea, que estava no bilhete do suicida. Um minuto antes de botar formicida no copo de cerveja e beber, ele rabiscou, com sua letra incerta, num pedaço de papel: "Morri do mal de amor. Avisem minha mãe. Ela mora na Ladeira da Alegria, sem número."

Manuel Bandeira, poeta maior, nem precisou transformar num poema as palavras do morto. Leu a notícia em meio às notas policiais do matutino e notou logo o que podem as palavras. O homem humilde, que fora a vida inteira um espectador da poesia das coisas, no último instante, sem a menor intenção, se fez poeta também. E deixou sobre a mesa suja de um botequim, entre um copo de formicida e uma garrafa de cerveja, a sua derradeira mensagem — a sua primeira mensagem poética.

Num matutino de ontem, num desses matutinos que se empenham na publicidade do crime, havia a seguinte notícia: "João José Gualberto, vulgo 'Sorriso', foi preso na madrugada de ontem, no Beco da Felicidade, por ter assaltado a Casa Garson, de onde roubara um lote de discos."

Pobre redator, o autor da nota. Perdido no meio de telegramas, barulho de máquinas, campanha de telefones, nem sequer notou a poesia que passou pela sua desarrumada mesa de trabalho, e que estava contida no simples noticiário de polícia.

Bem me disse Pedro Cavalinho, o tímido esteta, naquela madrugada: "A maior inimiga da poesia é a vulgaridade." Distraído na rotina de um trabalho ingrato, esse repórter de polícia soube que um homem que atende pelo vulgo de 'Sorriso' roubara discos numa loja e fora preso naquele beco sujo que fica entre a Presidente Vargas e a Praça da República e que se chama da Felicidade. Fosse o repórter menos vulgar e teria escrito:

"O Sorriso roubou a música e acabou preso no Beco da Felicidade."



ACREDITO QUE A "ESCRITA" SEJA QUEBRADA"...

"Não Háverá Violência e Vencerá o Melhor" — O
Tribuna da Liberdade — Maceio, 1911. —
"Não Háverá Violência e Vencerá o Melhor" — O
Tribuna da Liberdade — Maceio, 1911. —
"Não Háverá Violência e Vencerá o Melhor" — O
Tribuna da Liberdade — Maceio, 1911. —

Como se trata de um livro, não se trata de um livro...
Como se trata de um livro, não se trata de um livro...
Como se trata de um livro, não se trata de um livro...
Como se trata de um livro, não se trata de um livro...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...



DOINÇAS DA FELI...
DOINÇAS DA FELI...
DOINÇAS DA FELI...
DOINÇAS DA FELI...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...

MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...
MA HORA, solicitada pela...

O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...
O Problema Finge...

LEVANTADORES DE COPO

ILUSTRAÇÃO ANDRÍCIO DE SOUZA

Eram quatro e estavam ali já ia pra algum tempo, entornando seu uísquinho. Não cometeríamos a leviandade de dizer que era um uísque honesto porque por uísque e mulher quem bota a mão no fogo está arriscado a ser apelidado de maneta. E sabem como é, bebida batizada sobe mais que carne, na COFAP¹. Os quatro, por conseguinte, estavam meio triscados.



A conversa não era novidade. Aquela conversa mesmo, de bêbedo, de língua grossa. Um cantarolava um samba, o outro soltava um palavrão dizendo que o samba era ruim. Vinha uma discussão inconsequente, os outros dois separavam, e voltavam a encher os copos.

Aí a discussão ficava mais acalorada, até que entrasse uma mulher no bar. Logo as quatro vozes, dos quatro bêbedos, arrefeciam. Não há nada melhor para diminuir tom de voz, em conversa de bêbedo, do que entrada de mulher no bar. Mas, mal a distinta se incorporava aos móveis e utensílios do ambiente, tornavam à conversa em voz alta.

Foi ficando mais tarde, eles foram ficando mais bêbados. Então veio o enfermeiro (desculpem, mas garçom de bar de bêbedo é muito mais enfermeiro do que garçom). Trouxe a nota, explicou direitinho por que era quanto era etc. etc, e, depois de conservar nos lábios aquele sorriso estático de todos os que ouvem espinafração de bêbedo e levam a coisa por conta das alcalinas, agradeceu a gorjeta, abriu a porta e deixou aquele cambaleante quarteto ganhar a rua.

Os quatro, ali no sereno, respiraram fundo, para limpar os pulmões da fumaça do bar e foram seguindo calçada abaixo, rumo a suas residências. Eram casados os quatro entornados que ali iam. Mas a bebida era muita para que qualquer um deles se preocupasse com a possibilidade de futuras espinafrações daquela que um dia — em plena clareza de seus atos — inscreveram como esposa naquele livrão negro que tem em todo cartório que se preze.

Afinal chegaram. Pararam em frente a uma casa e um deles, depois de errar várias vezes, conseguiu apertar o botão da campainha. Uma senhora sonolenta abriu a porta e foi logo entrando de sola.

— Bonito papel! Quase três da madrugada e os senhores completamente bêbados, não é?

Foi aí que um dos bêbados pediu:

— Sem bronca, minha senhora. Veja logo qual de nós quatro é o seu marido que os outros três querem ir para casa.

¹ COFAP era Órgão executivo da Lei nº 1.522, de 26 de dezembro de 1951, que facultou ao governo federal intervir no domínio econômico para assegurar a livre distribuição de produtos necessários ao consumo do povo. Foi instituída com autonomia administrativa no Ministério do Trabalho. Em 1962, transformou-se na Superintendência Nacional do Abastecimento (Sunab). Fonte: FGV/CPDOC

BONITO PAPEL! QUASE TRÊS
DA MADRUGADA E OS
SENHORES COMPLETAMENTE
BÊBADOS, NÃO É?



SEM BRONCA, MINHA SENHORA.
VEJA LOGO QUAL DE NÓS
QUATRO É O SEU
MARIDO QUE OS
OUTROS TRÊS
QUEREM IR PARA
CASA.



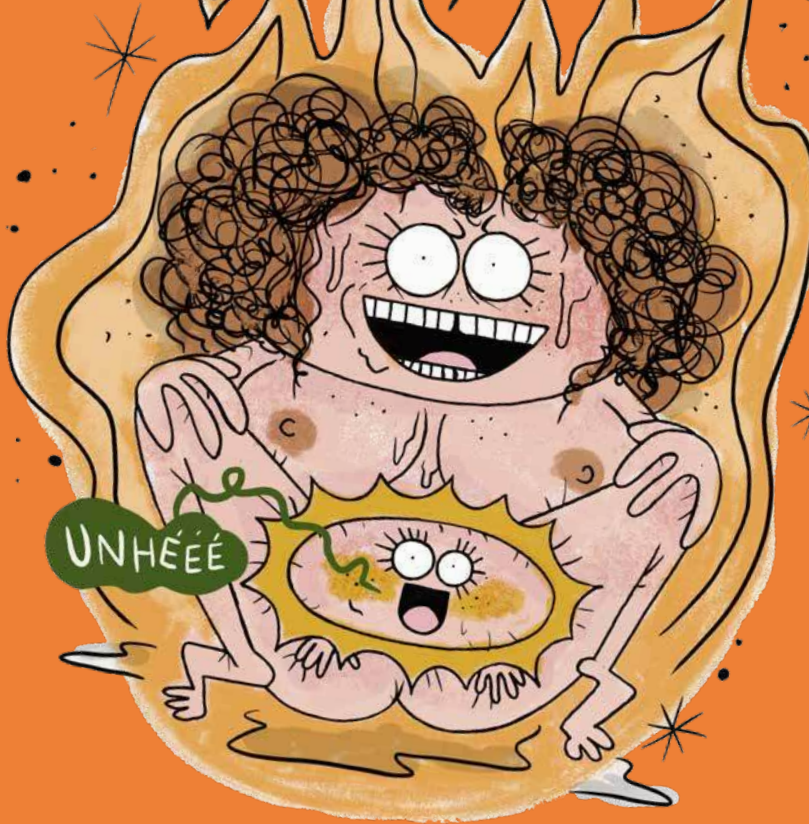
???!!!





LIÇÃO DE NUDISMO

ILUSTRAÇÃO FABIANE LANGONA



Nasceu o primeiro menino nudista!

Deu-se que uma dama de pouca roupa, habitante da Ilha do Sol, ilha onde reina a popular Luz Del Fuego, conheceu, no mesmo local, um cavalheiro, chamado Ladário Brito, que se veste na Sem-Cal. A jovem, cujo nome é Cleide, se apaixonou-se (vê aí onde fica melhor colocado o oblíquo, Osvaldo) pelo Ladário e, já vai pra mais de um ano, a dupla casou.

Agora — noticiam os jornais — vem de nascer o primeiro menino nudista. Sim, porque, mesmo depois de casados, Ladário e Cleide continuaram firmes como sócios do Clube Naturalista do Brasil, com sede na acima citada Ilha do Sol.

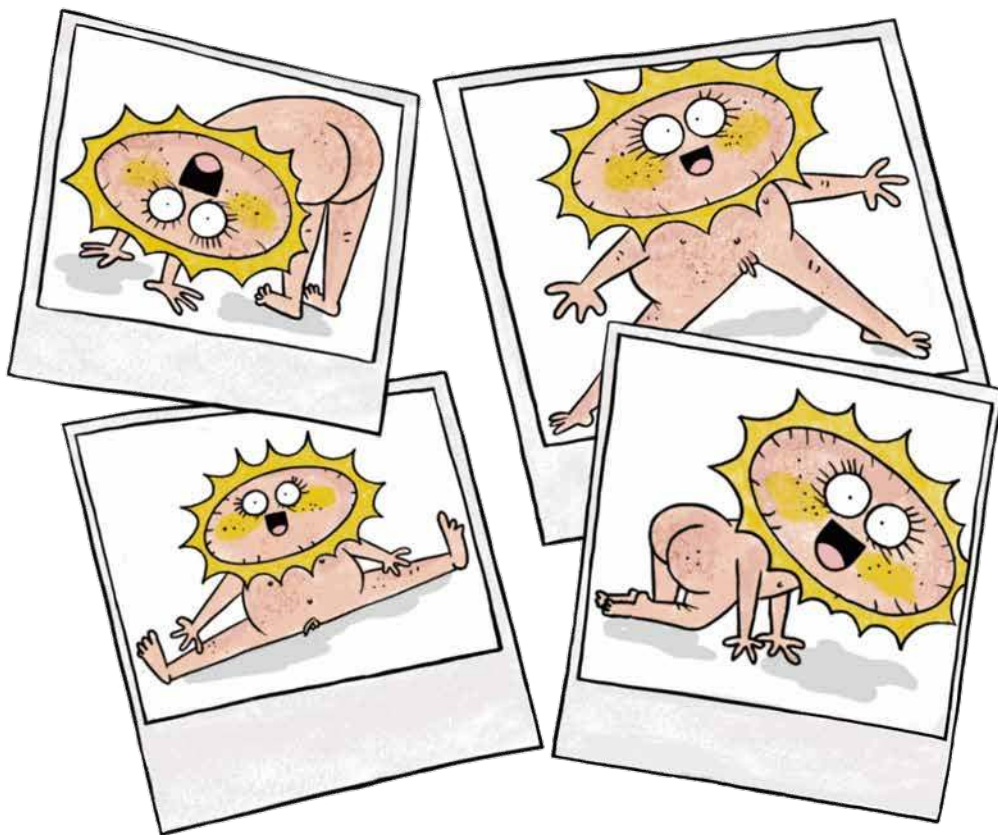
A mãe do primeiro menino nudista é quem dá entrevista à imprensa saudável, explicando que a criança, se tivesse nascido menina, ia se chamar Lua mas — felizmente — nasceu menino e será batizado com o nome de Sol, coitadinho. De qualquer maneira, Sol é melhor do que Lua, pois tem luz própria, ainda que não seja Del Fuego.

Dona Cleide Brito está contentíssima com o nascer do Sol e já declarou que o seu júbilo é enorme. Tão grande que até parece que o Sol nasceu para todos. Ela foi muito fotografada logo após o Nascente e os jornais abriram espaço para dar um lugar ao Sol, razão pela qual também apareceram nas reportagens diversas fotos do menino.

Nós — embora achando que nudismo é como brincadeira, isto é, tem hora — não podemos deixar de cumprimentar o casal e muito principalmente a jovem mãe que deu à luz o Sol. Apenas gostaríamos de corrigir um equívoco de Dona Cleide, no que tange à sua declaração de que seu filho é o primeiro filho nudista nessa cidade.

Para não cometer um erro, andamos mesmo a consultar entendidos no assunto, acabando por recorrer a tia Zulmira, como sempre fazemos em caso de dúvida. Pedimos à sábia ermitã da Boca do Mato para nos informar se não é precipitação de Dona Cleide reclamar para seu filho o título de primeiro menino nudista. A experiente parenta nem pestanejou para responder que, de fato, há aí um erro que a sócia do Clube Naturalista cometeu, com relação a prioridades nudistas do garoto. E acrescentou, não sem antes meter um pouco de malícia:

— Salvo um ou outro cocoroca que já nasceu de touca, todo menino quando nasce, é nudista.





BIOGRAFIA DE MIRINHO

ILUSTRAÇÃO ALLAN SIEBER

Primo Altamirando é nosso consanguíneo apenas por parte de pai, como aliás devem ser todos os parentes. Porque consanguíneos por parte de pai e mãe, só mesmo irmãos, pois primos que casam com primos, dá sempre em bronca. Tia Zulmira costuma dizer: Padres, Primos e Pombos — os dois primeiros não servem para casar, os dois últimos só servem para sujar a casa. Como sempre, a velha tinha razão.

Assim o nosso abominável parente é primo por parte de pai (Gumercindo Tenório Ponte Preta), mesmo porque, nunca teve mãe. Um dia Gumercindo entrou em casa com um embrulho debaixo do braço, um embrulho de jornal — se não nos falha a História, o jornal era “O Dia” — e disse para Tia Zulmira:

— Trouxe isso para você, Mamãe.

Como Gumercindo não era de dar nada a ninguém, todos correram para ver o que era. Desembrulharam o presente — era Mirinho. Tio Gumercindo tinha trazido a criança para a velha criar na chácara na Boca do Mato, recusando-se solenemente a dizer quem era a mãe (de Mirinho, naturalmente), talvez encabulado com o que andara fazendo 9 meses antes do episódio ora relatado.

Hoje Tia Zulmira defende a tese de que Mirinho é de chocadeira, porque um sujeito com um caráter deletério como é o do primo, não pode ter tido mãe de jeito nenhum. Mas passemos aos dados biográficos.

Mirinho nasceu no ano da desgraça de 1926. Para que vocês tenham uma ideia de como foi diferente o ano de 1926, basta lembrar que, nesse ano, o São Cristóvão foi campeão carioca. Aos cinco anos de idade Mirinho conseguiu um fato inédito na vida dos maus caracteres existentes em todo o mundo: foi expulso do Jardim de Infância. A professora pegou-o falando mal de São Francisco de Assis.

Graças aos mais rebarbativos processos de tortura chinesa, Mirinho conseguiu ao menos se alfabetizar, abandonando os estudos no 4.º ano primário para fugir com a professora de Ciências Físicas e Naturais, matéria que fazia parte do curso na época e que o primo resolveu estudar a fundo, para tanto raptando a mestra e inaugurando sua vida amorosa de forma escandalosa, como — de resto — tem sido até hoje sua vida nesse setor.

Aos 15 anos era um esplêndido marginal, com curso intensivo no SAM e ninguém tinha dúvidas de que haveria de superar o pai nisso de ser inimigo de todos os códigos, desde o penal ao de trânsito. O pai tinha como uma de suas glórias a ideia que um dia deu ao Barão de Drumond, para inaugurar o jogo do bicho; o filho superava de longe Gumercindo, tantas e tais foram as suas delinquências juvenis. A Secretaria de Agricultura do estado da Guanabara deverá eternamente este serviço ao nefando parente: foi ele o primeiro sujeito a plantar maconha no Rio de Janeiro.

Querer ressaltar as principais fases da vida desse cretino é um pouco difícil, pois não houve ano em que não bolasse uma safadeza qualquer, dessas de encabular filisteu. Tinha 15 anos incompletos quando fez a primeira freira pular muro de convento e ainda menor impúbere mobilizou toda a polícia carioca para descobrir quem é que andava ajudando as adutoras do Guandu a furarem os canos com mais frequência. Era ele.







As pequenas provas de um mau caráter, que as outras crianças costumam dar com idade de 10 aos 15 anos, Mirinho deu ainda de fraldas, tais como botar o canarinho no liquidificador, amarrar e acender foguetão no rabo do gato, passar pimenta na dentadura da avó, atear fogo na saia da babá (a ama seca de Mirinho era boa que só vendo, e ele levou uma surra homérica do pai, porque ao botar fogo na saia dela, quase queima o principal). Até mesmo Tia Zulmira, de natural tão compreensiva, perdeu a paciência com ele quando Mirinho ainda nem falava direito. A velha ficou justamente indignada porque Mirinho, na hora em que ela foi ao banheiro, para um proverbial banho de assento, colocou uma perereca no bidê.

Não queremos dar ao leitor uma impressão falsa do nosso biografado. Pelo contrário, aqueles que estiverem pensando o pior de primo Altamirando, ainda estão longe de fazer ideia de como ele é. No entanto, tem bom coração. Quando Al Capone morreu — por exemplo — Mirinho usou gravata preta e fumo no braço durante um mês. Ficou muito sentido com o falecimento desse seu ídolo.

Nestes 35 anos de sua vida, já cometeu desatinos para uns dois séculos, no mínimo, e não há setor da sociedade em que tenha se metido sem deixar para sempre os vestígios de sua passagem. Ainda rapazote, deu-se às lides esportivas, principalmente ao futebol. Foi o primeiro desportista a dar uma gruja ao adversário para amolecer o jogo.

Suas atividades políticas também são interessantes. Foi Mirinho quem aconselhou Ademar de Barros a largar a medicina para se dedicar à vida pública (não contente, fez a mesma coisa, alguns anos depois, com um médico muito alegre de Diamantina, um tal de Juscelino). Ainda como político, aconselhou as autoridades a reabrirem as câmaras de vereadores de todos os municípios brasileiros e correu o país de norte a sul, ensinando aos edis eleitos a arte do jabaculê, da mamata e das grandes negociatas.

No dia em que descobriu que este seu primo Stanislaw estava fazendo sucesso na imprensa, fez um curso de jornalismo de araque e foi ser repórter policial. Teve grande influência nas redações de nossas principais folhas informativas, insistiu muito para que se desse uma oportunidade aos cronistas mundanos e fez ver aos secretários de redação que isso da imprensa orientar o povo é besteira.

O ideal é dar destaque aos crimes hediondos, para o incremento dos mesmos e consequente abundância de notícias para os jornais.

— Plantar para colher! — costumava dizer o debilóide.

Mas hoje Primo Altamirando, embora nunca tivesse trabalhado, resolveu se aposentar. Abriu um escritório de corretagem, para contrabando, tráfico de entorpecentes e prostituição em massa. É do que vive, embora não precisasse disso, pois nunca deixou de ser gigolô de certas velhotas ricas da cidade, que lhe dão do bom e do melhor, e lhe pagam em dólar, como ele mesmo exige, para não ficar desmoralizado no mundo do crime. Tem certeza de que poupa a humanidade porque poderia explorá-la muito mais.

Enfim: um homem realizado.



ESCOVAS MUSICAIS

ILUSTRAÇÃO ALINE ZOUVI



Americano inventa cada coisa legal, né? Tirante foguete, tudo que americano inventa é legal. Veja, por exemplo, a fita durex. Durante toda a história da humanidade o embrulho mal feito foi o horror dos que conduziam objetos debaixo do braço. Vovô Clorofino — irmão de Tia Zulmira — uma vez passou um vexame no bonde de burro, por causa disso. Entrou, sentou ao lado de uma senhora respeitabilíssima que era sua vizinha, e botou o embrulho no colo. Foi chato, o embrulho abriu e apareceram as ceroulas de flanela vermelha, que ele tinha comprado pro inverno. Se, naquele tempo, já existisse fita durex, Vovô Clorofino não tinha passado pelo dissabor de ter a peça íntima olhada pela dama respeitável, que, segundo se dizia, nunca vira as ceroulas do próprio marido (quando Tia Zulmira conta essa história, Primo Altamirando costuma dizer: “Vai ver o marido não usava.”)

Mas, voltemos aos inventos americanos. Agora mesmo eles vêm de inventar escova de dentes musical. Diz que é legal. Trata-se de uma escova que, quando a gente passa nos dentes, ela toca uma musiquinha, para tornar mais ameno o hábito da ablução bucal, se nos permitem o termo. A escova, inclusive, ensina o freguês a escovar os dentes, isto é, só toca a musiquinha se o cara escovar a dentadura no sentido vertical, que é como mandam os odontólogos.

Primo Altamirando, para escovar os dentes, é mais duro que o time do Madureira para fazer gols no inimigo. Detesta escovar, Mirinho. Nestes últimos 36 anos, esta tem sido a grande luta de Tia Zulmira: fazer o nefando parente escovar os dentes de manhã.

Sabendo disso, mandamos vir dos Estados Unidos a tal escovinha com música e ontem fomos entregá-la à velha, lá no casarão da Boca do Mato. Explicamos como funcionava e esclarecemos que aquilo era uma esperança: talvez com a música, Mirinho escovasse os dentes.

Tia Zuzu suspirou e explicou que os americanos são práticos demais e, quando inventam as coisas, esquecem que existem pessoas excepcionais. E, num desabafo:

— Escova de dente com música não vai fazer Mirinho mudar de hábito. Aquele cretino, além de porco, é surdo.





0 1º
DE ABRIL

ILUSTRAÇÃO VELHA COSMO



No domingo passado Rosamundo chegou em casa para o almoço, depois de um substancial mergulho no Atlântico sul (Ala de Ipanema) e, não vendo movimento nenhum na casa, berrou: Jurema!!!

O grito ecoou pela casa toda e Jurema não apareceu, o que, aliás, é justo: Jurema foi a primeira mulher de Rosamundo, da qual se separou vai pra seis anos. Encabulado da própria distração, gritou pela mulher certa:

— Clotilde !!!

E neca. Clotilde não estava. O Rosa achou estranho, mas foi tomar seu banho. Só quando passou pelo corredor, enrolado na toalha, é que deu com o bilhete, preso no espelho.

Dizia assim: "Rosamundo, já não te suporto mais. Isto já não é de hoje,mas só hoje resolvo ir embora. Não tente reconciliação porque já gosto de um outro alguém".

A mulher de Rosamundo sempre foi de pouco refinamento. Adora filme de Mazzaropi, disco de Anísio Silva e a expressão "um outro alguém", que leu certa vez num poema de J. G. de Araújo Jorge, outra de suas paixões.

Rosamundo ficou com o bilhete na mão, sem entender direito. E já ia cair sobre uma poltrona com o impacto da notícia, quando se lembrou que era o 1.º de abril. Sorriu compreensivo e deixou pra lá. Sua mulher era um bocado brincalhona.

O diabo é que passou o domingo, ele esperou durante toda a segunda-feira, toda a terça-feira e hoje quarta-feira começou a achar que era 1.º de abril demais. Vestiu-se para ir a casa da mãe de Clotilde, dar queixa da mulher. Ao abrir a porta viu um chapéu no cabide. Botou na cabeça e o chapéu desceu até o nariz:

— Bem que me disseram que o Cabeção dava em cima dela — pensou Rosamundo.



D.H.
Lawrence.
Amante

J.G. de
Araujo
Jorge
A.S.O's





A VELHA CONTRABANDISTA

ILUSTRAÇÃO FABIANE LANGONA

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega — tudo malandro velho — começou a desconfiar da velinha.



Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com moamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava o saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal da alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

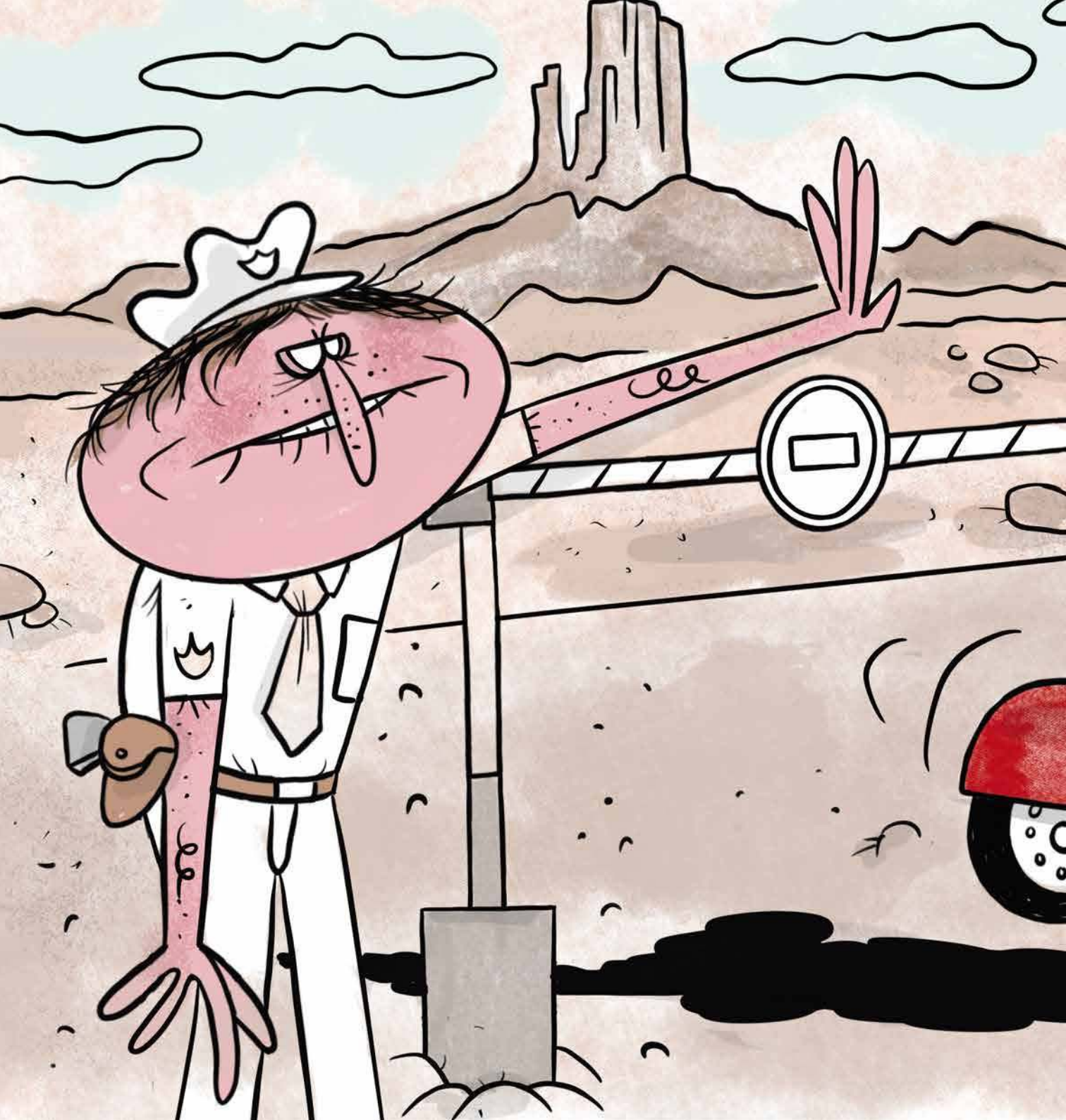
— Mas no saco só tem areia! — insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

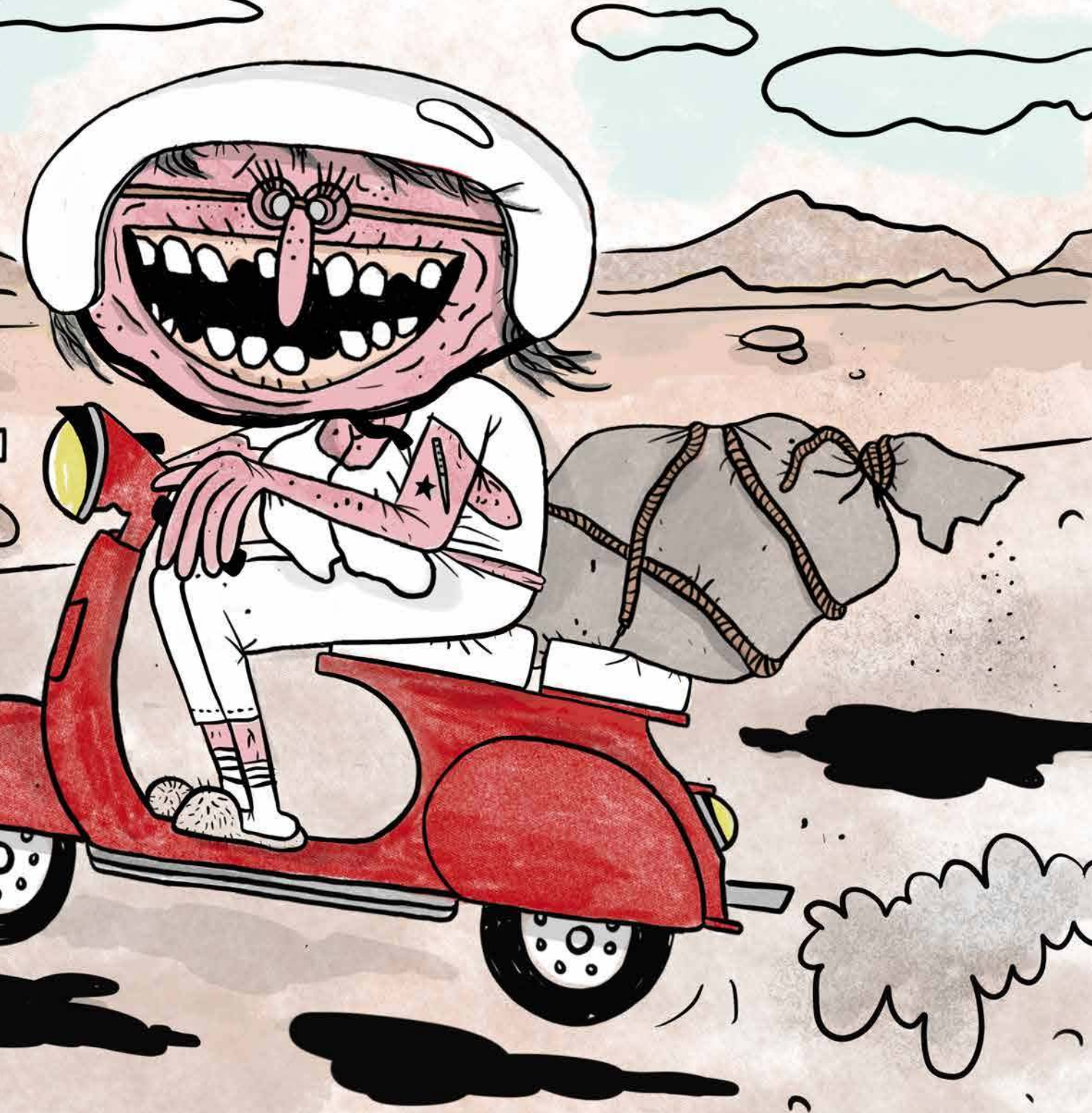
— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não “espáia”? — quis saber a velhinha.

— Juro – respondeu o fiscal.

— É lambreta.





FESTIVAL DE BESTEIRAS QUE ASSOLA O PAÍS

HUMOR POLÍTICO,
REPRESSÃO E RESISTÊNCIA
TEXTO CLÁUDIA MESQUITA

SISTÊNCIA

Em função da "atual conjuntura" — termo usado por Stanislaw para falar da realidade brasileira pós 1964 — o mais famoso sobrinho de Tia Zulmira lançou o Festival de Besteira que Assola o País (*Febeapá*). Título de uma seção da sua coluna no *Última Hora*, na qual — com os seus característicos coloquialismo e humor —, comentava absurdos e besteiras capturadas em jornais de norte a sul do Brasil. Essas crônicas, com ilustrações de Jaguar, foram publicadas em livro pela Editora do Autor, no ano de 1966, depois pela Editora Sabiá, fazendo dos *Febeapás*, 1 e 2, um dos maiores sucessos editoriais da época.

FEBEAPÁ

O hábito de Stanislaw transformar notícias de jornal em assunto das suas crônicas, é anterior ao "festival de besteiras" que assolou ao país. O cronista desde sua estreia no *Última Hora*, passou a comentar fatos ocorridos no Brasil e no mundo, misturando personagens reais com os da mitologia *pontepretiana*, num estilo próprio da escrita satírica moderna¹. Nesse aspecto, Sérgio Porto "bebeu na fonte" de Aparício Torelly, o Barão de Itararé (1895-1971), lendário comunista/humorista dos anos de 1930 e 1940. Por essa razão, o Barão foi chamado pelo ratinho Sig, de bisavô do Pasquim, onde o papel do avô, nessa genealogia do humor carioca, caberia a Stanislaw.

Como o Barão, Stanislaw nasceu nas redações, e com o mestre aprendeu que "a caneta é a pistola automática do jornalista e a máquina de escrever sua metralhadora na mão"². Tantas afinidades, certamente, decorrem da convivência do cronista com o precursor desse tipo peculiar de humor ferino, afinal Sérgio Porto iniciou sua carreira pelas mãos do dono do *Jornal do Povo* no final dos anos de 1940, onde fazia principalmente crítica de cinema, mas ajudava em quase tudo, inclusive na revisão de texto.

Autor da máxima: "política tem esta desvantagem, de vez em quando o sujeito vai preso, em nome da liberdade"³, Stanislaw, um democrata convicto, não aceitava quaisquer soluções ilegais para o Brasil, por meios violentos ou arbitrários. O cronista também declarava desdém pelo jogo político do poder, alegando "completa incapacidade para se deixar arrebatar por política"⁴, embora essa temática, como crítica, estivesse cada vez mais presente em seus escritos, e em suas máximas:

¹ MORAES, Dilane Zerbinatti. *O trem tá atrasado ou já passou*: sátira e as formas do cômico em Stanislaw Ponte Preta. 2003. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 18.

² IKONDER, Leandro. *Barão de Itararé*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 64.

³ 500 Máximas de Tia Zulmira. Arquivo Biográfico Sérgio Porto. Produção Intelectual. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira/Fundação Casa de Rui Barbosa, [s.d.].

“O fato de um homem ser muito preparado não implica que ele seja bom político: creolina também é preparado e limpa latrina”; “no Brasil a imunidade parlamentar existe para muito poucos deputados. Para a grande maioria o que existe mesmo é a impunidade parlamentar”; “A prosperidade de alguns homens públicos no Brasil é uma prova evidente de que eles vêm lutando pelo progresso do nosso subdesenvolvimento”⁵

O fato do humor político de Stanislaw explodir em 64, confirma a recrudescência do humor nos momentos críticos de reajustamento social e político, e foi um divisor de águas na obra do escritor. *Os Fepeapás* voltados para a sátira da mentalidade de “caserna”, na prática do “dedurismo” e na fobia subversiva, foram o mais ferino testemunho das manias, tiques, abusos e absurdos cometidos sob inspiração da nova ideologia governamental, conforme descreve o próprio autor:

Pouco depois da “redentora”, cocorocas de diversas classes sociais e algumas autoridades que geralmente se dizem “otoridades”, sentindo a oportunidade de aparecer, já que a “redentora”, entre outras coisas, incentivou a política do dedurismo (corruptela do dedo-durismo, isto é, a arte de apontar com o dedo um colega, um vizinho, o próximo enfim, como corrupto ou subversivo – alguns apontavam dois dedos duros, para ambas as coisas), iniciaram essa feia prática, advindo daí cada besteira que eu vou te contar⁶.

⁴ PORTO, Sérgio. Autorretrato do artista quando não tão jovem. Rio de Janeiro. *Revista Senhor* n. 54, p. 67, ago. 1963.

⁵ 500 Máximas de Tia Zulmira. Arquivo Biográfico Sérgio Porto. Produção Intelectual. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira/Fundação Casa de Rui Barbosa, [s.d.].

⁶ PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. *Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta). Literatura Comentada: Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*. São Paulo: Abril, 1981.

O humor de Stanislaw Ponte Preta é exemplar do caráter transgressor e libertador do riso, estudado por Sigmund Freud. Em *O chiste e suas relações com o inconsciente*, Freud aponta a função profilática do chiste para a saúde mental do indivíduo e das sociedades, em função do seu efeito libertador das emoções reprimidas, e pela compensação trazida pelo riso às contínuas interdições do prazer impostas pela rígidas regras sociais, principalmente nos contextos normativos das sociedades repressoras⁷. Assim, o chiste teria a função de romper com os determinismos, denunciando suas brechas e contradições, como se vê no Febeapá, no qual Stanislaw ridiculariza, e expõe ao escárnio público justamente aqueles que pretendiam impor a ordem social, pela força e pelo medo.

Herdeiro do Barão de Itararé, Stanislaw também se estabelece como referência para a turma do *Pasquim* e demais gerações de humoristas, até os nossos dias. Assumindo como ódios inconfessos “puxa-saco, burro metido a sabido e, principalmente, racista”⁸. O seu “politicamente incorreto”, longe de instigar preconceito, surgiu como típico recurso humorístico-literário de expor ao leitor a duplicidade de vozes, e as incongruência entre modelos corretos e idealizados de papéis sociais⁹.

⁷ FREUD, Sigmund. *El chiste y su relación con lo inconsciente*. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. Obras completas, v. 3.

⁸ PORTO, Sérgio. Autorretrato do artista quando não tão jovem. Rio de Janeiro. *Revista Senhor* n. 54, p. 67, ago. 1963.

⁹ PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta). Literatura Comentada: Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril, 1981.



DECLARAÇÃO*

ILUSTRAÇÃO AROEIRA

Um grupo de Teatro Amador da Guanabara ia a Sergipe para encenar "Joana em Flor", de autoria do coleguinha Reinaldo Jardim, e o General Graciliano não sei das quantas, secretário de segurança, mandou chamar a rapaziada, mantendo o elenco preso por várias horas, proibindo a peça, emitindo opiniões sobre teatro, citando autores, entre os quais J. G. de Araújo Jorge, não antes de ser soprado pelo ordenança, e disse que todo mundo era subversivo. Depois fez uma declaração digna de um troféu: "Em Sergipe quem entende de Teatro é a Polícia".

*N. do E.: esta crônica não possui título na versão original do autor, pois ela foi extraída do prefácio do livro *Febeapá 1*. A inclusão deste título é para organização do sumário, do índice catalográfico e uma solução para o projeto gráfico manter uma unidade visual.



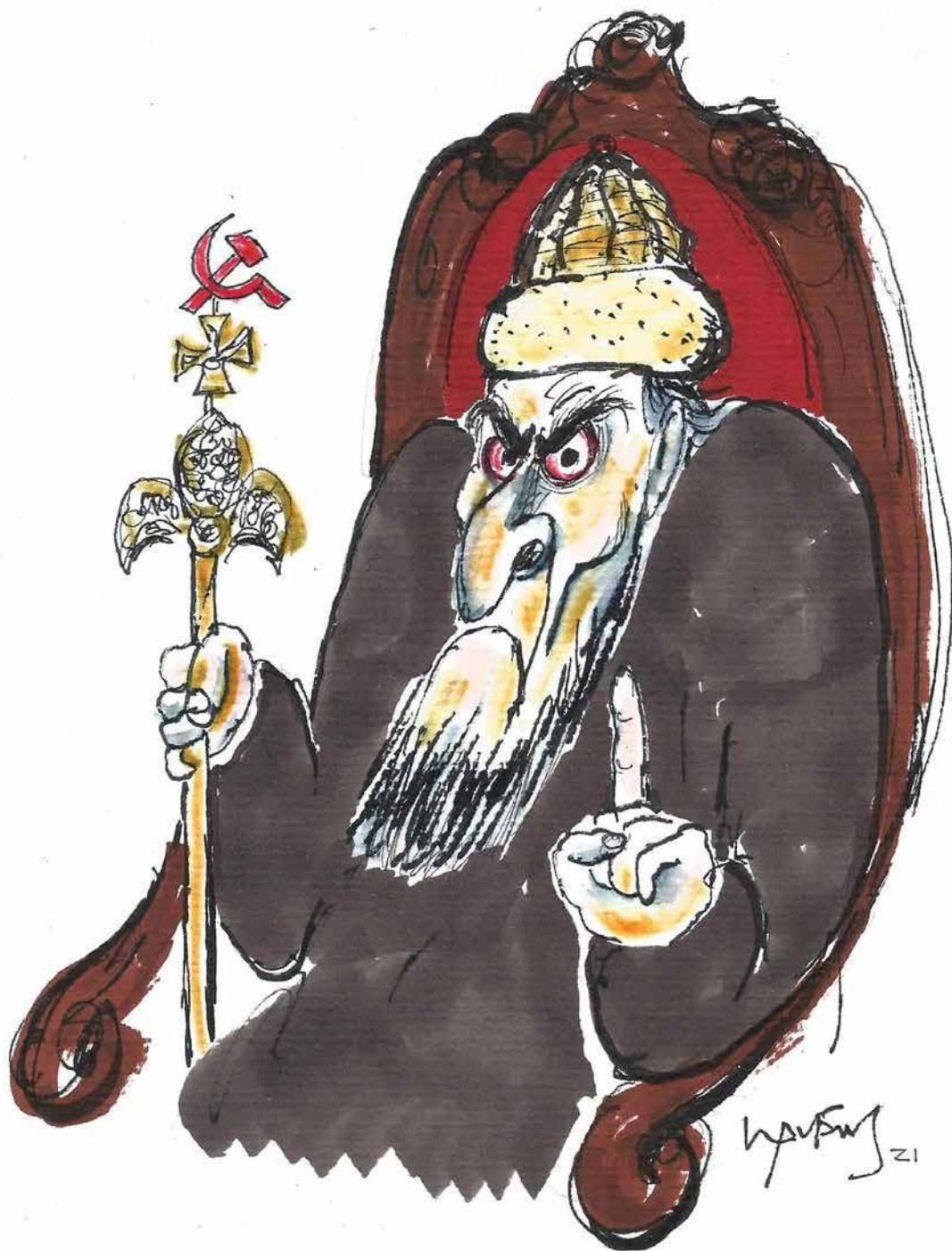
E A
TICA?

NÃO
GOSTOU.

TZAR SUBVERSIVO

ILUSTRAÇÃO CLAUDIUS

O célebre filme de Sergei Eisenstein, Ivan, o Terrível, que seria exibido pela primeira vez em Belém do Pará, durante um Festival de Cinema Russo, teve sua exibição proibida pelo Secretário de Educação. Segundo o distinto, a ordem veio “de escalões superiores (?)”, preocupados com o credo vermelho do Festival”. Portanto, nessa altura, deixava de ser festival cinematográfico e virava Festival de Besteira, porque a Revolução Russa ocorreu em 1917, enquanto o biografado Ivan (ou Ivã se preferem) morreu em 1584. Entre sua época e a época do comunismo, vai uma diferença de 333 anos e seria muito difícil Ivan estar metido nisso, por mais terrível que ele fosse.



SIRCFFSTETT*

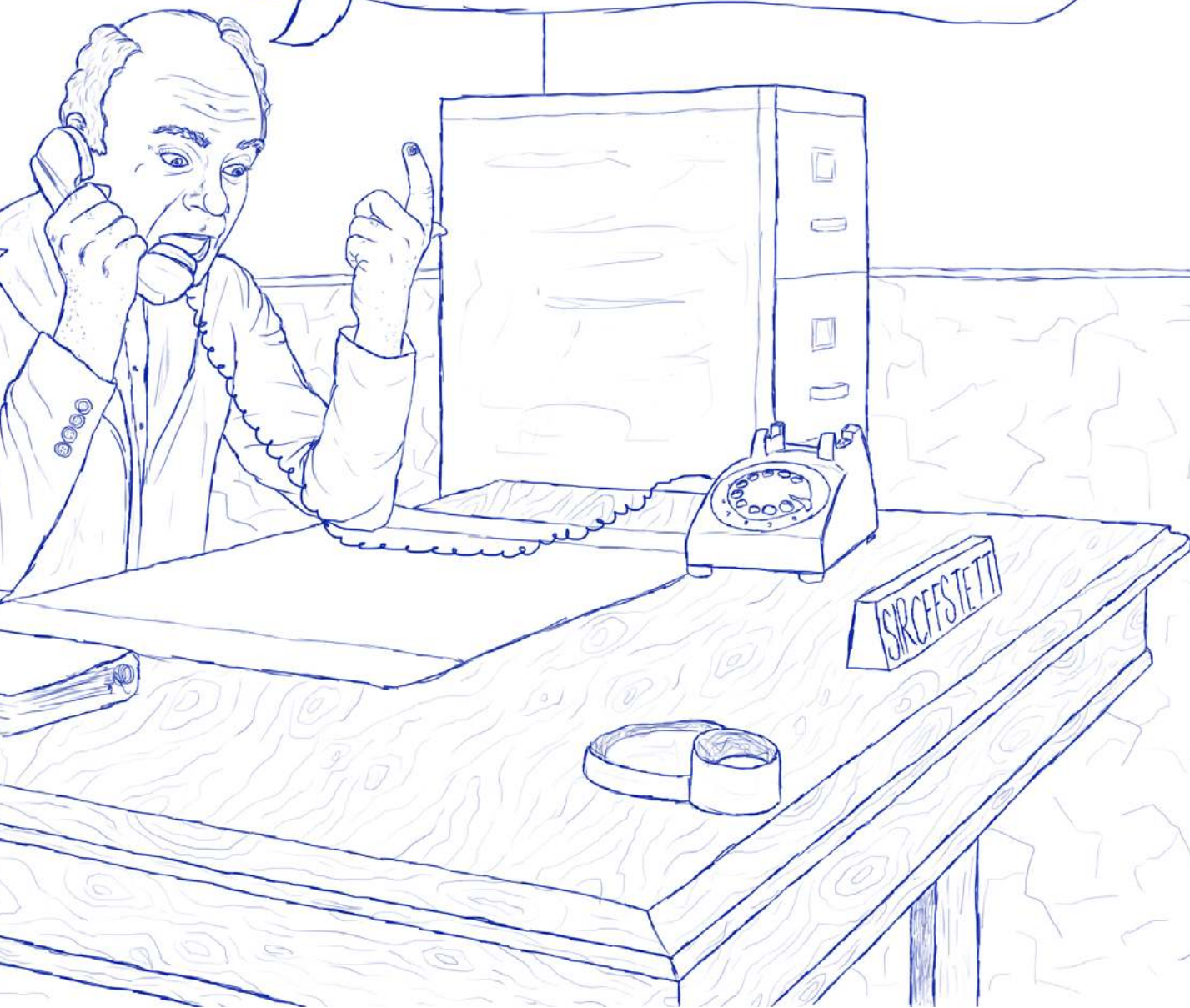
ILUSTRAÇÃO ANDRÍCIO DE SOUZA

E setembro começava com uma determinação do governador escalado Laudo Natel, criando um novo órgão, que tinha a sigla: SIRCFFSTETT. Ou seja, Setor de Investigações e Repressão ao Crime de Furtos de Fios de Serviços de Transmissões Elétricas, Telegráficas ou Telefônicas. Deve ser de lascar o cara trabalhar lá, atender o telefone e ter que dizer: "Aqui é da SIRCFFSTETT".

*N. do E.: esta crônica não possui título na versão original do autor, pois ela foi extraída do prefácio do livro *Febeapá 1*. A inclusão deste título é para organização do sumário, do índice catalográfico e uma solução para o projeto gráfico manter uma unidade visual.

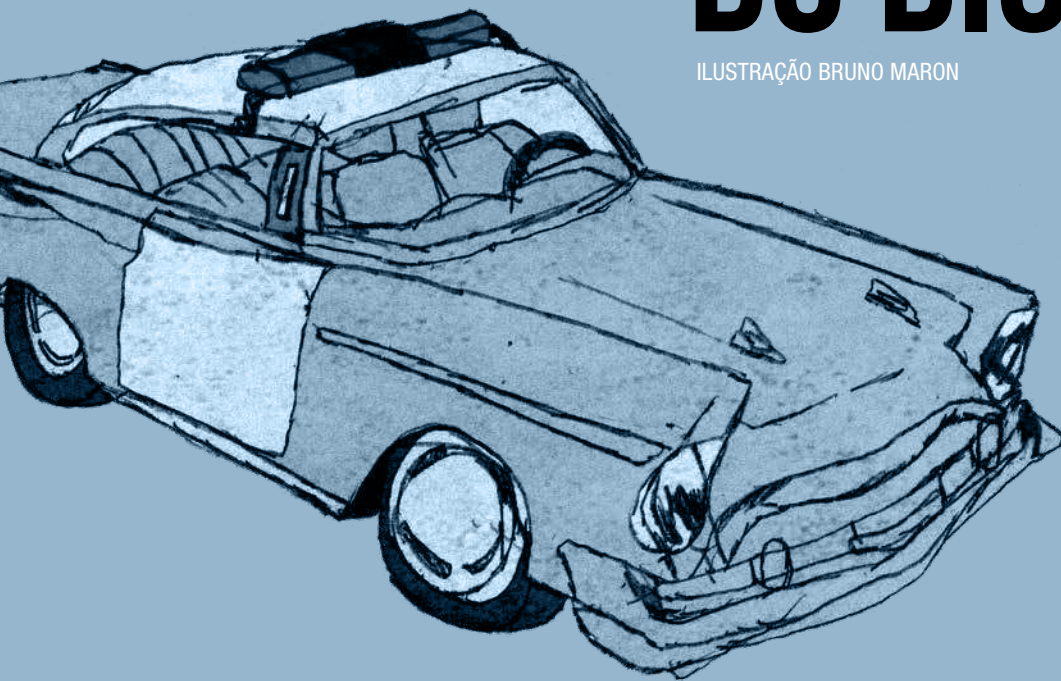


EU JÁ DISSE DEZENAS DE VEZES AO
SENHOR QUE AQUI É A SIRCFFSTETT,
NÃO A SIRCFFSTETS, E MUITO
MENOS A SIRCFFS TETJ!



POR TRÁS DO BIOMBO

ILUSTRAÇÃO BRUNO MARON





O homem é atropelado na rua ou cai fulminado por um ataque cardíaco. Pode morrer de indigestão ou pode morrer de fome, não importa. Depois da morte todos são iguais e lá fica aquele corpo estirado no asfalto, logo cercado por duas velas acesas, que mãos piedosas e incógnitas providenciam com impressionante presteza.

O homem está morto e os curiosos o rodeiam, dividindo-se entre retardatários curiosos e prestativos informantes.

— Como é que foi, hem?

— Ele sentiu-se mal, coitado. Nós sentamos ele no meio-fio, mas ele acabou morrendo.

— Pobrezinho!

A nossa imperturbável e deficiente polícia se incumbe de amainar o espírito do próximo; o seu sentimento de solidariedade. O falecido pode morrer à hora que for que ficará estirado na calçada, exposto à curiosidade pública, porque as autoridades policiais só vão aparecer depois que o caso já caminhou para o perigoso terreno da galhofa e o falecido já goza da intimidade dos que passam. Já não há mais aquele amontoado de gente à sua volta; apenas um ou outro curioso se detém por um instante, espia e parte. Já queimaram as velas que iluminaram sua alma na subida aos céus; enfim, o defunto virou vaca. Um cara que tinha ido pra lá, pouco depois do momento fatal, e que estava voltando pra cá algumas horas mais tarde, vê o corpo espichado no chão e berra:

— Puxa... Ainda não fizeram o carroto desse boneco!

Os que ouvem acham graça. A presença da morte já é da intimidade de todos e todos aceitam o desrespeito com o sorriso desanuviador. No dia seguinte os jornais comentam o fato, e terminam a notícia com as palavras de sempre: "O corpo do extinto ficou durante horas exposto à curiosidade pública, porque a perícia demorou a chegar".

Agora aparece o projeto do Deputado Fioravante Fraga. Vejam que beleza! O projeto obriga as delegacias distritais a contarem permanentemente com um biombo, para esconder os que morrem nas vias públicas. Como se isso adiantasse. Se a polícia é que chega atrasada, tá na cara que se ela trouxer o biombo, este também chega atrasado, pombas! De qualquer maneira, o noticiário policial vai variar o final da notícia: "O corpo do extinto ficou durante horas exposto à curiosidade pública, porque a polícia demorou a chegar com o biombo".





TEVÊ

ILUSTRAÇÃO JOÃO MONTANARO

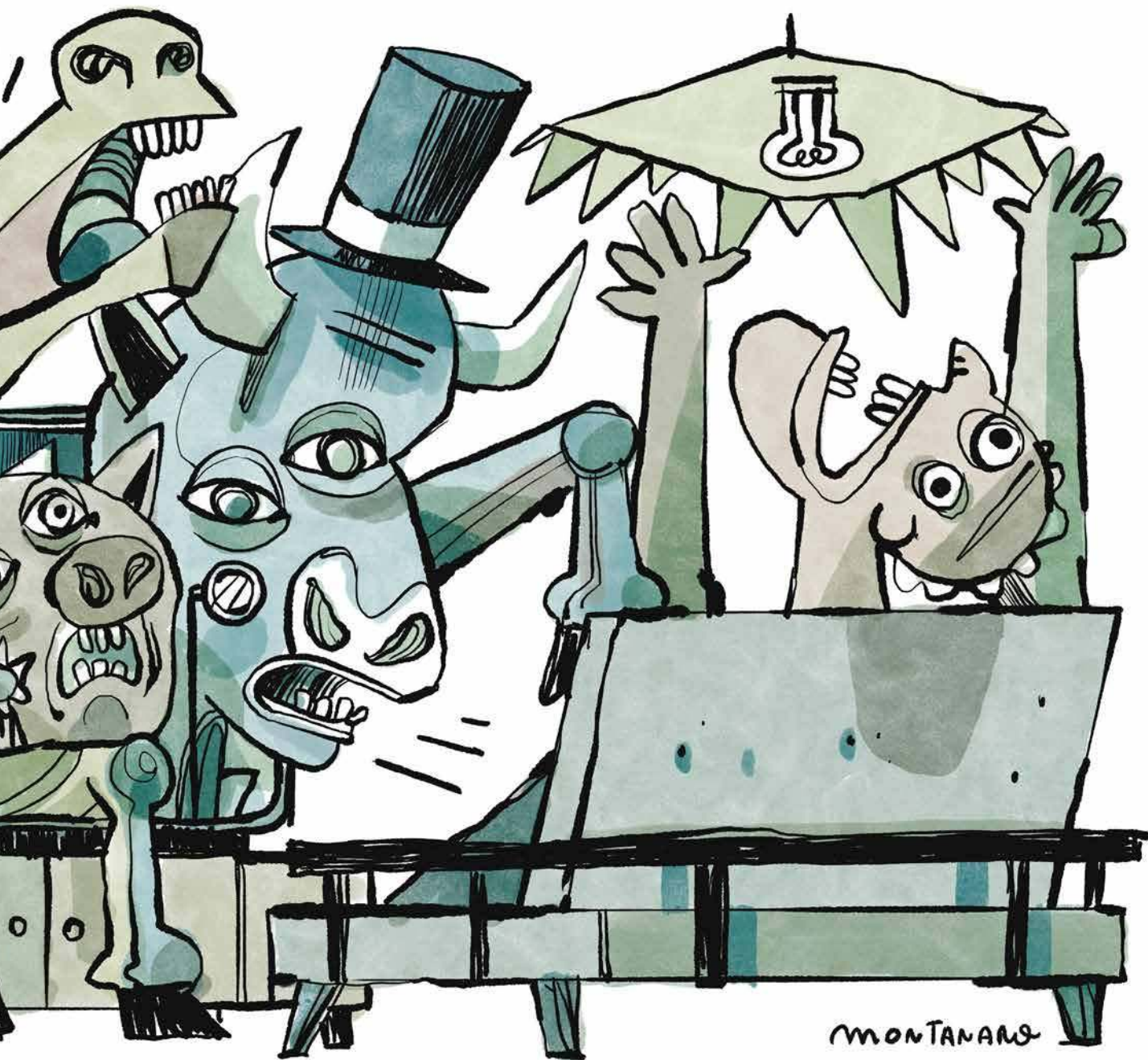
Tersten Breitz, um sueco, criador de cavalos de corrida lá em Estocolmo, anunciou que colocou um circuito fechado de tevê para tomar conta de animais.

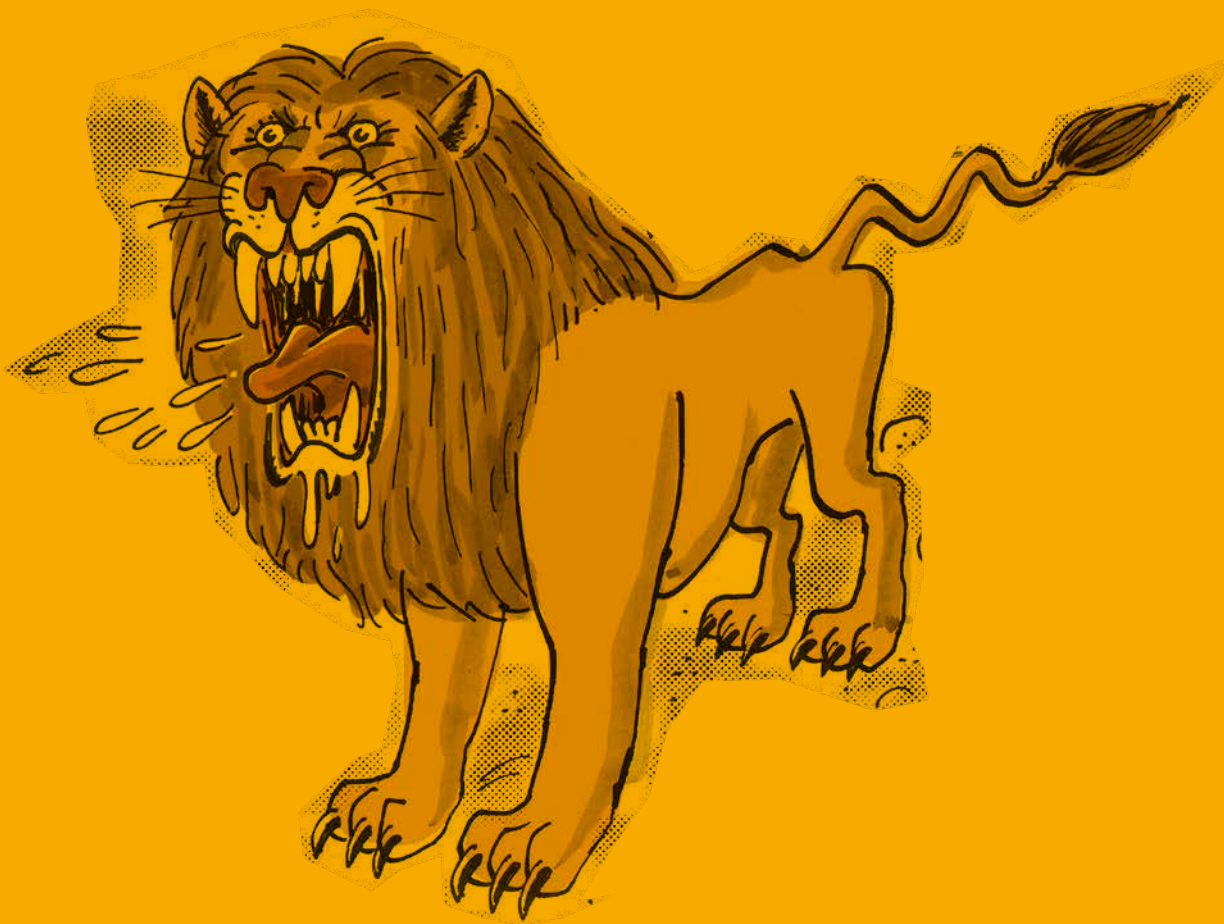
O telegrama acrescenta: "O Sr. Breitz fica sentado na poltrona de sua sala vendo os valiosos animais e observando o seu comportamento".

Tia Zulmira leu a notícia e sorriu com superioridade, para depois comentar:

"Como está atrasada a tevê sueca. Aqui o telespectador já faz isso há anos."







O OPERÁRIO E O LEÃO

ILUSTRAÇÃO LEONARDO LOPES



Esta fábula foi recolhida no folclore europeu pela veneranda Tia Zulmira, sábia ermitã da Boca do Mato, que ultimamente tem gasto seu precioso tempo justamente em pesquisas folclóricas.

Era uma vez um leão. Este leão trabalhava num circo que havia num reino distante e era considerado pelo povo do reino como um dos leões mais ferozes do mundo. Tal era o cartaz do leão que, quando ele trabalhava, o circo enchia mais que discurso de Flávio Cavalcanti, na televisão.

Um dia — foi num domingo — o povo daquele reino, que vinha sendo vítima dos reformadores contumazes de todos os reinos, países, principados e republiquetas, ouviu dizer que o leão ia aparecer em um número novo. E então todo mundo foi ao circo, ver a coisa, e se distrair um pouco.

Mas eis que, de repente, o feroz leão deu um pulo dentro da jaula e arrebentou as grades, fugindo para a rua. O pânico estabeleceu-se imediatamente. Todo mundo correu, menos um rapaz franzino que estava parado numa esquina, esperando a namorada. O leão avançou para o rapaz que, sendo muito valente, puxou um canivete que tinha, para fazer ponta em fósforo e economizar o palito. E só com aquele canivetezinho, ele matou o leão. A fera pulou em cima dele e ele teve tanta sorte que acertou uma canivetada na jugular do leão, que morreu de anemia ali mesmo.

Foi uma coisa espetacular. Logo o povo todo correu para festejar o rapaz e veio a imprensa, veio o rádio, a televisão e até as altas autoridades. Um ministro perguntou logo, diante da coragem do rapaz, se ele era chefe de esquadrilha de aviões de combate. Mas o rapaz não era. Um oficial da Marinha quis saber se o rapaz era piloto de submarino suicida. Mas o rapaz não era. Não pertencia a qualquer das Forças Armadas daquele reino.

— Mas então, que é que você é? — perguntou o diretor do maior jornal dali.

— Eu sou operário — respondeu o rapaz.

E no dia seguinte, todos os jornais do reino publicavam em manchete:

“Leão acuado e indefeso morto por feroz agente comunista”.





OS SUICIDADOS

ILUSTRAÇÃO BRUNO MARON

O "Diário Oficial" publica "Disposições de Seguros Privados" e mete lá: "O Superintendente de Seguros Privados", no uso de suas atribuições, resolve (...), "Cláusula 2 — Outros riscos cobertos — O suicídio e tentativa de suicídio — voluntário e involuntário".

Pombas! O que será suicídio involuntário? Alguns acham que é aquele que a polícia faz, de vez em quando, nuns presos pela aí.



PALMAS QUE ELE MERECE!

ILUSTRAÇÃO LEONARDO LOPES

Colhemos num coleguinha do Jornal do Brasil:

"O General José Horácio da Cunha Garcia fez uma firme apologia da Revolução e manifestou-se contrariamente às teses de pacificação, bem como condenou o abrandamento da ação revolucionária. O conferencista foi aplaudido de pé."

O distraído Rosamundo leu e, na sua proverbial vaguidão, comentou:

"Não seria mais distinto se aplaudissem com as mãos?"





MILITARIZAÇÃO

ILUSTRAÇÃO JOÃO LIN



Sonhou a noite inteira. Pesadelos tremendos, pesadelo com dragão, caída em abismos profundos, estas bossas. Bem que a mulher avisou que não devia comer salsicha no jantar. Se havia duas coisas que não combinavam era salsicha e seu estômago.

Quando comia salsicha no almoço, sentia que a distinta passava o dia inteiro no estômago, agora vocês façam uma ideia do que acontecia quando comia salsicha e ia dormir. Os pesadelos vinham um atrás do outro. Acordava suado, a tremer de medo. Era obrigado a levantar-se várias vezes durante a noite, tomar antiácidos.

Desta vez a salsicha levou-o a um estranho sonho. Talvez ande muito preocupado com a revolução, não sei. O fato é que, depois de uma das muitas vezes em que se levantou agitado, tornou a deitar e dormiu para sonhar que não havia mais emprego civil no país. Eram todos militares: os chefes de serviços nas repartições, os presidentes de autarquia, os ocupantes de cargos públicos. Mas isto era o de menos; em seu pesadelo percebia que todos eram militares: a orquestra da boate era uma banda militar, o porteiro do restaurante era um general, o homem do elevador era um capitão e assim por diante.

De repente, mesmo dormindo, deu uma gargalhada. A mulher sacudiu-o para acordar, pensando que ele tinha ficado maluco. Acordou e contou o estranho sonho à mulher: — Todo mundo era militar — explicou ele, ainda estremunhado.

— Mas você riu de quê? — quis saber a mulher.

— É que, no sonho, eu passei em frente de uma boate e tinha um cartaz na porta escrito: “Hoje sensacional *striptease*, com o Major Pereira”.



Additional Notes

[illegible]

Declaro a Juvenir Diretor de "Rio,
do Choro de Polícia Contra o Sen-
a Criminalista Evandro Lima a Sil-

Atendimento ao consumidor
Lima e Silva, um advogado, não se dá por satisfeito, mesmo depois de 10 dias, com a resposta da empresa para responder a ele. Ele quer saber se a empresa está sendo honesta e transparente. Ele quer saber se a empresa está sendo honesta e transparente. Ele quer saber se a empresa está sendo honesta e transparente.

Centre e Cinema
Nazionali

[illegible]

ESTIPIRADO BATA, como todos
 os outros, não esquece a vida
 pessoal, como família, e não
 deixa de ser pai e filho. Ele
 tem dois filhos, a filha mais
 velha, a arquiteta, e o filho
 mais novo, o engenheiro.
 Renato abandonou há alguns dias
 o trabalho para ir visitar a
 mãe, que está internada no
 Hospital de São Francisco de
 Assis, em decorrência de uma
 cirurgia no cérebro de mais de
 10 anos atrás. A internação dele na
 casa dos pais é temporária, mas
 ele não hesita em se dedicar
 ao cuidado com a mãe. Ele
 também não deixa de dedicar
 tempo ao trabalho. Ele trabalha
 como gerente de uma empresa
 de engenharia, e também é
 diretor de uma empresa de
 engenharia, e também é
 diretor de uma empresa de
 engenharia.

Uma terceira intenção é promover, através da publicação, a divulgação dos resultados da pesquisa, a fim de que possa ser utilizada por pesquisadores e profissionais da área e possa contribuir para o desenvolvimento da pesquisa e da prática da educação física.

— "A Portugal é um
Mundo de Seguros
no Céu."

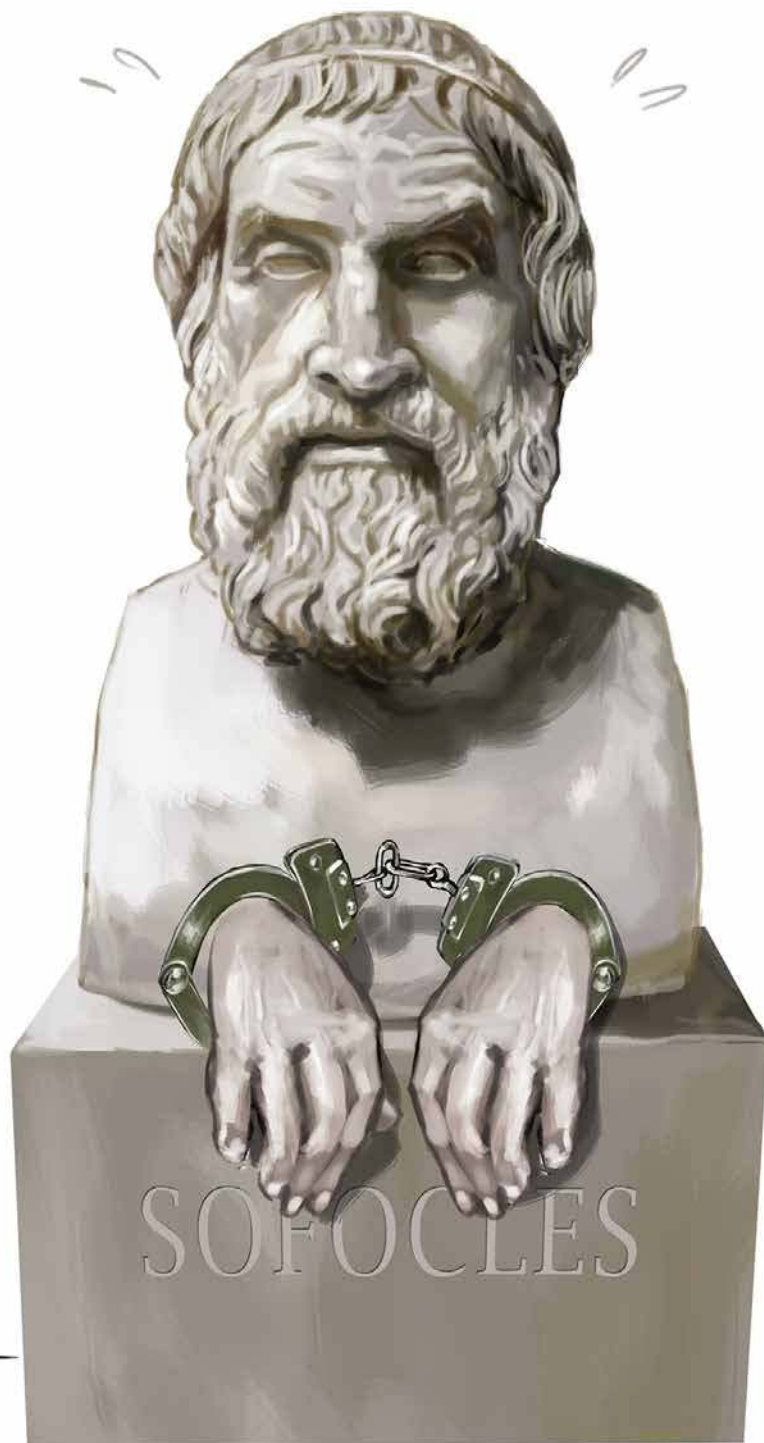
[illegible]ONAME
NDE

GREGO PROCURADO

ILUSTRAÇÃO AROEIRA

Em Niterói, que está participando demais deste III Festival, a Secretaria de Segurança proibiu a peça Édipo Rei, de Sófocles, num teatro, alegando que o texto é subversivo.

Não demora muito, vai aparecer na porta do teatro aquele tira disfarçado — chapéu, terno escuro e duas 45 na cintura — querendo saber como é que pode intimidar o tal de Sófocles a depor no DOPS.



AR
EIR 2021

PATRIMÔNIO

ILUSTRAÇÃO ALINE ZOUVI

Benedito aguardava na fila do cartório para registrar o filho, nascido dias antes. Era o quarto, aliás o quinto, mas é que um morrera ainda pequenino e esse Benedito não contava. Quatro filhos! Pensando bem até que não era muito. Podiam vir outros, é claro, mas Benedito achava difícil. Estava ficando velho; a mulher também. Benedito sorriu ao lembrar a mulher de outros tempos. Bem jeitosinha até. Agora Isaura estava um caco, mas foi um pedaço. Se foi! Para um casal pobre, eles tinham poucos filhos, sim: quatro. Pobre costuma ter muito mais filho. Pobre não tem mais nada pra fazer.

Alguém fora atendido lá na frente, a fila andou um pouquinho. Benedito deu um passo à frente. Ali mesmo na fila estava a prova. Quase tudo gente pobre como ele, para registrar filho. Gente que pouco mais do que aquilo poderia fazer pelo recém-nascido. Era registrar; o resto viria como Deus permitisse. Se, com três filhos, sua vida já era fogo, imagine com mais este.

Mas Benedito tinha um plano para dar um patrimônio à criança. Rememorava: tivera a ideia quando tomava um troço no botequim, perto da Casa da Mãe Pobre, onde Isaura era atendida. Quando entrou e pediu a cachaça, não pensava em nada. Tinha sido um impulso besta, ir até o botequim, sentar, pedir a bebida. E ali ficou bicando devagarinho, ouvindo a conversa dos outros.

Numa mesa próxima, três sujeitos conversavam, falando de política. Todos eles estavam de acordo num ponto: nada tinha melhorado, pelo menos para eles. Muda governo, discute-se, persegue-se, mas para eles era sempre igual.

— Igual não! Pior. Sempre pior! — protestou o que estava de frente para Benedito.

Os homens ficaram calados por um tempo. Um deles serviu-se de cerveja. O líquido dourado subiu pelo copo, fazendo espuma, e transbordou. O homem afastou o corpo de junto da mesa, com medo de que pudesse se molhar.

Depois riu amargo e falou:

— O galão da cerveja está recordando o cretino que eu fui.

Os outros esperaram para saber que cretino fora o companheiro:

— Meu pai fez tudo para me encaminhar no Exército e eu não quis. Já pensaram? Nesta altura não era galão de cerveja que eu teria não.

— Fala, coronel — disse um deles — mexendo com o que sonhava.

— Coronel não. General. Tô ficando velho. Já podia ser general.

A fila andou de novo; Benedito deu mais um passo. Da lembrança daquela noite, no café, enquanto esperava o filho nascer, passou para outras recordações. Sempre ouvira dizer que há pais que dão nomes estranhos aos filhos. Lembrou-se do caso que lhe contaram do menino registrado pelo pai logo depois de um carnaval. A criança foi registrada e batizada com o nome de Lança- Perfume Rodo Metálico. Benedito tinha lido nos jornais que a polícia proibira lança-perfume. Será que proibiram também o tal de Rodo Metálico de circular por aí, por causa do nome? Riu da ideia.

Olhou para a frente. Estava quase na sua vez. Na hora não iria titubear. Já sabia participar daquele ritual de cor e salteado. Quinto filho. A fila ia-se deslocando e Benedito ia pensando que todo o pai tem a obrigação de fazer o que puder pelos filhos. Ele pouco pudera fazer, até ali, pelos que já tinha, mas, pelo recém-nascido, faria alguma coisa. Tinha uma boa ideia.

Chegou a sua vez. Encostou no balcão e o auxiliar do escrivão apanhou uma folha limpa. Ficou esperando as perguntas:

— Nome do pai! É o próprio?

— Sou. Benedito. Benedito da Conceição Lopes.

— Lopes?

— Lopes.

— Mãe?

— Isaura Lopes.

— Como vai se chamar a criança?

— General Lopes.

— General? Mas General não é nome.

— Eu sei. Mas eu queria que se chamasse General. É um menino. O senhor compreende, eu sou pobre, ele também será. Quem sabe, quando ele crescer, os outros chamando ele de General, talvez, não sei... Talvez ele consiga ser mais do que eu fui... o senhor compreende?

O funcionário do cartório olhou para Benedito, mas, pelo olhar angustiado do pai, viu que ele não brincava: queria mesmo que o filho se chamasse General.

— Um momento — disse, e foi consultar o escrivão. Confabularam um instante, o escrivão olhou para Benedito e balançou a cabeça. General não podia.

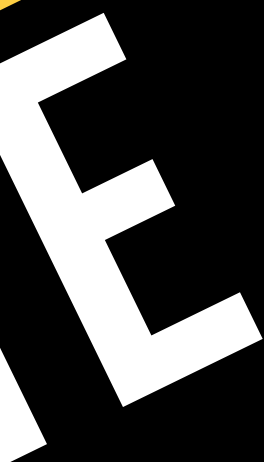
— Então bota João — falou Benedito.

E saiu do cartório mais triste que nunca.





0
FEBEAPÁ
PERSIST



A maior prova da permanência de Sérgio Porto, e de Stanislaw Ponte Preta, no imaginário brasileiro é a pergunta que, volta e meia, ouvimos num papo com amigos ou nas redes sociais: o que ele diria de todo esse festival de besteiras, tolices, asneiras, bestices, bobagens, bobeiras, burradas, cabeçadas, despautérios, destrambelhos, estultices, palermices, tontices, parvoíces, toleimas, ignorâncias — ufa!!! — em que o país se transformou?

Uma coisa é certa: Sérgio e sua persona Stanislaw estariam mais atarefados do que jamais estiveram em vida. Ou para usar uma expressão de Nelson Rodrigues — outro jornalista de quem os leitores sentem saudade — estariam mais cansados do que o remador de Ben-Hur.

Ele já havia tido quatro piripagues no coração, mas ninguém no fundo acreditava — ou não queria acreditar — que pudesse morrer tão cedo. Quando o regime militar decretou o AI-5, em dezembro de 1968, o carioca Sérgio Marcus Rangel Porto não dava mais o ar da sua graça em Copacabana, bairro onde nasceu e sempre viveu. Foi a única gentileza do ato ditatorial: chegar tarde demais para o escritor, que morreu de infarto no dia 30 de setembro daquele ano. Era um homem bonito, grande e sanguíneo, sempre de bom humor, elegante, espécie de carioca em tempo integral. Tinha apenas 45 anos. Não só os “cocorocas” e as “otoridades” ficaram órfãos de sua pena, tão engraçada quanto corrosiva, mas toda a nação.

Numa crônica de despedida, José Carlos (Carlinhos) Oliveira revelou a frase com que os companheiros de jornal, os “coleguinhas”, comunicaram uns aos outros a morte de Sérgio Porto: “O maior trabalhador do Brasil acaba de bater o pino”. A produção de textos em massa tinha relação com o cansaço do seu coração. Operário das palavras, ele estava sempre com o papel na máquina de escrever, só levantando os olhos dela, como o próprio gracejou, “para passar colírio”. Ficcionista, jornalista, radialista, teatrólogo, humorista, compositor, roteirista e apresentador de televisão. De preferência trabalhava em casa, só de cueca. Um mínimo de 15 horas por dia, descontando o mergulho na praia bem cedinho, que era de lei.

Ah, sim, também era namorador, pescador, colecionador de discos de *jazz*, profundo conhecedor do samba urbano carioca (a ponto de ter “redescoberto” Cartola lavando carros numa garagem de Ipanema e ajudado o criador de *As rosas não falam* a retomar a carreira artística), cronista da noite de Copacabana e, não por último, alto funcionário do Banco do Brasil. Dava expediente na agência central da Rua Primeiro de Março, no Centro do Rio. Muitas vezes aparecia por lá de *smoking*, indo ou chegando de alguma boate, e ninguém se espantava. Foi no BB que Sérgio conheceu o cartunista Jaguar, que mais tarde se tornaria o perfeito ilustrador de seus livros.

Com tinta de imprimir nas veias, desde cedo trabalhou em jornais e revistas. Para alguns um pseudônimo e para outros um heterônimo, Stanislaw Ponte Preta nasceu no moderno *Diário Carioca*, introdutor de lides e sublides na imprensa nacional. O auge da sua popularidade, contudo, se deu na *Última Hora* de Samuel Wainer, na companhia de seus familiares e agregados: tia Zulmira, primo Altamirando, Rosamundo, Bonifácio.

Era inevitável: a partir do golpe militar de abril de 1964, o jornalista dirigiu sua indignação — que antes esteve focada nos modos e maus costumes das classes ociosas e metidas à besta — para o campo político. O manancial de cretinice, que já era abundante, só fez aumentar. O *Febeapá* começou a ser publicado em 1966, dois anos depois da “Redentora”, que era como Sérgio Porto, um democrata, se referia ao regime dos generais. Com as fardas verde-oliva, chegaram autoritarismo e moralismo em altas doses. São comportamentos que no Brasil nunca morrem, apenas adormecem, para serem despertados pelo primeiro aventureiro que se aproveita de uma brecha ou de um golpe na história. A saída, ontem como hoje, é rir castigando os poderosos do momento. Foi o que fez Stanislaw Ponte Preta — e o que estão fazendo na atualidade os artistas convidados para ilustrar este livro.

Surpreende como algumas besteiras se repetem. Com a caserna de novo ocupando cargos públicos, o sonho do militar — que acorda depois de passar em frente a uma boate cujo cartaz anunciava: “Hoje sensacional *strip-tease* com o Major Pereira” — é de uma contemporaneidade que dói. A novela ou conto longo A Desinibida do Grajaú, reproduzida nesta obra, revela como a simples ação de lavar um carro, se você é mulher, bonita, gostosa e independente, pode provocar um terremoto num bairro conservador e machista.

Numa amostra de involução da sociedade, outras bobagens se aperfeiçoaram ao paroxismo. Daí a curiosidade de seus leitores em saber o que Stanislaw Ponte Preta falaria a respeito de quem vive na internet pontificando sobre a terra plana, o papa comunista, remédios sem eficácia para combater a Covid-19, a ditadura sem corrupção nem tortura, entre outras platitudes do Brasil sob Bolsonaro.

O humor de Sérgio Porto, no entanto, fugia do simples protesto político. Revelava-se numa concepção anarquista de ver o mundo. O que lhe interessava era o ridículo da condição humana, flagrada no impiedosamente engraçado *Febeapá*. Situação que, no Brasil atual dos ignorantes vaidosos da própria burrice, está elevada à enésima potência.

Alvaro Costa e Silva

LARICA





AR
EIR 2021

NO TEMPO DOS
MILITARES É
QUE ERA BOM!

VOCÊ DIZ ISSO
PORQUE NÃO ERA
NASCIDO



MEU PAI DISSE
QUE ELE VIVIA
MUITO MELHOR!

ELE DIZ ISSO
PORQUE VOCÊ
NÃO ERA
NASCIDO...



LEONARDO.

LICENÇA PARA MATAR



opa, por favor, a sra.
poderia sair da frente?



tou vendo 1 meliante a uns 30 metros
de distância e adoraria abatê-lo.



educação é
tudo, não
é mesmo.

FABIANE



EU DETESTO
ESSE SEU
JEITINHO
BLASÉ, LAMBE-
SACO DE EUROPEU

VOCÊ NÃO SENTE
VERGONHA DESSE
COMPLEXO DE
VIRA-LATA NÃO?

OLHA,
EU ATÉ
SENTIA...

...MAS DAÍ FUI
NUMA LOJINHA
HYPE EM LONDRES
E COMPREI ESSE
COMPLEXO DE GOLDEN
RETRIEVER

BRUNO MARON

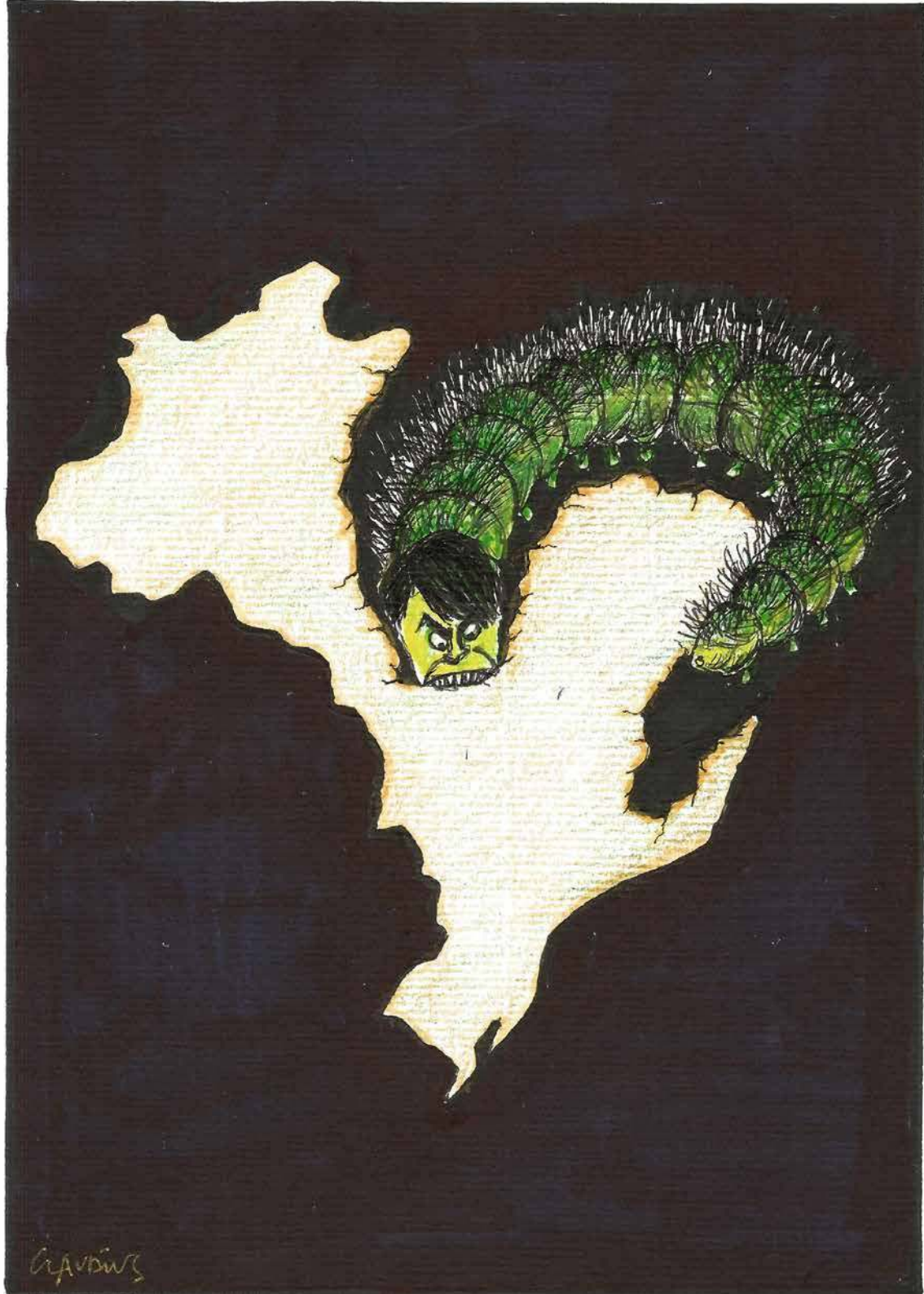
Como era o meu país em 2019

"FOI UMA ÉPOCA EM QUE REINAVA A CONFIANÇA."



democracinhas





PAI JAIR DA UZI

TRAZ A PESSOA ARMADA EM 3 DIAS

ACEITO
PIX!

OU
DEPÓSITOS
NA BOCA
DO CAIXA!



**NINGUÉM PODE OBRIGAR
NINGUÉM A TOMAR VACINA**



ESCROTOCRACIA















velha cosmo

MINI
BIO

Inspirados nas histórias e personagens criados por Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta, doze cartunistas convidados para este livro buscaram uma nova percepção dos textos selecionados. São releituras das crônicas do escritor que explodiu na literatura e no jornalismo cariocas há mais de 50 anos e segue atual.

Do esforço para essa tradução vemos nascer charges, caricaturas, cartuns e ilustrações criadas por artistas de diferentes gerações que conseguiram alcançar uma sintonia com o espírito crítico e irreverente do autor.

Aqui os ilustradores apresentam um resumo de suas trajetórias.

ALINE ZOUVI

Mestrado sobre as obras da quadrinista Alison Bechdel. Desde 2017, tem dado oficinas de quadrinhos, publicou cartuns em veículos como Folha de São Paulo e Piauí, tem participado de diversos eventos e feiras e publicado quadrinhos e zines, dentre os quais destacam-se Síncope (lançado na CCXP 2017 e vencedor do Prêmio Dente de Ouro 2018 e finalista do HQMix), Óleo sobre Tela (UgraPress, 2018) e Pão Francês (2019, finalista HQMix e Angelo Agostini).

ANDRÍCIO DE SOUZA

Andrício de Souza não sabe desenhar, mas é um cartunista que já escreveu e desenhou dois livros: “As 100 Primeiras e Melhores Tirinhas de Andrício de Souza”, e “O Intestino Eloquente”, este pela Editora Espirro. Também já publicou diversas vezes na Piauí – revista que provou sua grandeza por continuar interessante apesar disso. É conhecido por se expressar utilizando apenas uma caneta bic. Não uma específica. Ele já utilizou várias. Mas ele utiliza apenas uma cor. Tem 33 anos, portanto já pode ser considerado um adulto – o que o deixa amplamente desconfortável, já que sempre justificou suas asneiras com a desculpa de ser jovem e imaturo.

ALLAN SIEBER

Allan Sieber (Porto Alegre, 1972) é roteirista. De 1999 a 2014 manteve Animados, estúdio sediado no Rio de Janeiro, na Rede Globo e Globosat em rotação. Em 2017 publicou as tiras “Preto no Brasil” na Folha de S. Paulo. Foi editor da Trip, Playboy e atualmente publica na Folha. Mora no Rio de Janeiro, onde mantém a galeria de arte ao seu ateliê em Copacabana.

BRUNO MARON

Formado em Design e pós-graduação em Arte pela PUC-Rio. Trabalhou nos principais jornais do Brasil) como ilustrador e infografista.

Lançou duas coletâneas de quadrinhos: o Manual do Quadrinista pelo selo Maria Nanquim, e o Manual do Quadrinista pela editora Lote 42. Colabora eventualmente com quadrinhos para veículos como a Folha de São Paulo, Diplomatique e Vice Brasil, entre outros. Teve uma exposição coletiva “Direct Message” em 2018. Em 2019, teve sua primeira exposição individual de quadrinhos e telas na Nona Arte Galeria. Também faz pintura, quadrinhos e ministra oficinas.

AROEIRA

artista plástico, cartunista e fundador da Tscographics Desenhos em São Paulo e colaborou para charges em jornais de Janeiro e colaborou para charges em jornais de Janeiro e colaborou para charges em jornais de Janeiro para a TV. De 2005 a 2017 foi colaborador fixo das revistas "O Bico" e "Bifaland, a cidade das charges". Colaborador fixo das revistas "O Bico" e "Bifaland, a cidade das charges". Reside no Rio de Janeiro. Galeria A Hostil Carioca, anexa ao Museu de Arte Moderna.

Nasceu em BH. Começou profissionalmente como ilustrador de livros didáticos infantis, aos 12 anos. Logo começa a publicar quadrinhos, cartuns e charges na imprensa mineira. Após dois anos no Diário da Tarde transfere-se para o Rio, onde ficou como ilustrador no Globo até 1989. Retorna a Belo Horizonte para mais um ano de charges diárias na capa do Diário da Tarde. Ganha o Prêmio Imprensa de Pernambuco. Volta ao Rio no Globo, no JB e fica por duas décadas no Dia. Lá recebeu os prêmios Wladimir Herzog de Direitos Humanos e o Líbero Badaró de Jornalismo, na categoria charge. Atualmente publica no portal 247.

CLAUDIUS

graduado em animação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalhou em estúdios de animação e em empresas de publicidade. Trabalha atualmente em animação e em empresas de publicidade. Trabalha atualmente em animação e em empresas de publicidade.

trabalhou em animação e em empresas de publicidade. Trabalha atualmente em animação e em empresas de publicidade. Trabalha atualmente em animação e em empresas de publicidade. Trabalha atualmente em animação e em empresas de publicidade. Trabalha atualmente em animação e em empresas de publicidade.

Acaba de ser tombado pelo Instituto Moreira Salles, é filho de um imigrante italiano que veio fazer a América, errou de hemisfério e foi parar em Garibaldi, RS, onde Claudius nasceu. Aos 4 anos, veio com a família para o Rio. O universo da infância - revistas ilustradas estrangeiras, assinadas pelo pai, Tesouro da Juventude e Monteiro Lobato - alimenta até hoje as charges e os cartuns que, prolífico, não pára de desenhar. A Arquitetura e o Design convivem com a colaboração nas principais publicações brasileiras, com as experiências de 12 anos lá fora e com as muitas histórias vividas e curtidas nos 34 anos da ONG CECIP.

FABIANE LANGONA

Nasceu em Porto Alegre e é graduada em jornalismo pela Faculdade de Comunicações Sociais (PUC-RS). Cartunista e autora de quadrinhos, atua nas mais diversas áreas das artes gráficas. Começou sua carreira como assistente de redação da Revista MAD in Brazil, tendo publicado por lá seus primeiros trabalhos. É autora dos Livros Algumas Mulheres do Mundo, e Uma Patada com Carinho, troféu HQ Mix de Melhor Publicação de Humor Gráfico. Seu mais recente lançamento independente é o fanzine A mediocrização dos Afetos. Desde 2017, publica diariamente a tira Viver Dói, no jornal Folha de São Paulo.

LEONARDO LOPES

Cartunista em reconstrução.

JOÃO LIN

Multiartista com atuação na produção, ilustração, tatuagem, videoarte e música. Tem recebido vários prêmios em salões nacionais e internacionais de quadrinhos e edita a revista de quadrinhos Quadrinhos. Publicou livros de literatura infantil e juvenil por editoras como: Melhoramentos, Companhia Planeta, Larousse, entre outras. Trabalha com música experimental no projeto Inimigo. Também desenvolve, como tatuador, projeto de

PAULO CAVALCO

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Tem mais de 20 anos, ilustrações e caricaturas publicadas em vários meios. Com eles, foi premiado no Brasil e no exterior. Em 2010, retrospectiva de sua carreira no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), em que mescla caricaturas e ilustrações com a que vem se dedicando mais intensamente. A exposição foi recomendada com o selo de qualidade pela revista "Veja Rio". Também recebeu alguns dos principais prêmios de arte. Foi vencedor do 1º Salão Latino-americano de Desenho e Arte Plástica Latina. Seu trabalho, no desenho e na pintura, é a maioria das vezes, pela figura humana.

JOÃO MONTANARO

ção de quadrinhos, cartuns, música experimental. Recebeu prêmios nacionais e internacionais de humor e quadrinhos independentes: Ragu. Trabalhou no mercado editorial infantil e juvenil como ilustrador e escritor. Foi diretor de SM, Scipione, Dimensão, Aventuras e Aventura-se no universo da consistência, Acaso e Erro e autor de tatuagem autoral.

João Montanaro começou a trabalhar em 2010 para a Folha de São Paulo desenhando charges políticas e ilustrações. Já publicou em diversas revistas como Mundo Estranho, Recreio, Superinteressante, Le Monde Diplomatique e Piauí. Publicou o livro “Eu não me arrependo de nada!” em 2016. Atualmente, trabalha em projetos áudio visuais.

CA

Autodidata, publicou, durante anos, charges para jornais, revistas e livros. Em 2014, teve uma exposição no exterior. Em 2014, teve uma exposição no Museu Nacional de Belas Artes em São Paulo e pinturas em telas, atividades que tem desenvolvido nos últimos anos. Destacou-se pela crítica especializada em participações em salões, onde expôs suas obras. Entre eles, em 2016, venceu o Prêmio de Humor, no Memorial da América Latina ou na pintura, é marcado, na história da arte.

VELHA COSMO

Velha Cosmo é cartunista, chargista e criadora da revista VELHA Cosmopolito. Foi publicada em antologias como “Idea Fixa”, “Golden Shower”, “Picles - Só Mulherada”, “Marcatti 40”, “Pé-de-Cabra 1, 2 e 3”, “Inverna” e “Cidadanista”. Participou das exposições “Mujeres Palestinas, resistencia por detrás de los muros (Argentina)”, “Marcatti 40”, “Histórias Feministas – artistas depois de 2000” (MASP), do “Projeto Arte na Capa” (Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso) e Seminário “A Charge como Expressão Cultural e Política no Brasil”, na Câmara dos Deputados (Comissão de Cultura).

FONTES

Veja os textos de Sérgio Porto e de Stanislaw Ponte Preta reunidos nesta publicação e saiba de quais obras foram extraídos:

A Desinibida do Grajaú [p.44–67]

In: PORTO, Sérgio. *As Cariocas*. São Paulo: Círculo do Livro, 2ª Edição, 1975.

Perfil da Tia Zulmira [p.74–81]

Notícia de jornal [p.82–85]

Levantadores de copo [p.86–89]

Lição de nudismo [p.90–91]

In: PONTE PRETA, Stanislaw. *Tia Zulmira e Eu*. Círculo do Livro, 1975[94-99]

Biografia de Mirinho [p.92–97]

Escovas musicais [p.98–98]

O 1º de Abril [p.100–103]

A Velha Contrabandista [p.104–107]

In: PONTE PRETA, Stanislaw. *Primo Altamirando e Elas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

Declaração [p.114-115]

SIRCFFSTETT [p.118-119]

Por Trás do biombo [p.120–123]

Patrimônio [p.140–143]

In: PONTE PRETA, Stanislaw. *Febeapá 1*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981

Tzar subversivo [p.116–117]

In: PONTE PRETA, Stanislaw. *Febeapá 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

TEVÊ [p.124-125]

Os suicidados [p.130–131]

Grego procurado [p.138–139]

Palmas que ele merece [p.132–133]

In: PONTE PRETA, Stanislaw. *Febeapá 3*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

O operário e o leão [p.126–127]

Militarização [p.134–135]

In: PONTE PRETA, Stanislaw. *Garoto Linha Dura*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Jorge – O novelista Sergio Porto, in As Cariocas Circulo do Livro, 2ª Edição, São Paulo, 1975.

BENEDITO, Mouzar – Sintonizando com o Brasil, in Revista Teoria e Debate, Fundação Perseu Abramo, 01/10/1993, link - <https://teoriaedebate.org.br/estante/febeapa-1-1o-festival-de-besteira-que-assola-o-pais/>, consultado em 24/02/2021.

FRANCISCO, Severino – Antologia mostra a perspicácia de Stanislaw Ponte Preta, Correio Brasiliense, link - https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2011/08/31/interna_diversao_arte,267748/antologia-mostra-a-perspicacia-de-stanislaw-ponte-preta.shtml, consultado em 24/02/2021.

MARIA, Maurício Alves de Fraga - Das gossip columns às novas colunas sociais brasileiras, Jornal do Brasil, 18 de março de 1995, in Histórica - Revista Eletrônica do Arquivo do Estado de São Paulo, link - <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao33/materia03/>, consultado em 24/02/2021.

MESQUITA, Cláudia – De Copacabana à Boca do Mato – O Rio de Janeiro de Sérgio Porto a Stanislaw Ponte Preta, Edições Casa Rui Barbosa, Rio Janeiro, RJ, 2008.

PERISSÉ, Gabriel – Filosofia, Ética e Literatura, Editora Manole, Barueri, São Paulo, 2004.

PORTO, Sergio – As Cariocas, Circulo do Livro, 2ª Edição, São Paulo, 1975.

RIO, João do – Uma Antologia, José Olympio Editora, 4ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, 2005.

FREUD, Sigmund. El chiste y su relación con lo inconsciente. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. Obras completas, v. 3.

MORAES, Dilane Zerbinatti. O trem tá atrasado ou já passou: sátira e as formas do cômico em Stanislaw Ponte Preta. 2003. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

KONDER, Leandro. Barão de Itararé. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta). Literatura Comentada: Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril, 1981.

PARA LER SÉRGIO PORTO

PORTO, Sérgio. *Pequena história do jazz*. Rio de Janeiro: Os Cadernos de Cultura, Ministério da Educação e Saúde, 1953.

_____. *O homem ao lado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

_____. *A casa demolida*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

_____. “É esta a gíria de hoje”, in: BANDEIRA, Manuel & ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). Rio de Janeiro em prosa e verso. Coleção Rio 4 Séculos, vol. 5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

_____. “Garota de Ipanema”, in: *A cidade e as ruas: novelas cariocas*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

_____. *As cariocas*. Prefácio de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966

_____. *A Revista do Lalau: uma seleção de raridades, textos dispersos e inéditos de Sérgio Porto, o homem que inventou Stanislaw Ponte Preta e o país do Febeapá*. Luís Pimentel (org.). Rio de Janeiro: Agir, 2008.

PARA LER STANISLAW PONTE PRETA

PONTE PRETA, Stanislaw. Tia Zulmira e Eu. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1961.

_____. *Primo Altamirando e Elas* Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

_____. *Rosamundo e os Outros* Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

_____. *Garoto linha dura*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

_____. *Febeapá 1* — Festival de besteira que assola o país. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

_____. *Febeapá 2* — Festival de besteira que assola o país. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1967.

_____. *Febeapá 3* — A máquina de fazer doido. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968.

_____. *Na terra do crioulo doido*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968.

_____. *A Carapuça*, semanário hepático-filosófico, editado por Stanislaw Ponte Preta, Groenlândia, GB, n. 1, 22 ago. 1968.

- _____. *Máximas inéditas de Tia Zulmira* Rio de Janeiro: Codecri, 1976.
- _____. *O melhor de Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- _____. *Dois amigos e um chato*. São Paulo: Moderna, 1983.
- _____. *Bola na rede: a batalha do Bi* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- _____. *Gol de padre e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2001.

SOBRE SÉRGIO PORTO | STANISLAW

PAULILLO, Maria Célia Rua de. *Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta)* – Literatura Comentada. São Paulo: Abril, 1981.

SÉRGIO, Renato. *Dupla exposição*: Stanislaw Sérgio Ponte Porto Preta. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

MESQUITA, Cláudia. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro. Casa de Rui Barbosa, 2008.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ângela Porto, Gisela Porto, Solange Porto e Duda Porto de Souza, Lúcia Riff e equipe da Agência Riff, Célia Pierantoni e Jaguar, Vitor de Lima Trope, Marise Farias, João Lin, Allan Sieber, Fabiane Langona, Liana Pérola Schipper, Udi Florião, Livia de Almeida, Tiza Lobo, Suely Farhi, Rebeca da Silva Braia, Monica Behague, Beatriz Nascimento, Nathalis Mansília, Yasmin Mourão, Guilherme Durão e Thiago Rohen.



Ficha técnica

Concepção de projeto e organização

Ilana Braia

Pesquisa e desenvolvimento

Cláudia Mesquita

Curadoria

Ilana Braia

Assistência de curadoria

Bruno Maron

Seleção de textos de Sérgio Porto e Stanislaw

Claudia Mesquita, Nathaniel Braia,

Ilana Braia e Marise Farias

Assistencia de seleção de textos

Bruno Maron

Textos adicionais

Cláudia Mesquita [**Supervisão**]

Alvaro Costa e Silva

Duda Porto de Souza

Nathaniel Braia

Cartunistas

Aline Zouvi, Allan Sieber, Aroeira,

Andrício de Souza, Bruno Maron, Claudius,

Fabiane Langona, João Lin, João Montanaro,

Leonardo Lopes, Paulo Cavalca e Velha Cosmo

com participação especial do Jaguar

Design gráfico e Diagramação

Páprica Design

Beatriz Nascimento e Ilana Braia

Ilustração da capa

Jaguar

Direção de produção

Ilana Braia

Produção

Marise Farias

Revisão de texto

André Luís Câmara

Transcrição de texto

Tainá Occiuzzi Braia

João Pedro Câmara

Consultoria de Pesquisa de imagem

Laís de Azevedo Rodrigues

Web designer

Gustavo Cardozo

Realização



Patrocínio



CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

